



Paulo da Nazaré Marques dos Santos

CIPIÃO O AFRICANO E A REINVENÇÃO DO EXÉRCITO ROMANO

Dissertação de Mestrado em História Militar, orientada pelo Professor Doutor João Gouveia Monteiro, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015



Faculdade de Letras

CIPIÃO O AFRICANO E A REINVENÇÃO DO EXÉRCITO ROMANO

Ficha Técnica:

| | |
|-------------------------------|--|
| Tipo de trabalho | Dissertação de Mestrado |
| Título | CIPIÃO O AFRICANO E A REINVENÇÃO DO EXÉRCITO ROMANO |
| Autor | Paulo da Nazaré Marques dos Santos |
| Orientador | Doutor João Manuel Filipe de Gouveia Monteiro |
| Júri | Presidente: Doutor António Resende de Oliveira Vogais: 1. Doutor José Luís Lopes Brandão 2. Doutor João Manuel Filipe de Gouveia Monteiro |
| Identificação do Curso | 2º Ciclo em História |
| Área científica | História |
| Especialidade/Ramo | História Militar Antiga |
| Data da defesa | 22-07-2015 |
| Classificação | 18 valores |



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

AGRADECIMENTOS

Para a realização desta dissertação contribuíram decisivamente várias pessoas às quais desejo agradecer, com toda a minha gratidão.

Em primeiro lugar ao Professor Doutor João Gouveia Monteiro que me orientou na sua realização e que com a sua ajuda preciosa, a sua disponibilidade e oportuna intervenção me conduziu pelos complexos meandros da heurística histórica e do rigor de análise. A sua competência científica foi para mim um extraordinário modelo que julgo me conduziu na exatidão necessária à realização deste trabalho.

Agradeço também ao Professor Doutor José Manuel Henriques Varandas a oportuna criação do mestrado interuniversitário de História Militar que me fez encontrar o esteio que desejava para desenvolver o meu trabalho historiográfico.

Aproveito ainda o ensejo para demonstrar o meu reconhecimento a:

Professora Doutora Maria de Fátima Reis

Professor Doutor Luís Manuel Araújo

Professor Doutor António Ramos dos Santos

Raquel Maria da Cunha Ferreira

Maria Leonor Cruz Pontes

Nuno Luz de Almeida

Tiago Pinto

Maria da Conceição Duarte

Filipa Machado

Ana Galvão

José João Serra

Teresa Noémia de Deus Ferreira

RESUMO

O nome de Cipião ‘o Africano’ ergue-se como uma verdadeira luminária no universo da chefia militar dos exércitos da República romana. A sua competência enquanto general, quer no domínio da estratégia, quer nas suas realizações táticas, não encontra paralelo no que sabemos sobre o que foram os desempenhos militares dos grandes comandantes romanos. Cipião toma conta dos destinos militares de Roma durante a II Guerra Púnica, num contexto particularmente difícil, mas com a sua extraordinária visão estratégica e tática, vai conseguir mudar radicalmente o funesto destino que parecia então estar reservado à Urbe. Inicia um colossal conjunto de campanhas ousadas, com opções militares corajosas e inovadoras, numa programação detalhada de cada batalha, mostrando-nos uma capacidade de observação do inimigo e uma compreensão do potencial da legião que, estamos em crer, não terá sido atingida por nenhum outro comandante, nem antes nem depois. É surpreendente como Cipião consegue reutilizar e reinventar o potencial das suas legiões, aproveitando todos os recursos que o pragmatismo da sua fecunda imaginação lhe vai inspirando. Fatores como o seu magistral sentido de oportunidade, como a velocidade, o aproveitamento detalhado das condições atmosféricas ou do terreno, a surpresa, a utilização inovadora da constituição da estrutura manipular da legião, a dissimulação e a tentativa de ludibriar o adversário, as subtis e rápidas manobras de envolvimento, a forte manipulação psicológica dos seus homens e da moral do inimigo, vão ser apenas algumas das características mais marcantes das campanhas deste genial comandante.

ABSTRACT

The name of Scipio 'the African' rises like a true luminal in the universe of the military leadership of the roman republic armies. His mastery as a general, either in the strategic domain or in his tactical achievements, doesn't have any parallel with what we know about the military performances of the great roman generals. Scipio determines Rome's military destiny during the Second Punic War, in a very difficult context, but with his own extraordinary strategic and tactical vision, he will be able to radically change the ominous destiny which seems to be reserved for the *Urbe*. He starts a colossal set of bold campaigns with brave and innovating military options and a comprehensive outlining of each battle, showing an ability in observing the enemy and an understanding of the legion's capability which, we believe, were not achieved by any other commander, neither before nor after. It's surprising how Scipio attains to reutilize and reinvent the potential of his legions, availing himself of all the means that the pragmatism of his prolific imagination inspires. Aspects like his own masterly sense of opportunity, speediness, the detailed appraisalment of the weather or terrain conditions, the element of surprise, the innovating use of the manipular constitution of the legion, dissimulation and the attempt to deceive the adversary, the subtle and fast encirclement maneuvers, as well as the strong psychological manipulation of his own men and the enemy's morale are only a few of the most impressive campaign characteristics of this genius commander.

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1. CIPIÃO O AFRICANO – UM GÊNIO MILITAR | 8 |
| 1.1. O Contexto das Guerras Púnicas – Aníbal às Portas de Roma | 8 |
| 1.2. Uma Nova Estratégia Romana para Debelar a Ameaça Cartaginesa – Cipião e uma Diferente Visão Tático-Estratégica da Conjuntura da II Guerra Púnica | 13 |
| 2. CIPIÃO EM NOVA CARTAGO – MARÇO DE 209 A.C. | 18 |
| 2.1. Início da Minuciosa e Ousada Programação Estratégica Hispânica | 18 |
| 2.2. Uma Conquista Surpreendente | 21 |
| 3. A BATALHA DE BÉCULA – VERÃO DE 208 A.C. | 24 |
| 3.1. Uma Tática Inteligente para Superar uma Forte Posição do Inimigo | 24 |
| 3.2. Cipião Derrota o Exército de Asdrúbal Barca. | 25 |
| 4. A BATALHA DE ILIPA – VERÃO DE 206 A. C. | 29 |
| 4.1. Fim do Poderio Púnico na Hispânia | 29 |
| 4.2. A ‘Dança’ das Ordens de Batalha | 30 |
| 4.3. Uma Demolidora Surpresa para Asdrúbal Gisgão | 33 |
| 4.4. Uma Inovadora Manobra de Envolvimento | 35 |
| 5. AFIRMAÇÃO DO PODER ROMANO EM ÁFRICA | 38 |
| 5.1. Cipião e uma Grande Visão Estratégica para o Contexto Africano | 38 |
| 5.2. Uma Convicção Profunda | 42 |
| 5.3. A Importância de Masinissa | 46 |
| 6. ESTRATEGEMA DE BAGRADES | 48 |
| 6.1. Uma Dificuldade Estratégica | 48 |
| 6.2. <i>Metis e Andreia</i> - Uma Nova Conceção de Fazer a Guerra | 53 |
| 6.3. Um Ousado Plano Estratégico | 55 |
| 6.4. As Novas Dificuldades Logístico-Táticas | 57 |
| 7. BATALHA DAS GRANDES PLANÍCIES – JUNHO DE 203 A.C. | 63 |
| 7.1. Início do Domínio Romano em África | 63 |
| 7.2. Cartago à Mercê dos Romanos | 64 |

| | |
|---|------|
| 8. BATALHA DE ZAMA – 19 DE OUTUBRO DE 202. UM COMBATE DE GIGANTES | 70 |
| 8.1. Entre a Paz e a Guerra | 70 |
| 8.2. Aníbal Regressa a África | 74 |
| 8.3. Uma Paz Destruída. Uma Reparação Requerida | 81 |
| 8.4. Zama - Os alvores de uma Batalha Decisiva | 83 |
| 8.5. Zama – Os pródromos da Batalha | 89 |
| 8.6. O Inferno em Zama | 95 |
| 8.7. Uma Poderosa Arma Secreta | 95 |
| 8.8. Um Momento Crucial | 102 |
| 8.9. Cipião Coberto de Glória | 105 |
| CONCLUSÃO | 108 |
| BIBLIOGRAFIA | 1-3 |
| ANEXOS: ESQUEMAS DE BATALHAS | |
| Conquista de Nova Cartago – Março de 209 a.C. – 1ª e 2ª Fases | I |
| Conquista de Nova Cartago – Março de 209 a.C. – 3ª e 4ª Fases | II |
| Batalha de Bécula – 208 a.C. – 1ª e 2ª Fases | III |
| Batalha de Ilipa – Verão de 206 a.C. – 1ª e 2ª Fases | IV |
| Batalha de Ilipa – Verão de 206 a.C. – 3ª e 4ª Fases | V |
| Batalha das Grandes Planícies – Junho de 203 a.C. – 1ª e 2ª Fases | VI |
| Batalha das Grandes Planícies – Junho de 203 a.C. – 3ª e 4ª Fases | VII |
| Batalha de Zama – 19 de Outubro de 202 a.C. – 1ª e 2ª Fases | VIII |
| Batalha de Zama – 19 de Outubro de 202 a.C. – 3ª e 4ª Fases | IX |
| Batalha de Zama – 19 de Outubro de 202 a.C. – 5ª e 6ª Fases | X |

INTRODUÇÃO

O perfil das táticas de combate do exército romano ao longo da sua história deverá ser enquadrada em dois modelos fundamentais que organizaram a sua tipologia enquanto grandes referenciais militares.

Poder-se-ia falar de um primeiro modelo que caracteriza a organização tática do exército romano num sistema de perfil de tendência concentracionária, conhecido como falange hoplítica. Este modelo tático, que era originário do mundo grego, disseminou-se por toda a orla mediterrânica, sendo adotado por todos os povos mais desenvolvidos, como epirotas, egípcios, cartagineses ou romanos, e ainda deixando o seu lastro para influenciar mais tarde todo o contexto dos Diádocos, com a fragmentação do império de Alexandre Magno.

Encontramos um segundo modelo que se desenvolve já no contexto estritamente romano, por volta do século III a. C., e que é já o resultado da conceção militar típica do seu espírito pragmático. Abandonando a rigidez da falange, mas aproveitando a disciplina e o método que os homens de armas aprenderam com a integração nela, os romanos criaram um modelo de núcleos de combate muito articulados e com grande dinamismo, que vai ficar conhecido como legião manipular. Este novo modelo vai transformar a anterior estrutura pesada e pouco versátil da falange numa máquina militar dinâmica e eclética, pronta para responder com grande eficácia aos diferentes desafios que a crescente ambição territorial de Roma lhe vai ditar.

Se são estes dois modelos que se torna relevante compreender enquanto momentos de adoção de paradigmas táticos no universo militar romano, faremos incidir a nossa análise sobre o segundo, pois não só é aquele que caracteriza mais profundamente a sua cultura militar, mas também o modelo que acompanhou toda a sua extraordinária progressão territorial e que foi prevalente na história de Roma.

Modelo tático profícuo, ele vai, com pequenas alterações da sua orgânica de comando, ser o paradigma referencial dos exércitos de Cipião ‘o Africano’, perdurando ainda como paradigma fundamental durante todo o Império.

Talvez pudéssemos conjecturar o que teria sido a organização de defesa dos primeiros povos que habitaram as margens do Tibre nos séculos VIII ao IV a.C. e as consequências da natural assimilação do modelo hoplítico, mas toda a proeminência militar que vieram a conseguir mais tarde decorreu da sua posterior criação do modelo tático da legião manipular.

Será pouco relevante, e mesmo bastante incerto, caracterizar o modo como os primeiros pequenos grupos de indivíduos deste complexo de pequenas aldeias a que viremos mais tarde a chamar Roma organizavam a sua defesa no contexto do Lácio. Com alguma certeza, poderemos imaginar um conjunto de grupos de aldeões que se organizavam de forma quase intuitiva para defender o seu património, congregando esforços contra possíveis invasores comuns. É concebível que a sua indispensável hierarquia e o sistema de combate se adequassem à tipologia de cada inimigo e às circunstâncias concretas do conflito.

É com a tomada de consciência da necessidade de unir esforços que estas pequenas aldeias do Lácio se vão organizar e submeter a uma sistemática coordenação e a uma hierarquia comum, consagrando chefes e ritos comunitários. Este agrupamento voluntário vai permitir uma cada vez maior esfera de interação, influenciando todas as atividades comunitárias, quer no domínio legislativo, quer no económico, bem como na melhoria da organização de uma defesa comum.

A tal ponto se pode considerar que a Roma dos primórdios teve em apreço as exigências militares que não terá decorrido muito tempo até que esta Urbe se tenha conseguido impor com grande sustentabilidade no contexto dos povos vizinhos.

Não iremos precisar de esperar muito para que emergja da sua capacidade organizativa uma vontade clara de se afirmar no contexto territorial e político, já não como pequena e humilde comunidade que defende o seu património, mas como um povo de importância crescente que se afirma pela intervenção direta nos contextos políticos e militares cada vez mais alargados onde intervém.

Muito provavelmente, estes primeiros grupos de defesa organizados pouco mais relevância deveriam ter do que serem milícias de homens oriundos de diversas atividades ligadas à agricultura e que, em coletivo, organizavam a defesa do que consideravam ser a sua propriedade. É natural que, com o crescimento populacional destas pequenas comunidades, tenha aumentado também o índice cultural e a necessidade de tornar cada vez mais eficaz o modelo tático defensivo.

É assim que surge naturalmente uma emulação do bem-sucedido modelo grego de fazer a guerra, que preconiza uma concentração de tropas numa grande mole de homens armados conhecida por falange hoplítica. Mas se esta foi a matriz inicial que deu forma aos exércitos romanos, é o contacto com problemáticas desfavoráveis ao seu desempenho, como o tipo de formação do adversário ou mesmo o relevo acidentado do terreno, que vão levar os romanos a realizarem uma profunda mudança.

É nas guerras com os povos celtas, que combatem na chamada “ordem livre”, em que cada guerreiro luta de forma individual contra um adversário, que a rigidez da falange vai começar a mostrar-se pouco adequada, por se lhe tornar muito difícil responder a esse grande dinamismo.

Decorrendo da sua especificidade de vasto grupo de guerreiros fazendo corpo entre si, a falange tem uma notória dificuldade em mudar de direção, bem como uma natural tendência para um desenvolvimento lento dos seus movimentos coletivos. Sofre ainda da dificuldade de existir pouco espaço entre os seus componentes, o que resulta numa má resposta a todo o tipo de ataques com armas de arremesso; e, mais do que tudo, mostra-se muitíssimo vulnerável nos flancos e na retaguarda, pois o seu modelo preconiza um enfrentamento frontal com outro exército de características similares.

Para a definição das dificuldades táticas que os romanos identificaram neste modelo hoplítico dever-se-á acrescentar ainda a problemática do terreno, nomeadamente a partir do momento em que a República Romana entrou em conflito com os samnitas, um povo que habitava as vastas zonas montanhosas dos Apeninos. A concentração de centenas de homens num “grande bloco de combate” não só era profundamente desadequada para manter a sua formação em terreno com relevo irregular, como também a sua rigidez não permitia uma resposta adequada ao dinamismo de ataque dos povos montanheses e das sistemáticas armadilhas proporcionadas pela necessária falta de visibilidade e irregularidade do terreno.

É assim que o modelo da falange hoplítica se vai revelar, nestes contextos, uma estrutura demasiado rígida e muito pouco adequada para poder enfrentar novos desafios, que não se limitassem ao enfrentamento simétrico em campo aberto de dois exércitos com o mesmo perfil tático.

Pela verificação prática desta desadequação, os oficiais romanos vão acabar por criar um outro modelo que, não tendo paralelo em todo o mundo antigo, vai congrega muita da força de uma orgânica de enfrentamento coletivo do inimigo, mas abrindo a sua estrutura a uma lógica de “núcleos de combate”.

Estes núcleos, que vão ser designados por manípulos, serão constituídos por duas centúrias, que são células de cerca de oitenta legionários, em que se dividirá toda a legião, permitindo que esta se apresente em “formação de batalha” com uma capacidade de movimento e um espaço de manobra que eram impossíveis de conseguir no restrito modelo falangístico.

Nasce, assim, a legião manipular, modelo que vamos acompanhar ao longo deste trabalho nas suas especificidades e na forma como Cipião ‘o Africano?’ utilizara os seus vastos recursos, inovando e criando novas dinâmicas de combate.

Os homens que constituíam a legião eram cidadãos romanos, que só depois das “reformas de Caio Mário”, em 107 a. C., como resposta às inesperadas necessidades ocasionadas pelas invasões cimbrias, puderam dedicar-se em exclusivo à carreira das armas.

Ao contrário do que se verificava antes, cada legionário passou a ter todo o seu equipamento militar custeado pelo Estado e a ser remunerado com um salário que se tornava muito apetecível para os cidadãos das classes mais baixas.

Deixaram também de ser necessários os vários requisitos que eram antes observados para que um cidadão pudesse fazer parte do exército romano, e que o condicionava a um tipo de equipamento e de função dentro da orgânica da estrutura manipular.

Com Mário, além de se abrir a possibilidade de uma verdadeira carreira militar a todos os cidadãos que o ambicionassem, a anterior distribuição destes na *triplex acies* deixou de ser realizada partindo da sua capacidade para adquirir o equipamento, a sua idade e a sua experiência militar.

A *triplex acies*, que se manterá como a estrutura básica da legião manipular, aboliu desde então a anterior distribuição dos soldados em *hastati*, *principes* e *triarii* e dinamizou a orgânica da legião, unificando o treino e facilitando uma muito maior utilização das reservas.

Antes desta remodelação, o exército romano poder-se-ia considerar uma milícia bem treinada e organizada, em que os cidadãos tinham que arcar com os custos inerentes à aquisição do equipamento bélico do seu pecúlio particular. Isto levava a que houvesse uma clara distinção do vasto universo de cidadãos romanos que, segundo as suas posses, passavam a integrar diferentes classes na estrutura hierárquica do exército. Este carácter não profissionalizante dos legionários permitia que a sua grande maioria mantivesse uma forte vinculação às suas propriedades rurais, continuando a sentir-se, no essencial, não como soldados, mas antes como agricultores e homens ligados aos afazeres da terra. Isto implicava a tão típica sazonalidade dos períodos de conflito, pois estes homens necessitavam de regressar com regularidade às suas terras para efetuarem sementeiras e colheitas, que se configuravam como o seu principal modo de subsistência. Apesar das constantes campanhas onde alguns deles tomavam parte, ganhando por vezes considerável experiência nas lides da guerra e algum retorno material nos saques realizados, nenhum destes homens poderia dedicar a sua vida a uma verdadeira carreira militar, porque esta possibilidade não existia. Só com Caio Mário é que a República entendeu que deveria começar a considerar os trabalhos da

guerra como uma atividade essencial e permanente, sentindo-se assim, desde então, obrigada a remunerar os cidadãos pelo seu desempenho nas legiões.

No entanto, o treino e a disciplina a que cada um deles já anteriormente se submetia de forma voluntária tornava o seu conjunto, enquanto estrutura militar, de uma enorme eficácia, como podemos constatar através do seu cada vez mais importante papel no contexto territorial e militar mediterrânicos.

Mas o comando da legião apresentou desde sempre em Roma um complexo problema de comando, que era provocado pela falta de uma clara distinção entre os planos político e militar.

Desde o início da institucionalização da República que o comando das legiões era atribuído aos dois cônsules, que eram os principais magistrados da República e que poderiam não ter qualquer competência para chefiar tão complexa máquina de guerra. A ascensão ao consulado não garantia que os seus magistrados tivessem qualquer experiência ou apetência como comandantes militares. Acresce a isto o facto de os cônsules serem eleitos anualmente, pois o povo romano, desde a sua difícil experiência monárquica, nunca mais quis deixar o poder concentrado nas mãos de um só homem.

Institucionalizou-se, pois, que os cônsules que dividiam o poder supremo da República o deveriam fazer apenas por um ano, sendo anualmente eleitos dois novos magistrados e dificultando-se a re-eleição dos que já o tinham exercido. Isto tinha notórias desvantagens no que concerne à possível aquisição de experiência militar, quer a nível estratégico, quer a nível tático, pelo pouco tempo em que podiam exercer os seus cargos. O contacto prático com a realidade da guerra é essencial para um bom conhecimento prático, pois nesta está implicada uma miríade de fatores que influenciam de forma decisiva o resultado final e que deverão ser tomados em linha de conta.

Importante seria, pois, que o património de experiência acumulada durante uma campanha, uma guerra, uma batalha, pudesse servir de referencial posterior à definição da condução da guerra, mas a tão constante substituição dos cônsules, privava-os dessa experiência preciosa. Poder-se-ia mesmo dizer que a grande maioria destes magistrados teria que ter já, de forma inata, uma razoável competência militar para que, à frente de tantos milhares de homens, estivesse à altura de se sair com sucesso desse desafio.

Apesar desta especificidade do funcionamento das magistraturas romanas, assistimos ao aparecimento de grandes generais em toda a história de Roma, como é o extraordinário caso de um Cipião “o Africano”, que parecia ter já inscritos nos seus genes todo o património de experiência necessário para realizarem um bom comando.

Apesar de todo o pragmatismo romano, é relevante verificar que nunca foi criada em Roma uma “Escola de Oficiais” que pudesse formar homens com competências militares próprias para as chefias do exército.

Uma inusitada e estranha capacidade era, assim, pedida aos cônsules, que, saltando do plano político onde se integravam, habituados apenas às lutas retóricas pelo poder, surgiam de um momento para o outro a comandar grandes exércitos, com importantes missões militares, sem que para isso estivessem preparados.

Séculos de experiência e de observação de variadíssimos desaires parecem não levar os romanos a fazer a distinção fundamental entre a competência retórica no Senado e a exigente prática militar. Tão diferentes entre si são estes dois planos que é impressionante como foi deixado ao acaso a virtualidade do comando nas mãos destes cônsules, que, estamos em crer, muitas vezes não se deveriam sentir preparados e muito provavelmente não saberiam sequer como conduzir os destinos da guerra ou prover à condução de uma batalha.

Acresce ainda a isto o facto de toda a experiência prática dos cônsules que foram bem-sucedidos nas suas campanhas não encontrar modo de ser assimilada posteriormente como boa prática, pois, mesmo que houvesse uma tentativa pessoal dos cônsules para se familiarizarem com o património passado, o reduzido tempo do consulado não permitiria ao titular desenvolver no terreno os seus conhecimentos.

O nome de Cipião ‘o Africano’ ergue-se como uma verdadeira luminária no contexto da chefia militar dos exércitos da República.

A sua eficácia enquanto general, quer no domínio da estratégia, quer nas suas realizações táticas, não encontra paralelo no que sabemos sobre o que foram os desempenhos marciais dos grandes comandantes romanos.

Cipião toma conta dos destinos militares de Roma num momento particularmente difícil, em que a Segunda Guerra Púnica está a tender para uma clara supremacia cartaginesa, como resultado das vitórias de Aníbal Barca, e ninguém em Roma quer assumir o encargo de comandar os destinos militares de um conflito que, em 211 a.C., se configura como tão desfavorável à república Romana. Cipião assume todo o ónus dessa tarefa e demonstra logo a sua peculiar visão estratégica, bem contrária à do seu opositor Fábio Máximo, que há anos ia entretendo Aníbal em plena Península Itálica, sem o enfrentar de forma aberta, pois receava a sua genialidade tática. A mestria estratégica de Cipião consiste em encarar todo o contexto da guerra de um ângulo novo. É aqui que se vai abrir o cenário de uma nova confrontação, apesar de tal tarefa parecer quase suicida, atendendo à hegemonia do inimigo na maioria dos territórios da Europa ocidental.

O fulminante ataque a Nova Cartago, que vai começar a mudar os destinos da Segunda Guerra Púnica, vai ser apenas o início de variadíssimas opções militares corajosas e inovadoras, quer na sequência da condução inteligente da sua estratégia, quer na concretização genial de cada batalha, mostrando uma capacidade de observação do inimigo e uma compreensão do potencial da legião que, estamos em crer, não terá sido atingida por nenhum outro, nem antes nem depois. É surpreendente como Cipião consegue reutilizar e reinventar o potencial das suas legiões, concebendo para cada confronto um modelo específico de intervenção, aproveitando todos os recursos que a sua fecunda imaginação pragmática lhe vai inspirando. Fatores como a velocidade, o sentido de oportunidade no ataque, o aproveitamento detalhado das condições atmosféricas ou do terreno, a constante preponderância do fator surpresa, a utilização inovadora da constituição da estrutura manipular da legião, a localização de tropas em pontos inesperados, a dissimulação e a tentativa de ludibriar o adversário, a compreensão profunda da especificidade do papel da infantaria e da cavalaria, as subtis e rápidas manobras de envolvimento, a forte manipulação psicológica dos seus homens e da moral do inimigo, vão ser apenas algumas das características mais marcantes das campanhas deste genial comandante, que apenas contava vinte e quatro anos quando assumiu tão pesado encargo.

Estamos em crer que, daí em diante, o exército romano poderia ter sido ainda bem mais eficaz do que o foi se o seu exemplo estratégico e tático tivesse sido bem assimilado e conhecido pelos posteriores generais romanos que, ao longo de centenas de anos, definiram o alargamento e consolidação do vasto território que constituiu o Império Romano. Como vamos poder verificar, Cipião leva ao seu zénite todo o potencial dinâmico da legião, sendo esta encarada como uma vasta estrutura de ‘pequenos núcleos de combate’ que, mantendo uma forte articulação, conseguem atuar de forma muitíssimo polivalente no cenário da batalha. Esta nova visão tática, que implica também uma clara compreensão dos diferentes momentos do confronto, é algo que não voltaremos a encontrar com esta constância e determinação ao longo da história do exército romano. Dir-se-ia mesmo que o destino da Segunda Guerra Púnica ficou definido desde que Cipião mostrou toda a sua perícia, terminando esse vasto enredo com o confronto máximo que seria possível prever entre o grande general romano e o nunca derrotado comandante cartaginês Aníbal Barca; na batalha de Zama, o líder romano demonstrou a todos os observadores da história a excelência da visão tática e estratégica desse comandante ímpar que ficou para a História com o epíteto de Cipião “o Africano”.

1. CIPIÃO “O AFRICANO” – UM GÉNIO MILITAR

1.1. O Contexto das Guerras Púnicas - Aníbal às Portas de Roma.

A cidade de Cartago, era no início do século III a.C., a maior potência marítima, económica e militar do Mediterrâneo ocidental. Situada no norte de África, em territórios que hoje correspondem a latitudes tunisinas, a sua vasta frota de navios mercantes e um comércio muito dinâmico proporcionavam-lhe uma capacidade económica sem paralelo.

Antiga colónia fenícia, desde cedo se soube afirmar como cidade autónoma e a sua prosperidade parecia não conhecer limites, permitindo-se ela própria fundar colónias e feitorias por toda a orla mediterrânica, por onde espalhava a sua influência consolidada em séculos de contactos permanentes ¹. Esta grande hegemonia do universo cartaginês começou a tornar-se pouco a pouco na causa de uma potencial conflitualidade com a cidade de Roma, que, nascida na Península Itálica, se vinha a querer cada vez mais impor na mesma geografia ². Estendendo a sua influência a um cada vez mais alargado contexto, a outrora pequena cidade de Roma começou por almejar a conquista de toda a península onde nasceu e para tal encetou uma guerra contra as cidades da Magna Grécia, que ocupavam território dentro das suas pretensões imediatas. Incapazes de se defenderem da ousadia romana, estas comunidades helénicas pedem ajuda a Pirro, rei do Épiro, que em 280 a.C. traz para Itália a sua sofisticada máquina bélica, constituída pela sua famosa falange de piqueiros profissionais e as suas unidades de elefantes de guerra ³.

Após duas derrotas infligidas aos romanos, obtidas com um enorme desgaste dos seus recursos militares ⁴, Pirro e todo o mundo mediterrânico espantam-se ao verificar que aqueles emergentes senhores da guerra não aceitam um qualquer acordo de capitulação, como era prática no mundo helenístico. Sem quebrar a sua tenacidade expansionista, os romanos continuaram as suas conquistas, com a particularidade política de transformarem os seus

¹ GOLDSWORTHY, Adrian K. – *A Queda de Cartago. As Guerras Púnicas. 265-146 a. C.* Lisboa: Edições 70, 2009, pp. 28-33; O'CONNELL, Robert L. – *Aníbal – Cartago e o Pesadelo da República Romana.* Lisboa: Bertrand Editora, Lda., 2012, pp. 81-83.

² FIELDS, Nic; EMBLETON Gerry; EMBLETON Sam - *Roman Battle Tactics 390-110 BC.* Great Britain: Osprey Publishing, 2010, p. 22.

³ PLUTARCO - *Plutarch's Lives.* Harvard: Charles W. Elliot Ltd. [sem data], III, pp. 157-210. ADCOCK, F. E. – *The Greek and Macedonian Art of War.* Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1957, pp. 53-56. O'CONNELL, 2012, pp. 42-43; GRIMAL, Pierre – *História de Roma.* Lisboa: Texto e Grafia, 2013, pp. 40-42.

⁴ LE BOHEC, Yann – *Histoire Militaire des Guerres Puniques. 264-146 av. J.-C.* – Paris: Éditions Tallandier, 2014, p. 68.

inimigos em subservientes aliados que engrossavam as suas fileiras militares e que firmavam assim, de forma permanente, a sua capacidade bélica ⁵.

Esta atitude de indomável resistência às adversidades da guerra vai tornar-se uma marca distintiva dos romanos, que ao longo de toda a sua milenar história militar irão enfrentar sempre, com uma enorme coragem, os consecutivos momentos de profunda crise que os desmandos da guerra por vezes lhes fizeram viver ⁶. A capitulação era palavra banida do seu universo de possibilidades e, com a guerra pírrica, isso ficou bem demonstrado ao mundo, colocando desde logo Roma e as suas pretensões territoriais em rota de colisão com a poderosa hegemonia de Cartago.

Não teremos de esperar muitos anos até encontrarmos um primeiro confronto aberto entre estas duas grandes potências da Antiguidade, dando-se início, em 264 a.C., à primeira de três violentas guerras que vão estender-se por uma faixa de tempo que durará mais de um século.

As importantes colónias cartaginesas que dominavam as principais ilhas do Mediterrâneo ocidental, como a Sardenha, a Córsega, toda a parte oeste da Sicília, grandes produtoras de cereais e ainda o sul da Península Ibérica, com o seu enorme potencial de recursos metalíferos, começaram a ser cobiçadas pela nova potência emergente ⁷.

Ao querer impor-se, a República romana vai intervir militarmente na Sicília aproveitando o pretexto da conflitualidade latente entre as colónias gregas e as cartaginesas ⁸.

Com o apoio de Siracusa, Roma intervém pela primeira vez fora da Península Itálica e conquista a colónia púnica de Messina ⁹. Cartago reage e, ante a ousadia da República romana, declara-lhe guerra, confiando na sua imensa capacidade naval e nos seus recursos inesgotáveis. É o eclodir da Primeira Guerra Púnica, que vai obrigar os contendores a um esforço e a uma mobilização de recursos que poderíamos considerar como inusuais no mundo antigo ¹⁰. Sendo Cartago a potência marítima do Mediterrâneo ocidental, com uma vasta frota de navios mercantes e de guerra, Roma não poderia enfrentar este enorme desafio sem que tivesse com urgência de adquirir competências no domínio dos mares, o que implicou a rápida

⁵ GOLDSWORTHY, 2009, p. 45.

⁶ O'CONNELL, 2012, pp. 52-53; GOLDSWORTHY, Adrian K. – *Generais Romanos. Os Homens que construíram o Império Romano*. 4.ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011, p. 62.

⁷ O'CONNELL, 2012, pp. 85-87.

⁸ POLÍBIO – *The Histories*. London: Macmillan, 1889. Reprint New York: Bloomington, 1962, I.10; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 85-86.

⁹ LE BOHEC, 2014, pp. 70-73.

¹⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, I.16; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 94-95; O'CONNELL, 2012, pp. 93-94.

construção de muitas centenas de navios e o treino de milhares de homens para poder enfrentar o experiente domínio da sua rival.

A construção de tantos navios e o esforço de pagar, equipar e alimentar tantos homens acabaram por exaurir grande parte dos recursos económicos e humanos dos dois inimigos, mas apesar de tudo Roma consegue impor-se e, em 241 a.C., Cartago capitula ¹¹, perdendo o domínio dos mares pelos termos da paz que vai ser forçada a assinar. A orgulhosa Cartago vai ter então a obrigatoriedade de proceder a uma redução drástica da sua capacidade militar naval e de entregar a Roma o domínio das principais ilhas mediterrânicas que estavam até então sob a sua influência ¹².

Mas poucas décadas vão passar até que Cartago se recomponha e, com grande ousadia, benha a desafiar, em 218 a.C. ¹³, a sua magna rival. Tendo perdido a sua hegemonia naval, Cartago vai apesar de isso assestar um dos golpes mais duros no crescente orgulho romano, atacando por terra a Península Itálica, enviando um considerável exército sob a chefia de Aníbal Barca a partir das suas colónias na Península Ibérica, onde continuara a ser a potência dominante ¹⁴. General de exceção, Aníbal vai querer surpreender os romanos, arriscando o que poderia ser considerado um trajeto impraticável para atingir a Península Itálica. Com muitos milhares de homens, cavalos, animais de carga, e os seus famosos trinta e sete elefantes ¹⁵, o general cartaginês vai fazer passar a sua coluna de marcha pelo território hostil de povos montanheses, com os quais vai tendo vários recontros e, sobretudo, a inacreditável tarefa de tentar a passagem pelas perigosas gargantas dos Alpes. Aníbal pretende contornar o exército consular de Públio Cornélio Cipião, pai, que o espera mais a sul e do qual tem notícia que desembarcou na foz do Ródano ¹⁶. Após uma escaramuça de cavalaria entre grupos avançados, mandados por ambos os comandantes para identificar a situação no terreno, Aníbal decide enfrentar a passagem pelos Alpes, deslocando-se mais para norte, com Cipião na tentativa frustrada de o alcançar com as suas legiões ¹⁷.

A passagem pelos Alpes, para além de um desgaste notório das tropas cartaginesas, reduziu para menos de metade os seus elementos, pelo que é de crer que o exército púnico

¹¹ ; POLÍBIO, 1889, 1962. I.19 e I.20; GOLDSWORTHY, 2009, p. 125; O'CONNELL, 2012, pp. 94-100; GRIMAL, 2013, pp. 47-49.

¹² FIELDS, 2010, p. 25; LE BOHEC, 2014, pp. 102-103.

¹³ POLÍBIO, 1889, 1962, I.19, 20; TITO LÍVIO – *History of Rome from its Foundation. Rome and Italy*. Trad.: Betty Radice. London: Penguin Books, Ltd., 1982, XXI.8-10; GOLDSWORTHY, 2009, p. 192; LE BOHEC, 2014, p. 129 .

¹⁴ GOLDSWORTHY, 2009, p. 195-196; LE BOHEC, 2014, p. 160.

¹⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, III.35; GOLDSWORTHY, 2009, p. 204; O'CONNELL, 2012, p. 120.

¹⁶ LE BOHEC, 2014, pp. 162-163.

¹⁷ GOLDSWORTHY, 2009, p. 213-214; POLÍBIO, 1889, 1962, III.41; TITO LÍVIO, 1982. XXI.26, 27; GRIMAL, 2013, pp. 51-52.

tenha perdido, durante a travessia, dezenas de milhares de homens, despenhados de alturas que podiam atingir os três mil metros, mortos em recontros com povos celtas hostis ou ainda por deserções e doença provocadas pela dificuldade da empresa ¹⁸.

O objetivo de Aníbal era atacar os seus inimigos de surpresa e avançar com rapidez sobre Itália, enquanto os romanos estavam aturdidos pela sua ousada investida. Esta genial e perigosa manobra, apesar do elevado número de baixas que provocou, teve a marca distintiva de um grande comandante, ao definir como objetivo o atacar com o máximo de rapidez e de força o coração do inimigo, a fim de o enfraquecer e desmoralizar. Entre 218 e 216 a.C., Aníbal Barca vai infligir aos romanos pesadas derrotas como a do recontro de Ticino ¹⁹, a da batalha do Trébia ²⁰ ou a da emboscada do Lago Trasimeno ²¹, culminando na pior derrota de sempre do exército romano, que vê esmagadas em Canas ²² as suas oito legiões, com as quais pretendia pôr fim ao perigo cartaginês ²³. É bem certo que Aníbal não chega a marchar sobre Roma, limitando-se a permanecer vários anos a vaguear quase sem rumo numa, por si devastada, Península Itálica, mas seria esse com certeza o seu objetivo inicial, atendendo ao ímpeto e à decisão com que se direcionou para o centro do poderio romano. É possível que a conjuntura político-militar que encontrou lhe tenha feito mudar as intenções iniciais ²⁴.

O apoio das tribos celtas à sua campanha nem sempre foi regular, nem sequer digno da sua confiança, mas sobretudo a dificuldade de realizar assédios de grandes proporções, como seria exigível, pode ter contribuído de forma decisiva para não ter investido sobre Roma, mesmo numa altura tão propícia como após a estrondosa vitória de Canas.

Enfraquecido e mais consciente das inesgotáveis capacidades do seu inimigo, Aníbal vai permanecer catorze anos numa indecisão estratégica que permitirá aos romanos a recuperação da sua máquina militar ²⁵, quase por si destruída ²⁶, e mais do que tudo encontrar, cinco anos depois, um general que pudesse responder à altura do enorme desafio que Roma tinha que enfrentar. É com Cipião ‘O Africano’ que os golpes finais no orgulho cartaginês vão começar a ser desferidos, pois até então a postura romana, tímida e titubeante, protagonizada por Quinto Fábio Máximo ²⁷, limitava-se ao modesto papel de seguir Aníbal pelo seu destruidor

¹⁸ GOLDSWORTHY, 2009, p. 221; O’CONNELL, 2012, pp. 127-133; POLÍBIO, 1889, 1962, III.56.

¹⁹ Novembro de 218 a.C.

²⁰ Finais de dezembro de 218 a. C.

²¹ 21 de junho de 217 a. C.

²² 2 de agosto de 216 a.C.; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 225-282; O’CONNELL, 2012, pp. 136-198.

²³ LE BOHEC, 2014, pp. 167-193.

²⁴ GOLDSWORTHY, 2009, p. 282; TITO LÍVIO, 1982, XXII.51; LE BOHEC, 2014, p. 203..

²⁵ TITO LÍVIO, 1982, XXVI.11.

²⁶ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 293-315.

²⁷ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 300-301, 307, 343; GRIMAL, 2013, p. 54.

périplo em terras itálicas e tentar evitar que se aproximasse das muralhas de Roma. Nunca aceitando batalha, com claro receio da mestria tática do cartaginês, Fábio preconizou um empate neste complexo jogo de forças que mediaram entre o desastre de Canas e o aparecimento de um comandante providencial como Cipião. Este, alimentando uma outra visão estratégica, vai contornar o traumático medo romano de um enfrentamento direto com Aníbal, que era um tão reputado comandante militar que se podia orgulhar de nunca ter perdido uma única batalha ²⁸.

É esta permanente ameaça no âmago da sua península que os romanos vão ter de estripar, se não quiserem deixar que as suas pesadas consequências lhe corroam a força moral, a sanidade mental e mesmo a confiança na sua competência militar ²⁹.

Mas se Aníbal se instalara em terras itálicas, indeciso no rumo militar que a sua ousada campanha deveria ter, havia o perigo bem real de que um possível envio de reforços da Península Ibérica o levassem a encetar um assédio a Roma ³⁰. Na tentativa de evitar tal auxílio, os romanos compreendem que é necessário reforçar a sua presença na Hispânia, onde a sua posição militar também era bastante precária ³¹. Para tal contribuíam a escassez de estradas e comunicações, criando problemas de abastecimento, o clima, com grandes amplitudes térmicas, a topografia acidentada e ainda o reduzido número de grandes cidades, o que problematizava o estabelecimento de alojamentos seguros. Acresce o facto de os autóctones, Iberos, Celtiberos e Lusitanos, serem homens de armas muito perigosos, especializados na guerrilha, causando milhares de baixas aos romanos em pequenas escaramuças ³². Estas condições levaram a que os romanos incorporassem nas suas centúrias arqueiros e fundibulários, para proteção de golpes à distância, bem como cavalaria indígena aliada, reforçada por númidas do norte de África, e infantaria ligeira de dardeiros africanos ³³.

Neste contexto político e militar, o que se poderia constituir como muito relevante para a carreira de um general seria um confronto vitorioso contra Aníbal, embora esta possibilidade estivesse muito condicionada pelo pavor que ele exercia já no imaginário romano ³⁴. Um comando peninsular na Hispânia não era assim atrativo, nem garantiria por si

²⁸ CANALI, L. – *Annibale e la "Fobia Romana" di Freud*. Roma, Carocci, 2008, pp. 23-41.

²⁹ O'CONNELL, 2012, pp. 210-213.

³⁰ O'CONNELL, 2012, p. 225; POLÍBIO, 1889, 1962, III.97.1-5.

³¹ GOLDSWORTHY, 2009. (pp. 355-358).

³² BRIZZI, G. - *Le Guerrier de l'Antiquité Classique. De l'hoplite au légionnaire*. Trad. S. I. Éditions du Rocher. 2004, p.148.

³³ MONTEIRO, João Gouveia - "*O exército romano: da matriz hoplita à ameaça bárbara*", in Francisco Oliveira e José Luís Brandão (dir.), *História de Roma*, vol. II, Imprensa da Universidade de Coimbra (no prelo), pp. 10-11 (numeração provisória).

³⁴ CANALI, 2008, pp. 23-41.

só um reconhecimento grandioso àquele que a aceitasse. De forma providencial, é o jovem patricio Públio Cornélio Cipião, que, não tendo mais de 24 anos, vai aceitar assumir esta difícil tarefa de tentar inverter a dramática situação romana na Península Ibérica.

Dotado de capacidades estratégicas e táticas invulgares, Cipião, nomeado em 211 a.C., vai conseguir mudar não só o contexto desfavorável da Hispânia, mas também toda a anterior tendência da guerra, conseguindo por fim a grande vitória sobre Aníbal e Cartago ³⁵. Para tal promove uma alteração fundamental na estrutura das legiões ao criar as *coortes* ³⁶ que agrupavam 3 manípulos de 160 homens, tendo cada um 2 centúrias, que à época teriam 80 soldados cada e mantendo, em profundidade, o escalonamento tripartido de *hastati, principes e triarii*. A *coorte*, tal como Brizzi admite ³⁷, pode inicialmente ter sido idealizada como formação temporária, contudo revelou-se de tal forma eficaz que perdurou pelo menos até ao século II d.C. nas lutas contra os bárbaros do centro da Europa. Estas unidades, habitualmente 10 em cada legião, sendo mais fortes que os antigos manípulos eram menos pesadas que uma legião, o que lhes permitia efetuar investidas céleres, quer em cenários de guerrilha, quer de montanha, sem levantarem problemas de abastecimento ³⁸.

1.2. Uma Nova Estratégia Romana para Debelar a Ameaça Cartaginesa. Cipião e uma Diferente Visão Tático-Estratégica da Conjuntura da II Guerra Púnica

Se a situação militar romana na Península Itálica, em 211 a.C. era bastante desfavorável, com a possibilidade iminente de uma ameaça de Aníbal Barca às muralhas de Roma, o contexto na Península Ibérica não era mais animador ³⁹. Derrotados os exércitos dos irmãos Cipião, Públio Cornélio e Gneu Cornélio, pai e tio do agora nomeado procônsul ⁴⁰, o que restava das forças romanas limitava-se a um modesto grupo de sobreviventes que ia tentando repelir as investidas cartaginesas. Para estes últimos, os romanos não se constituíam já como uma verdadeira ameaça à sua hegemonia na Hispânia, tendo assim dividido o seu exército em três, retirando-se cada um destes exércitos para as regiões em que os seus generais tinham o respetivo comando.

³⁵ Caráter de Cipião - POLÍBIO, 1889, 1962, X.2.5-10; GOLDSWORTHY, 2011, p. 59; LE BOHEC, 2014, pp. 225-226.

³⁶ LE BOHEC, 2014, pp. 227-236.

³⁷ BRIZZI, 2004, p. 154.

³⁸ MONTEIRO, no prelo, p. 11 (numeração provisória).

³⁹ GRIMAL, 2013, p. 55.

⁴⁰ Mortos respetivamente nos confrontos de Iliturgi (III) e Ilorci, ambos ocorridos no verão de 212 a.C., segundo o Dicionário de J. R. González; Tito Lívio contudo situa-os no ano de 211 a.C. – GONZÁLEZ, Júlio Rodríguez – *Diccionario de Batallas de la Historia de Roma (753 a.C. – 476 d.C.)*. Madrid: Signifer Libros, 2005, pp. 231-233; - TITO LÍVIO, 1982, XXV.32, 34-36; XXVI.17,19.

Os poucos romanos que ainda restam na Hispânia, pretendendo reorganizar-se, elegem como propretor o tribuno Lúcio Márcio, que pertencia à ordem equestre e que escreve rapidamente ao Senado pedindo auxílio; em resposta, são enviados cerca de 12 000 infantes e 1 100 cavaleiros, comandados por Caio Cláudio Nero que ostenta agora o comando supremo para a Hispânia ⁴¹.

Nero consegue sustentar a precária situação romana até finais de 210 a.C., momento em que chega à Península Ibérica o jovem Públio Cornélio Cipião como procônsul e novo comandante supremo ⁴².

Apesar de ter sido apenas um cidadão privado, não exercendo na ocasião qualquer cargo público, Cipião, que se vai notabilizar como um dos mais dotados comandantes da história da guerra, vai encetar durante cinco anos uma campanha militar ousada e inovadora que porá em definitivo um fim ao poderio cartaginês na Península Ibérica, entre 210 e 205 a.C. A inédita atribuição a Cipião do *imperium* proconsular com todo o comando das tropas romanas na Península Ibérica é bem uma prova da flexibilidade das instituições da República em momentos críticos da sua história. O jovem Cipião, que só tinha 24 anos e exercido apenas o cargo de edil curul (*curule aedile*) em 213 a.C. ⁴³, não reuniria, em princípio, condições para exercer cargo tão importante ⁴⁴.

Não só a sua pouca idade se constituía como um obstáculo institucional, bem como também o anterior exercício do cargo de edil não garantiria condições para poder viabilizar a sua eleição para uma magistratura tão importante e num momento tão desfavorável da Segunda Guerra Púnica ⁴⁵.

Segundo o relato de Lívio, o Senado romano reuniu os *Comitia Centuriata* com o intuito de se proceder à curiosa eleição de um cônsul para a Hispânia. Esta votação configurava-se como algo bastante à revelia dos processos institucionais vigentes, pois estes altos magistrados das províncias não eram indicados por uma eleição, mas antes por nomeação direta do Senado. Após uma série de controversas tentativas de encontrar um possível candidato, surge o nome de Cipião como elegível e este é convictamente eleito por unanimidade ⁴⁶.

⁴¹ Lúcio Márcio - *propraetor senatui* - TITO LÍVIO, 1982, XXVI.2.1-6; O'CONNELL, 2012, p. 231; GOLDSWORTHY, 2011, p. 62.

⁴² LE BOHEC, 2014, pp. 223-227.

⁴³ GOLDSWORTHY, 2011, p. 62.

⁴⁴ LE BOHEC, 2014, p. 225.

⁴⁵ HART, B. H. Liddell – *Cipião, o Africano. Maior que Napoleão*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda., 2006, p.33.

⁴⁶ TITO LÍVIO, 1982, XXVI.18; O'CONNELL, 2012, pp. 239-240; GOLDSWORTHY, 2011, p. 63.

Poder-se-ia dizer, no entanto, que o jovem Cipião era uma figura de destaque em Roma⁴⁷, não só por pertencer a uma ilustre família patricia, mas ainda por ser filho e sobrinho de dois corajosos cônsules recentemente mortos na Península Ibérica. O jovem Cipião era, contudo, também já detentor de uma considerável experiência nas lides da guerra, pois estivera presente nos principais conflitos que anteriormente tinham sido travados contra Aníbal Barca. Assistiu ao confronto em Ticino, onde é bem possível que tenha salvado a vida ao seu próprio pai, num ato de imensa coragem⁴⁸, e esteve presente na batalha do Trébia. Muito provavelmente também assistiu ao desastre romano da batalha do Lago Trasimeno e, como tribuno, à avassaladora vitória de Aníbal em Canas, conseguindo ser um dos sobreviventes⁴⁹. Aqui, mostra todo o seu carisma, ao tentar organizar e incentivar a continuidade do esforço de guerra, após a grande desmoralização que essa derrota causou no exército romano. É pois, bem possível que o jovem Cipião, tendo experienciado um tão problemático contexto de consecutivas derrotas do exército romano às mãos do comandante cartaginês, se tenha questionado sobre o que estaria na origem dos constantes desastres romanos, que mostravam à saciedade a incapacidade de enfrentar um inimigo tão ousado taticamente⁵⁰. O jovem comandante patricio poderá ter compreendido que a única forma de enfrentar a ameaça púnica, era o de dotar de um novo dinamismo a tradicional máquina de guerra romana, com novas táticas e remodelando os fundamentos das anteriores concepções estratégicas, demasiado estáticas⁵¹.

Algo de novo e muito importante traria Aníbal nas suas táticas de combate para assim infligir consecutivas derrotas ao experiente exército romano, que tantas provas de grande eficácia tinha já conseguido demonstrar ao longo da sua ascensão expansionista no contexto mediterrânico. Sendo Cipião um homem dedicado também à reflexão, circunstância da qual era expressão a vasta cultura de que era detentor⁵², não lhe terá sido difícil perceber os traços fundamentais da postura militar de Aníbal. Compreendeu com certeza que, para cada batalha, o grande general púnico se preparava de forma particular, pois os seus diversos combates não tiveram perfis idênticos e Aníbal parecia procurar congregiar todos os fatores que pudessem otimizar o resultado final do conflito, quer ao nível do desempenho das suas tropas, quer no que diz respeito ao aturdimento do inimigo.

⁴⁷ LE BOHEC, 2014, p. 224.

⁴⁸ GOLDSWORTHY, 2011, p. 60; POLÍBIO, 1889, 1962, X.3.

⁴⁹ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 356-357; O'CONNELL, 2012, p. 195; GOLDSWORTHY, 2011, p. 61.

⁵⁰ LE BOHEC, 2014, p. 225.

⁵¹ O'CONNELL, 2012, pp. 240-241; POLÍBIO, 1889, 1962, X.2.

⁵² LE BOHEC, 2014, p. 225.

Cipião poderia, por exemplo, ter respigado fatores táticos tão relevantes como: o aproveitamento do relevo do campo de batalha e das respectivas zonas circundantes; a surpresa do ataque, quer este fosse desferido pelo seu corpo principal, quer por tropas dissimuladas e localizadas em pontos inesperados, mas com grande relevância tática; os fatores meteorológicos e de orientação do sol; a compreensão dos vários momentos da batalha, com tropas em reserva para poderem responder às necessidades de forma adequada; a tentativa constante de conseguir cercar o inimigo pelos flancos; ou a utilização dos diferentes tipos de armas e de tipologias de guerreiros, por forma a rentabilizar a eficácia da sua especificidade.

Estamos convencidos de que a tática militar de Aníbal terá influenciado sobremaneira a forma inovadora como Cipião passou a tratar a máquina legionária, empregando-a num ecletismo de novos modelos táticos que respondessem às necessidades práticas da ardilosa guerra que teria que travar com Aníbal ⁵³. Cipião parte da sua conjuntura desfavorável na Península Ibérica para uma escalada de brilhantes vitórias sobre as tropas púnicas, e se a perícia tática dos outros comandantes cartagineses não é sequer comparável à que demonstrou Aníbal, Cipião compreende que poderá começar a treinar um novo tipo de táticas partindo da enorme flexibilidade que era possível imprimir à estrutura manipular da legião. Será, assim, a Hispânia o local de ensaio das suas inovadoras formas de combate, num crescendo de imaginação e rentabilização dos recursos militares como nunca antes qualquer general romano havia conseguido. Se a sua genial intuição estratégica o levou por vezes a contrariar os cânones mais convencionais da guerra, como fez assim que chegou à Hispânia, ao assediar Nova Cartago, tais movimentos só foram bem-sucedidos pela forma como impulsionou a legião a redimensionar-se no cenário da batalha.

Poder-se-ia mesmo dizer, com alguma segurança, que Cipião teve a genialidade e a coragem de, mesmo indo contra as recomendações básicas vigentes, desenhar um mapa de operações estratégicas e de modelos táticos que, em constante articulação entre si, conseguiram garantir-lhe os bons resultados que obteve ⁵⁴. A ordem pela qual executa o seu plano estratégico é de tal forma consistente que poderíamos pensar que a inversão cronológica, de uma só batalha contra as tropas de Cartago, poderia ter dificultado ou mesmo inviabilizado a progressão esmagadora das suas operações. No plano tático, mantém-se a mesma característica de grande eficácia, ao conseguir antever como poderia enfrentar do melhor modo possível cada um dos momentos porque passaria a sua campanha, integrando

⁵³ LE BOHEC, 2014, pp. 226-227.

⁵⁴ LE BOHEC, 2014, pp. 226-227.

nas competências das suas legiões um sem número de novas versatilidades práticas que nunca antes devem ter sido experimentadas pela legião no cenário de guerra ⁵⁵.

Cipião teve de enfrentar a oposição e a crítica do próprio Senado romano que não esteve à altura de poder compreender o quanto ele se esforçava por mudar o nefasto rumo da guerra, ao procurar novos caminhos para a utilização dos já enfraquecidos recursos que ainda restavam naquela fase do conflito ⁵⁶. Com as consecutivas e estrondosas vitórias do filho de Amílcar sobre o exército romano tradicional, era legítimo o receio de que a hecatombe militar que quase exauriu Roma de todos os seus recursos bélicos se pudesse continuar a verificar ⁵⁷.

Cipião vai aproveitar de forma inteligente todo o potencial das estruturas nucleares dos manípulos, liderados por centuriões experientes nas coisas práticas da guerra, que compreenderam e executaram de forma ousada as estranhas manobras que lhes eram pedidas e que deram a Cipião as suas consecutivas vitórias ⁵⁸. Isto permitiu-lhe, em simultâneo, uma aprendizagem muito detalhada do potencial desta máquina militar que, redimensionada sobre a sua orientação inovadora, acabará por vir a conseguir derrotar em Zama o próprio Aníbal. Deste modo, Cipião tornou-se o homem providencial que poderá ter salvado Roma de um desastre colossal que implicaria a sua destruição. Poder-se-ia conjecturar mesmo o que teria acontecido à República romana se acaso Aníbal tivesse recebido os vastos reforços hispânicos que Cipião conseguiu impedir ou atrasar.

⁵⁵ GOLDSWORTHY, 2011, pp. 57-62.

⁵⁶ O'CONNELL, 2012, p. 241.

⁵⁷ CANALI, 2008, pp. 23-41.

⁵⁸ LE BOHEC, 2014, p. 227.

2. CIPIÃO EM NOVA CARTAGO - MARÇO DE 209 A.C.

2.1. Início da Minuciosa e Ousada Programação Estratégica Hispânica.

No outono de 210 a.C., Cipião chega à Península Ibérica, estabelecendo as suas forças em Tarraco, atual Tarragona, onde passa o inverno a tentar compreender o mapa político-militar do cenário de guerra onde vai intervir ⁵⁹.

Veio acompanhado de 10 000 infantes e cerca de 3 000 cavaleiros, o que nos faz supor que o exército com que se propõe iniciar as suas campanhas militares rondaria os 28 000 infantes, atendendo aos cerca de 18 000 que aí ainda permaneciam ⁶⁰. Esta força, modesta para o contexto onde se iria desenrolar a sua campanha, era inferior em número de efetivos a qualquer um dos três exércitos que os cartagineses possuíam na península. Assim, Cipião enceta conversações com os chefes locais para aferir do possível apoio que estes estariam dispostos a fornecer-lhe e para poder desenhar com alguma segurança o mapa detalhado das condições das forças púnicas e dos seus sequazes hispânicos ⁶¹.

Asdrúbal, o irmão de Aníbal, encontrava-se na área da moderna Toledo, enquanto Asdrúbal Gisgão permanecia mais a ocidente, entre os Lusitanos, um terceiro exército cartaginês estava localizado mais a sul, já bastante próximo das Colunas de Hércules e sob a chefia de Magão ⁶². Sabendo que qualquer demora no início da campanha lhe poderia ser fatal, devido à grande desproporção de forças que contra ele poderiam ser mobilizadas, decidiu atuar de forma rápida, antes que estes exércitos pudessem encetar uma manobra conjunta contra ele.

Cipião compreende que a sua primeira preocupação deveria ser a de conseguir criar uma posição forte na Hispânia, conquistando uma praça-forte que lhe garantisse um ponto de apoio seguro para funcionar como centro das suas operações.

É com esse intuito que, de forma ousada, decide assediar Nova Cartago, um dos tradicionais bastiões da ocupação cartaginesa. Esta pareceria no entanto um objetivo inalcançável, pois era tida como uma cidade com uma situação geográfica quase

⁵⁹ No Dicionário de J. R. González é referido que Cipião desembarcou em *Emporiae* (hoje Girona, Espanha) no outono de 211 a.C., e que terá tomado Nova Cartago na primavera de 210 a.C., no entanto Tito Lívio afirma que, no seu tempo, existiam historiadores que situavam este acontecimento um ano depois, ou seja 209 a.C., parecendo-lhe muito incrível que Cipião tivesse ficado inativo na Hispânia por um ano – GONZÁLEZ, 2005, p. 124; TITO LÍVIO, 1982, XXVII.7; LE BOHEC, 2014, p. 227.

⁶⁰ GOLDSWORTHY, 2011, p. 63.

⁶¹ O'CONNELL, 2012, p. 241.

⁶² Todos a mais de dez dias de marcha do núcleo central dos Barcas, a cidade de Nova Cartago, um dos possíveis alvos de Cipião. GOLDSWORTHY, 2009, p. 358; O'CONNELL, 2012, pp. 240-242; POLÍBIO, 1889, 1962, X.7.

inexpugnável, bem fechada nas suas robustas muralhas e quase toda cercada de água, à exceção de um reduzido istmo. Era também o melhor porto da Península Ibérica e por lá os cartagineses conseguiriam com facilidade receber mais reforços, o que poderia ser fatal para as pretensões romanas ⁶³. Cipião prepara o ataque com todo o detalhe, obtendo muitas informações valiosas através da população autóctone, que também já bem pesado vinha sentindo o jugo púnico nos seus territórios. Mas se esta opção pelo assédio a Nova Cartago tinha algumas vantagens, como a de não existirem tropas púnicas estacionadas no percurso que teria que realizar até a alcançar, também comportava alguns riscos importantes. Estaria, pois, consciente de que iria iniciar um assalto a uma cidade com uma posição geoestratégica muito forte e que o fator tempo se constituía como um dos seus piores inimigos. Sabia bem que teria a necessidade de a tomar de forma muito rápida, atendendo à possível chegada de qualquer um dos outros exércitos cartagineses, o que acarretaria um total malogro.

Qualquer demora na conquista ser-lhe-ia, assim, fatal porque teria a inevitabilidade de um ataque pela retaguarda, com a agravante da notória superioridade numérica do inimigo. A conquista de Nova Cartago teria que ser executada através de um assalto fulminante às suas muralhas e não, como era prática comum no assédio a grandes cidades, pela sua capitulação, que se concretizava essencialmente pela rendição *a posteriori*, devido à fome e à sede dos sitiados ⁶⁴.

Cipião teria pois que investir aproveitando ao máximo o fator surpresa, pois este ataque não seria o que os cartagineses esperariam como uma real primeira possibilidade, confiantes que estariam da inexpugnabilidade de Nova Cartago. Bastante influência na sua decisão terá tido a importante informação que obteve por parte dos pescadores de Tarraco, que lhe garantiram que era possível na maré baixa passar a vau a moldura de água que a envolvia ⁶⁵. Isto poderia viabilizar do ponto de vista tático o seu assédio rápido, sem ter de ficar confinado ao istmo, bem como permitiria incrementar muito o tão necessário fator surpresa contra os sitiados, ao abrir a possibilidade de um forte ataque simultâneo em vários pontos da muralha. Com extremo cuidado na manutenção do segredo das suas intenções, atitude de sigilo que manterá sempre em todas as suas operações militares ⁶⁶, Cipião submete os seus legionários a um treino intensivo, conhecedor que era já da necessidade que teria de reformular e redimensionar a prática militar tradicional, pois a sua inferioridade numérica e o difícil cenário onde estava em campanha o obrigariam a deitar mão de inovações táticas.

⁶³ GOLDSWORTHY, 2011, p. 66.

⁶⁴ GOLDSWORTHY, 2011, p. 66.

⁶⁵ O'CONNELL, 2012, pp. 240-242; GOLDSWORTHY, 2011, p. 66.

⁶⁶ GOLDSWORTHY, 2011, p. 67.

Cipião inicia a marcha rápida para o seu objetivo na primavera de 209 a.C., 2.^a metade de fevereiro, com uma força estimada de 25 000 infantas e 2 500 cavaleiros ⁶⁷. Complementa estas forças terrestres com o envio simultâneo de uma esquadra, com 35 galeras de guerra, comandada por Gaio Lélíio, um dos seus generais da máxima confiança e, além disso, seu amigo pessoal ⁶⁸.

Esta considerável investida marítima simultânea teria o duplo objetivo tático de não só inviabilizar qualquer ajuda cartaginesa por mar, mas também de deixar em aberto uma possível fuga do seu exército, caso as operações terrestres não corresse como previsto ⁶⁹.

Chegado de surpresa junto de Nova Cartago, Cipião monta acampamento e incentiva fortemente os seus homens a esforçarem-se no ataque, reforçando o seu discurso com referências religiosas e com os consequentes presságios que tão bem vão ao encontro do espírito romano. Fala-lhes de um sonho em que o deus Neptuno lhe terá revelado ele próprio um plano de assédio e lhe garante a tomada da cidade, prometendo-lhe a sua ajuda direta baixando o nível das águas, para viabilizar o ataque ⁷⁰.

Cipião, como grande comandante, está bem consciente da grande mais-valia que poderá resultar da forte motivação das suas tropas e, compreendendo que todos os aspetos são essenciais para tão ousada operação, faz uma forte manipulação psicológica utilizando um elemento prático material do qual teve prévio conhecimento e revestindo-o de uma dimensão transcendente. Cipião desde muito jovem fez-se rodear de uma aura mística e de uma suposta comunicação privilegiada com os deuses, permanecendo muitas horas no Capitólio, mergulhado em profunda meditação. Dir-se-ia mesmo que, independentemente da sua crença pessoal nos deuses e da sua possível ligação íntima a estas dimensões de carácter religioso, o que teremos que admitir como elemento objetivável é que ele soube aproveitar com grande eficácia esta sua dimensão, fazendo com que os seus homens se sentissem respaldados por um apoio divino tão essencial em momentos de grande dificuldade. Poderemos observar bem esta manipulação psicológica se pensarmos que a viabilidade da passagem a vau da moldura aquática da cidade é um elemento concreto fornecido pela experiência dos autóctones, que Cipião transforma para as suas tropas num momento de epifania proporcionado pela boa vontade do deus que está empenhado em os ajudar na árdua tarefa do dia seguinte.

⁶⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, X.9; LE BOHEC, 2014, p. 228.

⁶⁸ O'CONNELL, 2012, pp. 240-242; GOLDSWORTHY, 2011, p. 67; POLÍBIO, 1889, 1962, X.9; LE BOHEC, 2014, pp. 227-228.

⁶⁹ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 359-360.

⁷⁰ GOLDSWORTHY, 2011, pp. 68-69; POLÍBIO, 1889, 1962, X.11; LE BOHEC, 2014, p. 230.

2.2. Uma Conquista Surpreendente ⁷¹

A guarnição mercenária púnica presente em Nova Cartago era bastante reduzida, não constando que fosse constituída por mais de 1 000 homens, mas a defesa podia contar ainda com 2 000 habitantes dispostos a combater ⁷². Magão, o responsável púnico pela defesa da cidade, surpreendido pela ousadia do ataque romano, contrapõe com a realização de uma forte surtida. Assim que, ao alvorecer, começa a investida romana, com as colunas dos legionários atravessando o istmo, principia o contra-ataque, que pretende ser uma demonstração de coragem dos habitantes e também atrasar ao máximo a previsível tentativa de construção de estruturas de assédio ⁷³.

Segundo Políbio, Cipião previa a possibilidade deste tipo de surtidas, frequente em situações similares. Mostrando aos sitiados o início da sua investida, desencadeou o contra-ataque dos cidadãos, contudo, ao atrasar a progressão dos seus homens no terreno, permitiu-lhes lutar na zona mais favorável e também proporcionou que o início da refrega se desse o mais longe possível das muralhas. Esta atitude levou a que fosse infligido um maior número de baixas ao desorganizado grupo de cidadãos, aproveitando a sua notória falta de experiência. Apesar da grande intensidade da refrega, o treino militar romano acabou por prevalecer e um grande número dos defensores foi abatido, antes de conseguirem regressar a proteção do interior das muralhas ⁷⁴.

Sem perda de tempo, Cipião, que dirigia ele próprio todas as operações a partir de um plano elevado muito próximo do local da refrega, protegido por três legionários munidos de grandes escudos, manda executar de imediato um primeiro assalto às muralhas com inúmeras escadas, com o intuito de aproveitar o pânico e a desorganização momentânea do inimigo ⁷⁵.

Lélio, ao comando da esquadra, tinha ordens para assediar de forma sincronizada a zona sul da cidade, de maneira a criar desorientação nas suas defesas. No entanto, apesar do grande esforço romano para conseguir logo neste primeiro assalto quebrar a resistência, o elevado número de projéteis atirados pelos defensores contra os grupos de assalto nas escadas tornou inviável esta tentativa e Cipião mandou cessar o ataque. O comandante romano revela estar bem atento ao equilíbrio necessário entre o esforço operacional da sua investida e o momento em que a persistência de tal esforço deixa de compensar, com a grande perda de homens sem

⁷¹ Ver ANEXOS – ESQUEMAS DE BATALHAS, pp. I-II.

⁷² POLÍBIO, 1889, 1962, X.12.

⁷³ O'CONNELL, 2012, p. 243.

⁷⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, X.12.

⁷⁵ GOLDSWORTHY, 2011, pp. 69-70; POLÍBIO, 1889, 1962, X.13..

resultados práticos eficazes. Teriam os defensores boas razões para se regozijarem, visto que a refrega já travada parecia ter quebrado o ímpeto inicial da investida romana sem qualquer resultado prático e mesmo sem quaisquer perdas para a pequena guarnição de mercenários púnicos ⁷⁶.

Se fosse possível aos defensores manterem a sua posição durante cerca de dez dias, tempo que permitiria a chegada de reforços por parte de algum dos três exércitos cartagineses ⁷⁷, isso faria com que os romanos tivessem que abandonar a sua tentativa de conquistar Nova Cartago.

No entanto, Cipião, numa nova manobra atípica de uma operação de assédio e consciente da sua falta de tempo, manda reiniciar de supetão as hostilidades, à revelia da prática habitual que permitia deixar descansar os seus homens alguns dias antes de se fazer uma nova tentativa. Antes que o seu inimigo se pudesse refazer do esforço despendido para rechazar o ataque, com o gasto inerente de grande parte dos seus projéteis, o general romano, com grande sentido de oportunidade, vai dar início a nova esforçada tentativa de penetrar as muralhas de Nova Cartago, com grande surpresa para os sitiados. Tendo aproveitado a pequena pausa para mandar construir muitas escadas de assalto novas, só com muito esforço por parte dos defensores esta segunda tentativa de assalto não foi logo coroada de êxito. Nesta tenaz resistência para travar esta a investida romana, o comandante cartaginês Magão manda deslocar todos os mercenários que protegiam a muralha norte para o ponto de assédio, acabando por deixar desguarnecida essa parte da muralha.

Cipião, com a sua programação detalhada dos momentos operacionais do combate, tinha já previamente deslocado um grupo de 500 dos seus melhores homens para a zona norte da cidade, preparados para passar a vau a lagoa e munidos de escadas para efetuarem um rápido assalto às muralhas agora desguarnecidas ⁷⁸. Inspirados pela prova palpável da ajuda de Neptuno, os legionários que efetuavam o assalto principal, quando souberam do que estava a ocorrer, redobram os seus esforços e, criando uma tartaruga (*testudo*), atacaram a golpes de machado a porta da cidade, reforçando a fixação da atenção cartaginesa nesse ponto. Os legionários que penetraram pela parte desguarnecida da muralha deslocaram-se com rapidez pelos adarves e conseguiram abrir as portas da cidade aos companheiros. A resistência de Nova Cartago estava quebrada e as sucessivas vagas de tropas romanas que entraram na

⁷⁶ GOLDSWORTHY, 2011, p. 72.

⁷⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, X.7.5.

⁷⁸ FRONTINO, Sexto Júlio – *Estratagemas*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda. Trad. Miguel Mata. 2005, III.IX.1 (p. 151); GRIMAL, 2013, pp. 55-56.

cidade, quer pela porta, quer por escadas, levaram à rendição total ⁷⁹, com Magão a capitular após uma pequena tentativa de ainda resistir na cidadela ⁸⁰.

Tomada esta forte posição geo-militar na península, com toda a sua enorme riqueza, Cipião não vai proceder à destruição das fortes infraestruturas produtivas da cidade. Estas eram corporizadas pelos seus inúmeros bons artesãos, que o general romano vai aproveitar, sob uma forte manipulação, para criar uma máquina logística que o vai ajudar, em armas e equipamentos, a suprir as necessidades práticas que a partir de agora irá ter de enfrentar ⁸¹. Cipião continua também o seu subtil trabalho de motivar as legiões para as próximas campanhas, enaltecendo a sua dedicação e coragem. Distribui, assim, generosos prémios aos seus legionários e ainda a prometida *corona muralis*, atribuída ao primeiro homem a escalar a muralha e a conseguir entrar na cidade. ⁸² Para solidificar e garantir a sua posição face aos povos autóctones e à sua conhecida fragilidade de alianças, manda libertar, enviando-os para as suas regiões, mais de 300 reféns pertencentes a famílias nobres das tribos hispânicas que estariam submetidos pelos cartagineses como garantia da sua fidelidade, granjeando assim a amizade de grande número de tribos ⁸³.

⁷⁹ EGGENBERGER, 1985, pp. 300-301; McNAB, Chris - *The Roman Army the Greatest War Machine of the Ancient World*. Great Britain: Osprey Publishing, 2010, p. 62.

⁸⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, X.13-15; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 361-362; GOLDSWORTHY, 2011, pp. 72-73; GONZÁLEZ, 2005, p. 124; LE BOHEC, 2014, pp. 229-230.

⁸¹ GOLDSWORTHY, 2011, p. 75; HART, 2006, pp. 42-43.

⁸² GOLDSWORTHY, 2011, p. 74.

⁸³ POLÍBIO, 1889, 1962, X.18; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 364-365; O'CONNELL, 2012, pp. 243-244; GOLDSWORTHY, 2011, pp. 75-76; GONZÁLEZ, 2005, p. 124; LE BOHEC, 2014, p. 230; FRONTINO, 2005, II.XI.5 (p. 134).

3. A BATALHA DE BÉCULA – VERÃO DE 208 A.C.

3.1. Uma Tática Inteligente para Superar uma Forte Posição do Inimigo

Se a queda de Nova Cartago foi um rude golpe na hegemonia dos cartagineses na Península Ibérica, a batalha de Bécula constituiu mais uma notável vitória de Cipião para repor o peso de Roma em todo este contexto. A fragilização da força cartaginesa vai-se refletir com rapidez na rede de alianças com os povos locais, que começam a sentir estar em curso uma possível mudança nos destinos da guerra e iniciam uma progressiva desvinculação da tradicional influência púnica.

A partir de 211 a.C., tinha-se assistido a um forte incremento da posição cartaginesa na península, em resultado de várias vitórias sobre os romanos. Sentindo-se seguros, os cartagineses tinham começado a tratar de forma muito sobranceira as populações locais, retirando-lhes autoridade e impondo um substancial aumento de impostos. Com esta renovação da presença romana no contexto ibérico, todo o xadrez político-militar anterior se vai começar a modificar, congregando agora potenciais apoios dos povos autóctones a Cipião. Este pretende solidificar a sua posição e desenvolve constantes esforços diplomáticos para conquistar os chefes ibéricos, embora esteja sempre bem consciente da fragilidade das promessas de apoio com que poderá contar. Pouco a pouco, estes vão começar a responder de forma positiva, como aconteceu com Indíbilis, chefe dos Ilergetes, que fora sempre um dos mais ferrenhos apoiantes dos púnicos e que agora compreendeu a nova tendência político-militar que o envolvia. Depois da sua surpreendente vitória em Nova Cartago, Cipião vai aguardar o início da época sazonal de 209 a.C., planeando o seu novo objetivo operacional durante a sua estadia em Tarraco, onde permanece durante todo o inverno de 210-209 a.C., submetendo aí os seus homens a um ainda mais apertado plano de treino. Analisada a situação no terreno, Cipião decide desafiar o exército de Asdrúbal Barca. Este encontrar-se-ia, ao que tudo indica, em preparativos para ir em auxílio do irmão Aníbal, que continuava em Itália, mergulhado no seu estranho torpor estratégico, vigiado pelo olhar atento das cautelosas legiões romanas lideradas por Fábio Máximo. Se, por um lado, Asdrúbal pretende ajudar o irmão Aníbal, por outro não quer também deixar que Cipião inverta a tendência hegemónica da presença cartaginesa na Península Ibérica. Segundo o relato de Políbio o general púnico decide assim procurar um confronto com os romanos, deixando em aberto a hipótese da sua partida para Itália, caso o resultado da batalha não lhe seja favorável ⁸⁴.

⁸⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, X.37; HART, 2006, pp. 47-50.

Isto poderá explicar, em grande parte, o curioso desfecho da batalha de Bécula, em que assistimos a uma vitória de Cipião e, em simultâneo, a uma fuga de Asdrúbal, que assim se consegue eximir de uma derrota total, escapando com o seu tesouro e com os seus vagarosos trinta e um elefantes. É possível que Asdrúbal estivesse muito atento a esta possibilidade de fuga desde o início da batalha, e talvez tenhamos que admitir que terá tomado medidas neste sentido mesmo antes desta, atendendo a que nem sequer encetou qualquer manobra com os paquidermes. Neste sentido admitimos mesmo a hipótese de que talvez estes paquidermes pudessem já estar a afastar-se do cenário da batalha, ainda antes do seu início.

3.2. Cipião Derrota o Exército de Asdrúbal Barca. ⁸⁵

Partindo de Tarraco, na primavera de 208 a.C. ⁸⁶, o exército de Cipião vai acabar por intercetar o de Asdrúbal na rica região de Bécula, atual Bailén, no distrito de Castalon, às margens do rio Bétis, hoje Guadalquivir, situada perto das famosas minas de prata de Castulo. Asdrúbal procura de imediato uma posição forte num planalto elevado, ficando com a retaguarda protegida por um braço do rio e com ambos os flancos defendidos por difíceis escarpas rochosas. Este planalto era constituído por dois terraços: um frontal, situado num plano inferior, e um posterior, mais elevado. No primeiro, Asdrúbal colocou as suas tropas ligeiras, nomeadamente fundibulários das Baleares, auxiliares hispânicos e cavaleiros nómadas, deixando para o terraço mais elevado a instalação do seu acampamento ⁸⁷.

A rápida busca de uma posição defensiva tão forte leva-nos a crer que a intenção de Asdrúbal seria a de tentar fixar o exército de Cipião, mas desincentivando o mais possível o confronto, para permitir a aproximação de algum dos outros exércitos cartagineses. Isto permitiria uma superioridade numérica esmagadora e um eventual ataque à retaguarda de Cipião, que está bem consciente deste perigo. O exército romano é agora composto por cerca de 35 000 homens, tendo para tal o general romano inserido nas suas tropas terrestres elementos da sua armada, numa tentativa de reduzir a notória desvantagem numérica. Estima-se que os cartagineses fossem cerca de 25 000 mercenários, a que se juntavam mais uns largos milhares de auxiliares, oriundos dos seus aliados africanos e das populações ibéricas. Sabendo que, apesar da forte posição de Asdrúbal, não podia protelar muito a decisão de o atacar, dois dias depois Cipião inicia a sua investida, mas inverte a ordem habitual consagrada pelas

⁸⁵ Ver ANEXOS – ESQUEMAS DE BATALHAS, p. III.

⁸⁶ No Dicionário de J. R. González o ano indicado é o de 209 a.C. sendo contudo referidos as dúvidas de datação para esta batalha, nomeadamente Políbio que a situa em 208 a.C. – GONZÁLEZ, 2005, p. 84; POLÍBIO, 1889, 1962, X.12; TITO LÍVIO, 1982, XXVII.17-19.

⁸⁷ HART, 2006, pp. 48-49.

táticas tradicionais do exército romano. Vai, assim, enviar a sua infantaria ligeira encosta acima, atacando o primeiro terraço, e origina uma intensa troca de flechas, dardos e pedras com a infantaria homóloga cartaginesa ⁸⁸.

Apesar da dificuldade na subida de uma tão íngreme ladeira sob uma tão intensa chuva de projéteis, a coragem e motivação dos *velites* romanos acabou por vencer e, a coberto dos acidentes do relevo, eles conseguiram chegar ao primeiro terraço, onde demonstraram rapidamente a sua superioridade no corpo a corpo. As tropas ligeiras púnicas apenas estavam preparadas para lutar à distância, arremessando projéteis e com bastante espaço ao seu redor. Assim que os púnicos foram confrontados com a prática militar romana, que exerceu forte pressão sobre as suas linhas e os confinou a lutarem num espaço cada vez mais reduzido, viram-se forçados a lutar corpo a corpo ou a tentar fugir em desordem para o terraço superior.

Cipião fez integrar neste ataque das suas tropas ligeiras todos os elementos disponíveis para arremessar projéteis, tendo sido até incluídos inúmeros escravos, para potenciar a cobertura da manobra. Prevendo o general romano o confronto corpo a corpo logo no primeiro terraço, fez com que os *velites* fossem secundados por alguns manípulos de infantaria pesada dispostos em formação de combate.

Asdrúbal, vendo a debandada da sua infantaria ligeira e a dificuldade de conter o ataque romano pelo centro, começa a organizar o corpo principal do seu exército em formação de batalha no meio do segundo terraço do planalto, acreditando que a principal ameaça se daria por toda esta zona central. No entanto, neste meio tempo, e com todo o sentido de oportunidade, o comandante romano já tinha dividido a sua infantaria pesada em dois grandes corpos, com os quais vai atacar Asdrúbal pelos flancos diretamente no terraço mais elevado, subindo por ambas as encostas, ou seja, executando uma larga manobra de flanqueamento em tenaz. Cipião lidera ele próprio os legionários que atacam pelo flanco esquerdo, atribuindo a Lélío a tarefa de procurar uma boa linha de ascensão do lado direito ⁸⁹.

Asdrúbal, que teria um excesso de confiança na sua forte posição, demora bastante tempo a organizar a sua tropa principal, acabando os cartagineses por serem surpreendidos ainda nos seus movimentos preparatórios. Cipião consegue chegar rapidamente ao topo do planalto e atacar a desorganizada ala direita do inimigo, fazendo com que esta não tenha quaisquer condições de ripostar. Durante a grande confusão que se gerou nas tropas púnicas, com um aumento substancial do número de baixas, dá-se também a providencial chegada de Lélío ao cimo do planalto, o que permitiu o ataque simultâneo do outro flanco.

⁸⁸ O'CONNELL, 2012, pp. 245-246.

⁸⁹ HART, 2006, p.50; LE BOHEC, 2014, p. 230.

Apanhado de surpresa por esta dupla investida, Asdrúbal compreende que já não tem tempo para reformular a sua formação de combate e reposicionar o seu exército de modo a poder responder ao inesperado ataque romano. O comandante púnico apercebe-se que a única alternativa é ordenar a retirada ⁹⁰. Como é típico da desorganização causada pela fuga, o que verificamos em seguida é um verdadeiro massacre dos púnicos e dos seus aliados, com Lívio a falar-nos de mais de 8 000 mortos e Políbio em 10 000 prisioneiros de infantaria e 2 000 de cavalaria ⁹¹. Com receio do ardiloso comandante romano, é bem possível que Asdrúbal tenha feito preparativos para a fuga parte do seu exército, logo que percebeu as claras intenções de Cipião de iniciar o ataque. Só assim se explica que ainda tenha tido tempo para se conseguir pôr em fuga com milhares de homens, com todas as riquezas e levando ainda os vagarosos paquidermes, sendo que, para conseguir tal proeza, era forçoso que estes já se tivessem posto em marcha muitas horas antes. Dirigiram-se para norte, procurando atingir o vale do Tejo, de onde Asdrúbal terá partido com rapidez em direção aos Pirenéus. Cipião não tenta impedir-lhe a fuga, nem sequer persegui-lo. O general romano está consciente não só das pequenas dimensões do seu exército, mas também da situação de grande dificuldade logística em que ficaria, se fizesse qualquer tentativa nesse sentido ⁹². No entanto, com a sua proverbial astúcia, vai enviar duas *coortes* para duas das principais linhas de retirada, a fim de infligirem o maior número de baixas possível ao exército púnico.

Restando ainda na Península Ibérica os exércitos de Asdrúbal Gisgão e de Magão, Cipião tinha a perfeita noção de que ainda teria que efetuar consideráveis operações militares até poder livrá-la da presença cartaginesa e evitar a possibilidade do envio de mais reforços a Aníbal. Esta nova vitória de Cipião fortificou muito a posição romana na península, não só porque venceu e expulsou um dos importantes exércitos púnicos, mas também porque fez inclinar o apoio dos chefes hispânicos para a sua causa. Toda esta situação foi muito favorecida pelo facto de o líder romano ter libertado grande parte dos prisioneiros hispânicos, permitindo-lhes que regressassem aos seus povos sem exigir qualquer resgate. Os chefes iberos ficaram cada vez mais convictos da nova tendência da guerra e começaram a encarar Cipião como alguém que os vinha libertar da ocupação cartaginesa.

O redimensionamento tático e a sagacidade que Cipião patenteou nestas duas vitórias mostrou bem aos seus inimigos as capacidades deste jovem líder militar, que conseguiu em tão pouco tempo desequilibrar a favor dos romanos todo o jogo de forças vigente na Península

⁹⁰ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 365-367; LE BOHEC, 2014, p. 230; GONZÁLEZ, 2005, p. 84.

⁹¹ POLÍBIO, 1889, 1962, X.34-40; TITO LÍVIO, 1982, XXVII.17-19; HART, 2006, p.50.

⁹² POLÍBIO, 1889, 1962, X.39; TITO LÍVIO, 1982, XXVII.17.1-20; O'CONNELL, 2012, p. 247.

Ibérica. A tática adotada por Cipião em Bécula é demonstrativa de que ele sabia bem que, com o seu modesto exército e com a ingente necessidade de poupar todos os elementos que pudesse, seria um erro avançar frontalmente sobre a forte posição de Asdrúbal com a tradicional formação das legiões em *triplex acies*⁹³. A posição de Cipião num plano inferior favoreceria o seu inimigo no lançamento de projéteis, remetendo para um papel de total ineficácia a sua infantaria pesada, visto que esta não teria um adversário com o qual pudesse encetar um confronto corpo a corpo. O seu inimigo, na fase inicial da batalha, era formado pela infantaria ligeira cartaginesa, o que implicaria que, caso optasse por um ataque frontal com a sua infantaria pesada, pouco mais conseguiria do que sujeitar os seus legionários a uma densa chuva de projéteis, sem que estes tivessem qualquer possibilidade de responder no combate corpo a corpo. Deste ataque unilateral resultaria inevitável que as legiões fossem submetidas a um sem número de baixas, visto que a infantaria ligeira cartaginesa se eximiria sempre ao contacto direto. Decidiu, assim, Cipião enfrentar a infantaria ligeira púnica com a sua homóloga romana, que poderia também, tal como aconteceu, ripostar com projéteis à sanha do inimigo. Percebeu por certo que, enquanto decorria tal confronto, poderia procurar o necessário embate corpo a corpo, próprio da infantaria pesada, fazendo-a executar uma célere subida por ambos os flancos da posição cartaginesa, o que lhe assegurou uma rápida vitória. A fuga de Asdrúbal para a Península Itálica seria sempre uma quase inevitabilidade, atendendo à sua posição geográfica e ao receio de Cipião de se internar demasiado no território hispânico, ficando à mercê do ataque dos outros dois exércitos púnicos.

Se Cipião não teve condições de impedir Asdrúbal de se deslocar para a Gália, conseguiu no entanto enfraquecê-lo de tal modo que este acabou por permanecer por mais de um ano sem conseguir ir ao encontro do irmão Aníbal, tendo que se render à necessidade de recrutar homens para engrossarem o seu exército⁹⁴. Estas ações, retardando a marcha de Asdrúbal e facilitando a sua interceção na Península Itálica, fizeram-no compreender que os romanos estavam muito mais bem preparados do que em 218 a.C., confrontando-se com uma tropa romana melhor comandada e treinada que o aniquilou⁹⁵.

Mas, desde logo, a importância de uma vitória no terreno e o desaparecimento da força de Asdrúbal Barca da Península Ibérica terão tido por certo um grande peso na motivação das suas tropas e também na sua afirmação definitiva em terras hispânicas.

⁹³ FIELDS, 2010, p. 43.

⁹⁴ HART, 2006, p. 51.

⁹⁵ Asdrúbal Barca morre na batalha do rio Metauro, em 207 a.C. Aníbal só teve conhecimento da chegada do seu irmão quando a cabeça deste foi lançada para o interior do seu acampamento. - POLÍBIO, 1889, 1962, XI.1,2; GOLDSWORTHY, 2011, p. 76; FRONTINO, 2005, II.III.8, II.IX.2, (pp. 95-130); GRIMAL, 2013, p. 56.

4. A BATALHA DE ILIPA – VERÃO DE 206 A.C.

4.1. Fim do Poderio Púnico na Hispânia

Será quase impossível formar uma ideia segura do que possa ter sido o pensamento estratégico de Cipião no momento em que chegou à Hispânia. Será que a sua intenção inicial era a de apenas vencer a hegemonia cartaginesa em terras ibéricas e evitar o envio de reforços a Aníbal, ou poderemos admitir que, em algum momento, lhe teria já ocorrido a hipótese de que, após mudar o xadrez militar na Hispânia, poderia realizar um ataque ao centro do poderio púnico em África, tal como veio a acontecer? Talvez se configure como mais legítimo admitirmos a hipótese de que o aumento exponencial dos seus objetivos estratégicos até terras africanas se tenha ido formando à medida que foi conseguindo as suas importantes vitórias no contexto militar ibérico. Para tal, a batalha de Ilipa terá contribuído de forma decisiva para potenciar todo esse alargamento de objetivos, graças à substancial quebra que ela provocou no poderio púnico ⁹⁶.

Após a vitória de Bécula no verão de 208 a.C., Cipião vai esperar dois anos até encetar nova e decisiva campanha contra os cartagineses. Durante este interregno, Asdrúbal Gisgão vai reforçar muito o seu exército, recrutando milhares de mercenários e tentando congrega cada vez mais o apoio dos seus aliados. É com uma força esmagadora de 70 000 infantes, 4 000 ou 4 500 cavaleiros, entre os quais a cavalaria nómada, chefiada pelo príncipe Masinissa, e 32 elefantes ⁹⁷ que ele pretende desafiar o jovem Cipião, deslocando-se para Ilipa, no verão de 206 a.C. ⁹⁸, uma povoação situada perto da moderna Alcalá del Rio, em Sevilha ⁹⁹.

Não conhecendo ainda as dimensões gigantescas do exército de Asdrúbal, o comandante romano vai aceitar o repto deslocando-se em sua direção e recrutando pelo caminho vários corpos de tropas auxiliares hispânicas, numa tentativa de reduzir a sua crónica inferioridade numérica. É só quando chega ao rio Bétis que consegue ficar com uma ideia mais precisa das impressionantes dimensões das forças que vai ter de enfrentar. Embora o seu próprio exército se pudesse considerar já respeitável, o número dos seus efetivos era ainda bastante inferior ao

⁹⁶ GOLDSWORTHY, 2011, p. 57.

⁹⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XI.20.2); GOLDSWORTHY, 2011, p. 77; HART, 2006, p. 55.

⁹⁸ Novamente este ano é controverso considerando J. R. González no seu Dicionário o ano de 206 a.C. mas referindo que Tito Lívio situa Ilipa um ano mais cedo, isto é 207 a.C. – GONZÁLEZ, 2005, pp. 230-231; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.12-13.

⁹⁹ O'CONNELL, 2012, p. 259.

do exército púnico ¹⁰⁰. Para além desta circunstância, acrescentar-se-ia também a dificuldade de que cerca de metade dos seus efetivos era constituída por tropas auxiliares hispânicas, em quem Cipião não pode nem deve confiar demasiado, lembrando-se com certeza do desastre causado pela traição destas, que ocasionara a morte do seu pai, Públio Cornélio Cipião e do seu tio Gneu Cornélio Cipião Calvo, naquele mesmo teatro de guerra ¹⁰¹, em 212 a.C. ou 211 a. C. consoante os autores conforme nota 40.

O contexto militar que rodeava Cipião não deveria ser assim muito animador, rodeadas que estavam as suas legiões por um grande número de inimigos e de tropas hispânicas não confiáveis

Cipião, com a sua *verve* imaginativa, vai tentar uma tática inovadora que pretende enganar Asdrúbal e assestar um golpe rápido e fatal com as suas legiões, preparando-o com uma impressionante coreografia. O líder romano vai utilizar o considerável somatório das suas legiões com os efetivos das tropas aliadas, não para atacar de imediato Asdrúbal, mas antes para montar um grande cenário teatral que lhe permitirá conter e ludibriar o inimigo, ao mesmo tempo que, na sombra, prepara as suas legiões para um ataque fulminante e inovador ¹⁰².

4.2. A ‘Dança’ das Ordens de Batalha ¹⁰³

Chegado a Ilipa com uma força total de 45 000 infantes e 3 000 cavaleiros, Cipião vai montar desafiadoramente o seu acampamento na colina situada em frente à posição do exército inimigo ¹⁰⁴. A afirmação desta sua posição de desafio e confiança terá tido também algum impacto na moral dos púnicos, ao que se acrescenta ainda o frémito de lhes fazer sentir que já estava cortada a sua principal linha de fuga, pois Cipião controlava a partir da sua posição a estratégica estrada para a cidade de Gades. Esta força moral com que Cipião chega a Ilipa vai ainda ser reforçada pelos bons resultados que obtém nos primeiros recontros com os cartagineses.

Magão, um dos chefes púnicos presentes no cenário da batalha, regressado em 207 a.C. das Baleares ¹⁰⁵, vai pretender desmoralizar os romanos, ainda atarefados na montagem do seu acampamento, atacando de surpresa com a quase totalidade da cavalaria os postos avançados

¹⁰⁰ GOLDSWORTHY, 2009, p. 370.

¹⁰¹ HART, 2006, p. 55; GONZÁLEZ, 2005, pp. 231-233; LE BOHEC, 2014, pp. 223-227.

¹⁰² LE BOHEC, 2014, p. 235.

¹⁰³ Ver ANEXOS – ESQUEMAS DE BATALHAS, pp. IV-V.

¹⁰⁴ HART, 2006, p. 55.

¹⁰⁵ HART, 2006, p. 53; GOLDSWORTHY, 2011, pp. 77-78.

romanos e parte da coluna principal que se encontrava ainda em marcha. Cipião que, como lhe era peculiar, conseguiu antever as possíveis investidas dos seus inimigos, já tinha colocado previamente a sua cavalaria de sobreaviso, escondida atrás de um outeiro e pronta para um possível contra-ataque. Apanhada de surpresa pelo flanco, a cavalaria cartaginesa, liderada pelos númidas de Masinissa, é muito castigada, acabando por perder todo o impacto inicial da investida e só consegue reordenar-se graças ao seu elevado número. Contra ela, Cipião manda investir um grande contingente dos seus legionários, que a vão obrigar a recuar; e se, a princípio, os púnicos ainda o conseguem fazer em boa ordem, a forte pressão romana vai levá-los a uma progressiva fuga desordenada, com o conseqüente elevado número de baixas ¹⁰⁶. Esta debandada da cavalaria inimiga foi mais um forte incentivo à moral das legiões romanas, que nesta fase das campanhas, em função dos resultados conseguidos, confiam já totalmente na sagacidade tática do seu comandante.

Nos dias subsequentes, Asdrúbal Gisgão vai começar por oferecer batalha, formando o seu exército na pequena colina onde se situava o seu acampamento, bem à vista das tropas romanas que estavam na colina fronteira. Em resposta ao desafio cartaginês, Cipião fazia alinhar também o seu exército na mais tradicional ordem de batalha, demonstrando estar preparado para o confronto, mas sem que nenhum dos comandantes tomasse a iniciativa de dar início à batalha. Todos os dias os dois exércitos formavam um em frente do outro numa pura demonstração de força, permanecendo horas e horas na expectativa tensa de qual dos dois iria avançar e iniciar as hostilidades. Isto implicava também descer para o vale que mediava as duas colinas, enfraquecendo a posição tática de quem estivesse disposto a dar esse passo inicial.

Durante esses dias, pouco mais se verificou do que escaramuças esporádicas com a cavalaria e o lançamento de projéteis pelas tropas ligeiras. Cansados da espera tensa que se arrastava ordinariamente durante todo o dia, os dois exércitos retiravam-se para os respetivos acampamentos quando chegava o pôr-do-sol, deixando Cipião que fossem sempre os cartagineses a tomarem a decisão, quer do momento em que se agrupavam para a batalha, quer a de recolherem ao acampamento ¹⁰⁷.

Esta inteligente manobra de Cipião deixando que fosse Asdrúbal a tomar a iniciativa diária de formar e recolher, respondendo sempre com atraso a ambos os momentos, poderá ter sido uma armadilha intencional do líder romano logo desde o início, mas poder-se-á também admitir que não o tenha sido. Com a sua proficiente sagacidade, poder-se-á mesmo considerar

¹⁰⁶ POLÍBIO, 1889, 1962, XI.21.1-6; TITO LÍVIO, XXVIII.13.6-10; O'CONNELL, 2012, p. 259; HART, 2006, p. 56.

¹⁰⁷ GOLDSWORTHY, 2009, p. 371; LE BOHEC, 2014, p. 235.

que o astuto Cipião tenha elaborado o seu genial golpe de mestre no próprio contexto criado pela situação, sabendo tirar todo o partido psicológico daquela prolongada demonstração de força.

Quanto à coreografia da sua ordem de batalha, ela era a mais convincente possível para os cartagineses. Todos os dias as legiões eram colocadas no centro, como era típico da ordem de batalha romana, dispostas em frente dos principais corpos de tropas regulares cartaginesas, remetendo as tropas aliadas itálicas e hispânicas para a proteção dos flancos ¹⁰⁸.

A repetição sistemática desta ordem de batalha levou todos a crer que esta seria a tipologia da formação tática com que se daria o confronto e que os generais apenas aguardavam o momento oportuno para iniciarem o ataque. Era esta a convicção que o general romano queria infundir o mais possível na opinião geral, quer dos seus próprios homens, quer de Asdrúbal e de todo o exército inimigo ¹⁰⁹.

Quanto mais todos estivessem convictos disso, incluindo os seus homens, mais todo esse cenário salientaria a surpresa do golpe rápido e demolidor que queria aplicar. Notemos a forma sigilosa com que ele trata as questões táticas, tendo em atenção que nem as suas próprias legiões deverão saber, até ao momento exato do confronto, qual é o plano do seu comandante, não querendo arriscar que tal informação pudesse transpirar de algum modo inexplicável para o conhecimento do inimigo ¹¹⁰.

Após vários dias em que se reiterou a situação de impasse, Cipião decide finalmente assestar o golpe que ainda hoje se configura como um dos momentos táticos mais relevantes da história da guerra. Notemos de novo a profunda compreensão e manipulação psicológica que Cipião realiza, reforçando positivamente o inimigo, num hábito que lhe vai ser fatal. Num dia aparentemente como todos os outros, em que se verificaram todas as movimentações similares aos dias anteriores, e após terem recolhido as suas tropas ao acampamento, Cipião dá início ao seu plano e dá ordens para que, durante a noite, todos se preparem em armas e tomem uma generosa refeição.

Convocando para o *consilium* todos os seus oficiais, Cipião explicou-lhes então em detalhe o que pretendia realizar no dia seguinte, com a surpreendente inversão total da ordem de batalha. Como se virá a verificar pela forma como decorreu a refrega, não havendo desarticulações, nem hesitações por parte das chefias em todas aquelas inovadoras movimentações de campo, Cipião deve ter sido muito claro e detalhado na forma como

¹⁰⁸ GOLDSWORTHY, 2011, pp. 78-80; HART, 2006, p. 56.

¹⁰⁹ O'CONNELL, 2012, p. 260.

¹¹⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XI.21.

explicou aos seus oficiais os diferentes momentos que planeava para a batalha, exigindo que todos estivessem preparados para o combate antes do alvorecer do dia seguinte ¹¹¹. Terá assim sido bem claro para todos os legionários romanos que a tão postergada batalha teria lugar no dia seguinte, ficando assim com todo o período da noite para se poderem preparar psicologicamente para a refrega, enquanto as tropas cartaginesas esperariam apenas a continuação da habitual mútua demonstração de força. Notemos também que o clima de segredo em torno das grandes movimentações noturnas das tropas romanas se conseguiu manter, visto que nada de anormal transpirou para o acampamento cartaginês. Tal atividade noturna de preparação foi executada também de forma exímia, certamente com algumas dificuldades logísticas causadas pelo facto de todas essas movimentações se desenrolarem de noite e sem que fosse possível iluminar mais do que era habitual todo o acampamento romano, receando que o inimigo pudesse pressentir algo de estranho nas suas proximidades.

4.3. Uma Demolidora Surpresa para Asdrúbal Gisgão

Assim que o nível de luz natural o permitiu, Cipião dá ordens para o avanço de uma primeira onda de choque constituída pela sua cavalaria e a sua infantaria ligeira, que iniciam um forte ataque aos postos avançados dos cartagineses ¹¹². A forte confusão gerada pela surpresa da investida fez com que a grande generalidade das tropas cartaginesas, surpreendidas após uma noite de descanso, tivessem que se preparar psicologicamente e armar num ambiente de enorme precipitação, saindo do seu acampamento sem a possibilidade de tomarem sequer uma refeição ¹¹³.

De imediato, seguiu-se uma segunda vaga liderada por Cipião à frente das suas legiões, mas apresentando uma ordem de batalha inversa daquela que tinha mostrado a Asdrúbal durante os dias anteriores. O comandante cartaginês, mesmo que tenha conseguido ainda perceber a genial manobra tática de Cipião, encontrou-se impotente perante a falta de tempo para poder alterar também a sua ordem de batalha de modo a responder de forma adequada ao ataque romano. Cipião coloca-se, ante o desorientado exército cartaginês, levando agora ao centro as tropas dos aliados hispânicos e, nos flancos, as suas legiões e os auxiliares itálicos. Note-se a sagacidade deste dispositivo tático que, para além de toda a surpresa que vai causar no inimigo, consegue também comprimir as suas pouco fiáveis tropas hispânicas num redil de onde não terão facilidade em sair se quiserem abandonar o campo de batalha. É bem possível

¹¹¹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 371.

¹¹² POLÍBIO, 1889, 1962, XI.22; GOLDSWORTHY, 2011, p. 80.

¹¹³ FRONTINO, 2005, II.I.1 (p.84).

que um frémito tenha perpassado igualmente os homens do exército cartaginês. Se atendermos a que a grande maioria destes são mercenários e, portanto, conhecedores das coisas da guerra, terão tido oportunidade para se consciencializarem do desajuste da sua formação, o que não deve ter contribuído para uma elevada moral do exército púnico.

Mas Cipião tem ainda muitas surpresas para Asdrúbal. Após ter avançado de forma decidida sobre o campo inimigo, manda imobilizar de forma inesperada todo o seu exército. Com o objetivo de reforçar ainda mais no inimigo a fraqueza causada pela falta de alimento matinal e de inculcar na consciência adversária a gravidade da situação decorrente da sua desajustada ordem de batalha, dá ordem para suspender o avanço do seu exército durante várias horas, a cerca de 700 metros, apenas, do contacto corpo a corpo!

O atónito Asdrúbal já nada pode fazer para mudar toda a sua trágica situação tática. Já não tem qualquer margem para mexer na sua ordem de batalha, para onde convergiram de forma natural todas as suas tropas, movidas pelo reiterado hábito dos dias anteriores ¹¹⁴. Qualquer tentativa de o fazer, com os romanos tão perto e preparados para o ataque, teria sido um verdadeiro suicídio. Uma mudança radical de uma ordem de batalha, num exército com estas dimensões, geraria um momento de extrema fragilidade tática ao ter que realizar grandes movimentações na disposição dos diferentes corpos, perdendo assim a sua posição adequada para o confronto. Se Asdrúbal tivesse feito qualquer tentativa para o executar, Cipião avançaria nesse preciso momento e teria grandes condições de destruir o exército púnico, pois este não teria condições de, em movimento, resistir à sua investida ¹¹⁵.

Durante estas tensas horas de espera, em que Asdrúbal deve ter tido tempo para consciencializar o tremendo golpe que Cipião lhe iria assestar, sem que pudesse fazer algo para o evitar, houve várias escaramuças entre as cavalaria e as tropas ligeiras, mas sem consequências de monta. Quando se sentiam pressionadas, as unidades de cavalaria e de tropas ligeiras romanas conseguiam abrigar-se atrás da infantaria pesada.

Por volta das catorze horas ¹¹⁶, quando achou que os efeitos do jejum e da tensão de tantas horas nas tropas cartaginesas estariam já bem consolidados, Cipião mandou recolher a sua infantaria ligeira e a cavalaria atrás das legiões.

Em seguida, mandou avançar todo o seu exército, mas com o centro recusado ¹¹⁷, fazendo com que este, que era formado pelas tropas hispânicas, progredisse de forma muito lenta no palco da batalha ¹¹⁸.

¹¹⁴ GOLDSWORTHY, 2009, p. 372.

¹¹⁵ GOLDSWORTHY, 2011, pp. 81-82; HART, 2006, p. 57.

¹¹⁶ Sétima hora na contagem romana, em que o dia começava ao nascer do sol.

4.4. Uma Inovadora Manobra de Envolvimento

Cipião vai de novo surpreender os cartagineses quando, já a poucas centenas de metros do embate com o inimigo, vai realizar uma surpreendente manobra com a sua *triplex acies*¹¹⁹, deslocando as suas *coortes*¹²⁰ da ala direita para fora da formação habitual, progredindo de forma oblíqua e movimentando-se umas após as outras, num movimento em forma de coluna¹²¹.

Dado que tinha previamente combinado com Silano e Márcio, responsáveis pela ala esquerda, executarem uma manobra simétrica, a conjugação de ambos os movimentos fez acentuar ainda mais o recuo do centro. É de crer que Cipião tenha explicado aos seus legados, com grande detalhe, o seu inovador plano, atendendo a que, depois do movimento das *coortes*, já próximo do inimigo, os manipulos de ambos os flancos romanos volveram individualmente num ângulo de 90° e formaram a *triplex acies*, colocando-se novamente de frente para os seus adversários.

As tropas romanas ficaram assim já muito próximas dos flancos da infantaria hispânica de Asdrúbal, o que permitiu aos *velites* e à cavalaria envolverem os flancos laterais do exército cartaginês, contornando pela retaguarda as *coortes* das alas romanas.

Embora a linha frontal de Asdrúbal, detentor de um exército substancialmente maior do que o de Cipião, fosse de início mais larga do que a romana, este alargamento da envergadura da linha frontal dos romanos através do desdobramento lateral das *coortes* acabou por conseguir conter por completo toda a formação púnica. A infantaria pesada romana pôde cair assim diretamente sobre os flancos do exército cartaginês, enquanto a cavalaria e a infantaria ligeira, deslocando-se pela retaguarda da linha romana, puderam abrir ainda mais o envolvimento e atacar lateralmente as desorientadas tropas inimigas¹²². Estas eram agora obrigadas a ter que lutar em simultâneo em duas direções, combatendo a investida da infantaria pesada romana nas alas e o ataque lateral simultâneo com a cavalaria e a chuva de projéteis dos *velites*¹²³.

¹¹⁷ O refere-se a um afastamento propositado relativamente à força inimiga, com o objetivo de não entrar em combate ou, pelo menos, não o fazer ao mesmo tempo que as restantes tropas.

¹¹⁸ MONTEIRO, no prelo, p. 12 (numeração provisória); O'CONNELL, 2012, p. 260; LE BOHEC, 2014, p. 237.

¹¹⁹ FIELDS, 2010, p. 43.

¹²⁰ ERDKAMP, Paul – *A Companion to the Roman Army*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2007, p. 71.

¹²¹ O'CONNELL, 2012, p. 261.

¹²² LE BOHEC, 2014, p. 237.

¹²³ FRONTINO, 2005, II.III.4 (p. 94).

Uma manobra desta complexidade é bem demonstrativa do excelente treino e da disciplina do exército de Cipião, bem como prova à saciedade o quanto a estrutura manipular da legião poderia ser trabalhada de forma inovadora, com um aumento exponencial da sua eficácia ¹²⁴.

Sob uma tão forte pressão, as tropas púnicas começaram a ceder. Os consecutivos ataques dos homens da infantaria ligeira e da cavalaria pelos flancos laterais permitiu-lhes mesmo alcançar os elefantes ¹²⁵, que, assustados, infletiram para o interior da formação cartaginesa e começaram a pisotear o seu próprio centro de infantaria, numa tentativa de fuga. Este centro, formado pela melhor infantaria de Asdrúbal, acabou por se manter durante muito tempo inativo, pois não conseguia entrar em contacto corpo a corpo com a recuada infantaria hispânica ao serviço de Roma. O centro púnico, constituído pela nata da infantaria líbia cartaginesa, não ousava auxiliar os flancos com receio de uma possível investida frontal da sua oponente hispânica, facto que se veio posteriormente a concretizar.

Segundo o que nos diz Políbio com a contenda a prolongar-se sob o calor da tarde, a necessária resistência dos guerreiros cartagineses foi ficando desgastada pela fome e pelo cansaço. Com os flancos em total desintegração, Asdrúbal ainda pretende fazer recuar o seu centro, mas, pressionado pelas tenazes laterais da investida romana, a sua retirada torna-se impossível e vai acabar por se transformar numa debandada. Só a forte chuva torrencial que empapou o solo e o transformou num verdadeiro mar de lama evitou que os romanos pudessem avançar de imediato sobre o acampamento cartaginês ¹²⁶. Assim, a refrega e a matança terminaram com o cair da noite ¹²⁷.

Asdrúbal, que tem a sua principal linha de fuga cortada desde o início pela posição do acampamento romano, é obrigado agora a conduzir a fuga dos mercenários cartagineses sobreviventes pela outra margem, em direção a ocidente, tendo a sua derrota feito com que fosse abandonado de imediato pela maioria dos aliados hispânicos que lhe restavam ¹²⁸.

Quando surgiu a alvorada do dia seguinte naquela primavera de 206 a.C. Cipião foi informado de que Asdrúbal, com os seus mercenários, abandonara o acampamento e tentava a fuga em direção ao Atlântico. Deu então ordem para que as suas tropas ligeiras e a cavalaria perseguissem os fugitivos e, apesar de uma desorientação inicial causada pelo desconhecimento da topografia da região, estas conseguiram intercetar Asdrúbal e flagelar o

¹²⁴ GOLDSWORTHY, 2009, p. 372.

¹²⁵ ADCOCK, 1957, pp. 53-56.

¹²⁶ POLÍBIO, 1889, 1962, XI.22-24; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.14.1-15.11.

¹²⁷ GOLDSWORTHY, 2009, p. 373; LE BOHEC, 2014, p. 237; McNAB, 2010, p. 63.

¹²⁸ HART, 2006, pp. 56-59.

que restava do seu exército ¹²⁹. Acrescente-se ainda que as constantes paragens que Asdrúbal teve de realizar para se poder defender destes ataques permitiram uma gradual aproximação da infantaria pesada de Cipião, que caindo sobre eles, dizimou os já poucos sobreviventes do desastre púnico ¹³⁰.

Apenas Asdrúbal e cerca de 6 000 mercenários lograram escapar a este morticínio, conseguindo entrincheirar-se fortemente no cume de uma colina quase inacessível. Durante dias, os romanos cercaram a posição dos sobreviventes, fazendo com que a fome levasse muitos a desertar. Asdrúbal e Magão acabaram por conseguir fugir ao cerco e, chegados ao Atlântico, terão rumado em direção a Gades ¹³¹.

A seguir, o general romano regressou a Tarraco, deixando no comando o seu legado Silano a controlar o cerco ao acampamento púnico, com o intuito de exterminar o último foco de resistência ¹³². Esta grande vitória de Cipião em Ilipa é tão esmagadora que, a partir dela, os cartagineses não só perderam a sua hegemonia ibérica como deixaram de ter qualquer possibilidade de voltar a ter uma presença permanente em terras hispânicas ¹³³.

¹²⁹ EGGENBERGER, 1985, p.198.

¹³⁰ O'CONNELL, 2012, p. 262; GOLDSWORTHY, 2011, pp. 82-84.

¹³¹ GOLDSWORTHY, 2009. (p. 374); HART, 2006, p. 59.

¹³² GONZÁLEZ, 2005, pp. 230-231.

¹³³ LE BOHEC, 2014, p. 237; McNAB, 2010, p. 63.

5. AFIRMAÇÃO DO PODER ROMANO EM ÁFRICA

5.1. Cipião e uma Grande Visão Estratégica para o Contexto Africano

Destruído o poder cartaginês na Península Ibérica, após a grande vitória de Ilipa, Cipião vai aí permanecer até conseguir consolidar a hegemonia romana contra a rebeldia de alguns dos povos autóctones, encetando algumas campanhas punitivas contra cidades aliadas dos cartagineses, como Iliturgis e Castulo ¹³⁴. Mais uma vez, Cipião demonstrou toda a sua criatividade tática, com fulgurantes vitórias, consolidando a força do poder romano em terras hispânicas ¹³⁵. Terminadas com sucesso as suas campanhas na Península Ibérica e já com um surpreendente currículo de vitórias, Cipião deve ter-se questionado sobre o que poderia ainda fazer pelo bem de Roma.

Enfraquecido e sem capacidade de iniciativa, Aníbal continuava entrincheirado no sul de Itália, onde se torna cada vez mais remota a possibilidade de um auxílio efetivo por parte de Cartago. Após o fracasso da tentativa de um auxílio militar hispânico com a derrota e morte de Asdrúbal Barca ¹³⁶, o general cartaginês vai continuar no seu torpor estratégico, não abandonando os territórios italianos, mas não tendo também iniciativa para encetar nenhuma campanha decisiva ¹³⁷. Os romanos continuam a temê-lo como o mais astuto general que alguma vez tiveram de enfrentar, e nenhum cônsul tem a coragem de o desafiar diretamente ¹³⁸.

Mas levantar-se-ia agora a possibilidade de Cipião, por todas as capacidades militares que revelara, ser o comandante à altura de tão árdua tarefa! Depois do seu estrondoso sucesso na Hispânia, Cipião deve ter-se consciencializado das suas competências militares e do potencial extraordinário que as legiões demonstravam sob a sua chefia. Se Roma continua constrangida pela ameaça de Aníbal, nada mais legítimo do que o talentoso jovem general romano aspirar a libertar a sua cidade de tão grande e prolongado pesadelo.

No entanto, não foi a opção de enfrentar Aníbal diretamente em Itália que Cipião encarou como a mais relevante para o destino daquela prolongada guerra. Que pensamento estratégico poderá ter estado na origem da sua convicta opção de se deslocar para África e de atacar

¹³⁴ O'CONNELL, 2012, p. 264.

¹³⁵ GOLDSWORTHY, 2009, p. 375; POLÍBIO, 1889, 1962, XI.25-33; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.19; LE BOHEC, 2014, p. 241.

¹³⁶ Em 207 a.C. na Península Itálica, às mãos dos cônsules Caio Cláudio Nero e Marco Lívio Salinator na batalha do rio Metauro; McNAB, 2010, p. 66; LE BOHEC, 2014, pp. 233-234

¹³⁷ LE BOHEC, 2014, p. 237.

¹³⁸ CANALI, 2008, 23-41.

Cartago? Por que terá Cipião querido agora levar as suas imparáveis campanhas para o Norte de África, tentando impor aí o poderio romano e almejando assediar o coração do inimigo, até então quase incólume, e sujeitá-lo aos desmandos da guerra?

Esta estratégia, que Cipião defendeu tão convictamente, vai acicatar ainda mais a inveja e incompreensão que teve de enfrentar por parte de muitos dos senadores romanos, o que deve ter sido sentido por ele como um rude golpe de ingratidão, depois de tudo o que conseguira realizar na Hispânia. Enquanto o seu comando militar se exerceu na Península Ibérica, longe das invejas e das intrigas dos políticos do Senado, Cipião teve autonomia suficiente para executar as decisivas campanhas tal como as concebeu, eximindo-se a uma oposição direta dos seus inimigos políticos ¹³⁹. Deveremos até salientar que uma forma de governo republicano, tal como existia em Roma, com as suas múltiplas instituições e partilha sistemática do poder, não era a forma de governo ideal para exercer um eficaz desempenho militar nas guerras em que se envolvia. A demora nas resoluções, com as inconclusivas discussões no Senado, bem como a possibilidade de se constituírem forças contrárias aos desígnios estratégicos dos generais em campanha, eram fatores que dificultavam ou mesmo inibiam a possibilidade de uma agilização das decisões militares fundamentais, tão contrárias às necessidades práticas da guerra. Recordemos a propósito a corajosa decisão de um general como Caio Cláudio Nero, que, procurando surpreender Asdrúbal Barca no que viria a constituir-se como a batalha do Metauro decide, sem a prévia aprovação senatorial, avançar em marchas forçadas num périplo pela Península Itálica para se juntar ao cônsul Marco Lívio Salinator ¹⁴⁰.

Cipião terá agora que conseguir gerir a dificuldade em equilibrar as exigências da guerra com a quase anulação do fator surpresa, interferindo no desenho estratégico das suas campanhas. A centralização do poder em chefes militares tiranos e autocratas permite a realização rápida de operações que beneficiam o premente desenvolvimento estratégico de uma guerra, condições favoráveis das quais usufruíram comandantes como um Alexandre Magno ou Pirro.

Após ter chegado a Roma, Cipião foi elevado à magistratura de cônsul pelo aplauso generalizado do povo ¹⁴¹, mas com o claro desagrado de muitos senadores, que se constituíam cada vez mais como uma influente facção de inimigos políticos ¹⁴². Constatou em Roma que Cipião teria afirmado sobranceiramente que fora eleito cônsul para poder terminar a guerra

¹³⁹ HART, 2006, p. 78.

¹⁴⁰ FRONTINO, 2005, I.I.9 (pp. 39-41).

¹⁴¹ Em 205 a.C.

¹⁴² O'CONNELL, 2012, p. 267; HART, 2006, p. 75; LE BOHEC, 2014, p. 242.

derrotando Cartago e que o iria fazer deslocando o seu exército para África. Talvez tenha chegado mesmo a afirmar, no auge do desagrado resultante da forma como estava a ser tratado pelos homens mais ilustres de Roma, que, se o Senado se opusesse, o realizaria apenas com o apoio do povo ¹⁴³!

Quando finalmente se veio a debater no Senado a questão da sua partida para terras africanas, o influente Fábio Máximo encarnou, como seria de esperar, a posição conservadora, argumentando que o cônsul não poderia tomar decisões prévias, à revelia da sua discussão no Senado, e que o povo de Roma nunca tinha declarado que pretendia que a África se tornasse uma província romana ¹⁴⁴. Fábio tornar-se-ia, assim, o arauto do pensamento estratégico mais linear que preconizava que Cipião deveria atacar Aníbal em Itália ¹⁴⁵, embora ele próprio nunca tenha tido a coragem para o realizar, defendendo sempre, ao longo de muitos anos, a visão estratégica que aliás o tornou conhecido como *cunctactor* ¹⁴⁶, ou seja, o “protelador” ¹⁴⁷.

Para muitos, urgia eliminar a crónica ameaça que constituía Aníbal e que o ataque a África não seria garantia de que o comandante cartaginês viesse a abandonar os territórios italianos. Talvez tenhamos mesmo que admitir que os argumentos conservadores contêm elementos dignos de reflexão ao defenderem que a intervenção em África iria acarretar riscos táticos elevados, como a falta de portos de apoio, a não existência de uma potencial testa-de-ponte ou até mesmo a falta de aliados fiáveis, como o númida Masinissa, em quem Cipião parecia querer tanto confiar, apesar de este ter sido até há pouco apoiante declarado dos cartagineses. Segundo aqueles, não seria também um erro tático ir enfrentar o astuto Aníbal em África, onde este poderia contar com todo o potencial apoio africano, em vez de o enfrentar à frente dos restos de um exército desmoralizado e cansado?

Cipião defende o seu ponto de vista na discussão senatorial, onde proclama a sua visão estratégica e a necessidade de se poder deslocar para África, refutando com vigor os argumentos dos seus detratores, afirmando que irá assolar toda a África com as chamas da guerra, desmoralizando a intocada Cartago e manifestando vigorosamente a sua total

¹⁴³ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 378-379; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.38; PLUTARCO - *Plutarch's Lives*. Harvard: Charles W. Elliot Ltd. [sem data], *Fabius Maximus*, 25,26; boato de que Cipião apresentaria uma proposta de lei ao povo, 28.45.1; HART, 2006, p. 78.

¹⁴⁴ O'CONNELL, 2012, p. 268; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.40.

¹⁴⁵ HART, 2006, pp. 78-80.

¹⁴⁶ FRONTINO, 2005, I.II.10 (p. 46).

¹⁴⁷ A atitude de Fábio Máximo, cujo nome completo era Quinto Fábio Máximo Cunctactor Sílio Itálico, de não enfrentamento direto com o Púnico, levou a que por um lado ele conservasse o seu exército e a que, por outro, conseguisse restringir as movimentações de Aníbal. Ao se aperceberem deste lado positivo da atitude de Fábio Máximo, após o desastre de Canas, levou a que os romanos retirassem a carga crítica à alcunha de Cunctactor conferindo-lhe antes um sentido de apreço. – HART, 2006, p. 78 (N.R.).

confiança em que, de forma inequívoca, Aníbal terá de deixar a Península Itálica ¹⁴⁸. A sua visão estratégica é de uma argúcia que muito poucos comandantes ao longo de toda a História da Guerra se poderão orgulhar de ter possuído, revelando uma capacidade de concatenação de motivações e de contextos factuais que lhe permitem prever com imensa precisão quais as suas consequências a longo prazo e antever o que tais movimentações militares irão ocasionar. A sua compreensão do momento estratégico que se seguiu às campanhas na Península Ibérica é bem reveladora da sua profunda capacidade de antevisão de diferentes cenários, permitindo-lhe manipular e rentabilizar o potencial dos acontecimentos a seu favor.

Contrariamente ao senso comum, que tenderia a considerar que o próximo passo estratégico de Cipião deveria ser o enfrentamento direto com Aníbal no sul de Itália, aquele estava profundamente convencido de que a sua investida no Norte de África seria muito mais favorável aos desígnios de Roma. Defende Cipião o seu ponto de vista, argumentando que muitas coisas que não são óbvias para os detratores dos seus desígnios vão acabar por acontecer e que um general deve estar à altura de as prever e de criar as situações que moldarão os factos à sua vontade. Cipião diz estar disposto a enfrentar Aníbal, mas quer arrastá-lo para o contexto que ele próprio criará com o seu ataque aos territórios africanos. Quanto à possibilidade de Aníbal avançar sobre Roma, dificilmente se anteveem condições para o realizar com o seu enfraquecido exército, visto que não teve audácia para o fazer no auge do seu poderio militar e que, para prevenir tal eventualidade estará lá Crasso, o outro cônsul, que terá todas as condições para o conseguir evitar ¹⁴⁹.

Urge fazer a Cartago aquilo que Aníbal fez a Roma 14 anos antes, investindo diretamente sobre o coração do adversário ¹⁵⁰!

Relutante, o Senado romano delibera então que o cônsul a quem fosse atribuída a Sicília ¹⁵¹ poderia deslocar-se para África se este achasse que tal seria vantajoso para Roma ¹⁵². Atribuída a Sicília a Cipião, este irá partir para a grande ilha mediterrânica com trinta quinqueres e dez quadrireres, onde só vai conseguir fazer embarcar 7 000 voluntários, pois o Senado não lhe permitiu que recrutasse tropas, continuando a sua desconfiada política de lhe obstaculizar os desígnios ¹⁵³.

¹⁴⁸ HART, 2006, pp. 80-81.

¹⁴⁹ HART, 2006, p. 81.

¹⁵⁰ O'CONNELL, 2012, pp. 268-269.

¹⁵¹ LE BOHEC, 2014, p. 243.

¹⁵² GOLDSWORTHY, 2011, pp. 84-85; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.45; O'CONNELL, 2012, p. 269.

¹⁵³ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 378-379; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.45; O'CONNELL, 2012, p. 269; HART, 2006, pp. 81-82.

5.2. Uma Convicção Profunda

Mas quais seriam os argumentos pelos quais Cipião estaria tão convencido da pertinência do seu ataque em terras africanas? Quais seriam as concatenações factuais que Cipião teria encontrado para poder construir uma hipótese estratégica de forma tão ousada e convicta? Estamos em crer que esta só poderia ter surgido da sua análise de um conjunto alargado de fatores que concorreriam para um contexto que lhe pareceria muito favorável aos desígnios romanos.

Em primeiro lugar, tal como aconteceu com a surpresa do ataque a Nova Cartago, Cipião vai investir sobre um objetivo que não seria o mais expectável, embora neste caso o elemento surpresa estivesse na prática bem mais diluído. Cipião estaria certamente bem consciente de que precisaria de bastante tempo para preparar um exército bem treinado que lhe permitisse efetuar este conjunto de operações com alguma eficácia, o que dilataria bastante o tempo de espera até ter as condições de poder realizar a sua campanha africana. Além disso, a sua intenção foi discutida e controvertida suficientemente no Senado romano para que os cartagineses não tivessem conhecimento dos seus objetivos estratégicos¹⁵⁴. Apesar disto, a entrada das legiões romanas neste novo cenário de guerra desequilibraria só por si todo o *status quo* político-militar africano, onde Cartago desde sempre tinha tido uma total primazia.

Até então, Cartago havia sido o centro natural de autoridade para todos os reis norte africanos que confirmavam o seu estatuto de autoridade através do reconhecimento púnico das suas monarquias. Acrescente-se ainda o facto de que a grande cidade cartaginesa tinha já travado uma primeira grande guerra com Roma, mas em que o desenrolar do conflito nem sequer roçara as suas muralhas, centrado que foi num contexto insular mediterrânico e muito focalizado num enfrentamento marítimo. É bem possível que Cipião estivesse consciente do efeito coletivamente assustador que a sua intervenção em África e uma gradual aproximação ao coração púnico originaria no equilíbrio militar e moral do seu inimigo. Um adversário a quem se obriga a ter de lidar com situações de aumento exponencial do perigo da sua própria sobrevivência, é um inimigo que se vai sentir acossado, com as inevitáveis precipitações e desorientações inerentes. Sentindo a ameaça a concretizar-se de forma tão pronunciada, torna-se uma inevitabilidade que os cartagineses deem mão de tudo o que possa contribuir para a sua sobrevivência, sendo quase inevitável que chamem para auxiliar na sua defesa o seu maior general, que pouco mais tem feito do que desperdiçar toda a sua perícia militar num longo período de inação, confinado nas terras inóspitas do Brútio, no sul de Itália e, por fim,

¹⁵⁴ HART, 2006, p. 86.

numa estreita região em redor de Crotona ¹⁵⁵. Talvez os cartagineses pudessem mesmo culpá-lo em parte pela inesperada mudança nos destinos da guerra. Ele deveria ter conseguido destruir o poder romano e não o fez, apesar de se poder considerar ter tido todas as condições para o conseguir. Talvez Aníbal não tenha assediado as muralhas de Roma porque, poder-se-á admitir, não seria uma das suas melhores competências, apesar dos muitos anos em que teve mais que oportunidade de construir grandes máquinas de assalto e de urdir um plano para a conquistar. Como terão os sufetas, a Gerúsia, o conselho dos 104 bem como todos os notáveis de Cartago encarado os 14 anos de quase total passividade do seu maior general às portas do seu mais mortal inimigo, sem que tenha conseguido desferir-lhe o golpe de misericórdia? Certamente lamentando o facto com bastante incompreensão! Mas se o filho mais velho de Amílcar Barca se deixou remeter a um papel secundário nos destinos da guerra, isso não apagou no espírito de todos as portentosas vitórias que obteve sobre os romanos no dealbar da presente guerra, nos três gloriosos anos entre 218 e 216 a.C. Cartago deverá estar bem consciente de que não possui outro general com a genialidade de Aníbal, o que aliás tinha sido bastamente comprovado pelas sucessivas derrotas infligidas por Cipião aos seus outros mais ilustres representantes, ou até mesmo pela grande vitória de Caio Cláudio Nero e Marco Lívio Salinator sobre Asdrúbal Barca na batalha do Metauro ¹⁵⁶.

Cipião estaria, pois, bem seguro de que a única hipótese que os cartagineses teriam para conseguir um comandante à altura de o enfrentar seria colocarem Aníbal no comando dos seus exércitos. Estamos em crer que o general romano teria um gosto particular em enfrentar um inimigo desta envergadura, não só por saber que ele era o mais temido e astuto general depois de Alexandre, mas porque ele tinha derrotado consecutivamente Roma em batalhas sangrentas, lideradas pelo seu pai e pelo seu tio, que acabaram mesmo por tombar vítimas desta guerra brutal. Tendo adquirido tanta experiência militar num tão curto espaço de tempo nas suas campanhas na Península Ibérica, o jovem Cipião deveria estar empolgado com a possibilidade de medir forças com um dos homens que pessoalmente mais o teria feito sofrer, bem como a todo o povo de Roma.

Cipião estaria convicto de que Aníbal seria inevitavelmente chamado para exercer em pleno todas as suas competências, visto que não se tratava de realizar um assédio, mas de realizar batalhas campais, onde teria tudo para poder derrotar aquele ousado e astuto chefe romano e onde conseguiria exercer toda a sua peculiar perícia militar. Cipião ameaçava assim,

¹⁵⁵ LE BOHEC, 2014, p. 241.

¹⁵⁶ GONZÁLEZ, 2005, pp. 470-471; EGGENBERGER, 1985, pp. 274-275.

de um só golpe, o coração púnico e tirava Aníbal apressadamente do sul de Itália, com a urgência precipitada de vir salvar a sua pátria. Mas tentemos penetrar ainda outros argumentos possíveis da análise estratégica de Cipião.

Em primeiro lugar, seria difícil que Aníbal conhecesse em detalhe a topografia, ou sequer a geografia africana, afastado que estava de Cartago desde há muito.

Por consequência, seria bem mais sensato tentar derrotá-lo num território que o obrigaria a ficar afastado do seu reduto italiano, por ele tão bem conhecido e onde o comandante romano, se tivesse escolhido aí local para o desafiar, poderia esperar todo o tipo de armadilhas e artimanhas por parte do cartaginês. Conhecendo há tantos anos toda a região para onde Cipião teria que se deslocar para o enfrentar em Itália, era bem possível que as tropas de Aníbal dominassem um vasto repertório de manobras de envolvimento, de ciladas, de potenciais armadilhas, bem treinadas e executadas de forma continuada pelo astuto Aníbal, que deveria estar bem desperto para

à possibilidade de, a qualquer momento, sofrer uma investida romana. Bem mais seguro para Cipião seria, pois, enfrentá-lo em território menos familiar para ambos, para que estivessem o mais possível num plano de igualdade, com a vantagem para Cipião de que Aníbal teria que executar a sua manobra a contra gosto, de forma apressada e ainda de transportar o seu exército através de um mar onde a frota romana já tinha a hegemonia militar, o que inevitavelmente não lhe facilitaria em nada as manobras navais. Também seria legítimo pensar que o romano, conhecedor que já era dos ardilosos movimentos táticos de Aníbal em tantas batalhas, estaria bem consciente da forma extraordinária como o cartaginês usava de forma proficiente a sua bem treinada cavalaria. A sua deslocação para terras africanas teria a notória vantagem de o obrigar a ter que deixar no sul da Península Itálica grande parte desta sua poderosa arma, pois ser-lhe-ia impraticável transportar pelo Mediterrâneo milhares de cavalos, o que contribuiria de forma decisiva para o seu enfraquecimento tático, pelo menos no imediato.

Cipião deve também ter avaliado de forma muito positiva o novo contexto criado com as recentes mudanças na esfera política da Numídia. Toda esta região norte africana, situada a ocidente de Cartago, que corresponderia ao que são hoje a Argélia e parte da Tunísia, estava dividida em dois grandes reinos berberes, com os massilos do rei Gala no leste e os massessilos do rei Sifax no oeste ¹⁵⁷. O equilíbrio político-militar de toda esta região era bastante instável, sofrendo estes reinos berberes uma notória influência de Cartago. Contudo,

¹⁵⁷ O'CONNELL, 2012, p. 263.

o deflagrar da Segunda Guerra Púnica tinha feito emergir um polo de influência romana, não ainda refletido nos territórios africanos, mas no desenrolar da guerra na Península Ibérica, afetando mormente a ajuda fundamental que a cavalaria nómida dos massilos emprestava aos exércitos cartagineses. Considerada uma cavalaria de excelente qualidade, fazia jus à sua fama pela agilidade e rapidez dos seus ataques. Sendo de carácter ligeiro, os nómidas montavam os rápidos e robustos cavalos berberes, provavelmente a raça que fora a antepassada do Puro Sangue Árabe. Lutavam apenas equipados com um pequeno escudo redondo e com várias lanças de arremesso, que lançavam sobre o adversário com ferozes assaltos, para fugirem de imediato e voltarem de novo a investir. Com um perfil bem diferente do que apresentavam as pesadas cavalaria romana ou cartaginesa mercenária, ou até mesmo das cavalaria hispânica ou céltica, estes nativos africanos eram um verdadeiro flagelo no campo de batalha, pois era impossível entrar em combate direto com eles. Esquivos e ágeis, lançavam os seus dardos com perícia sobre os seus adversários, sustentados sobre as suas montadas sem o apoio de sela nem sequer de freio, mas apenas equilibrados através do movimento do corpo e de uma simples corda em torno do pescoço do animal ¹⁵⁸!

Sustentadas que eram, com frequência, as manobras táticas de Aníbal em ataques de surpresa e em manobras de envolvimento, a sua velocidade de ataque constituiu um dos seus principais trunfos. Até à morte do rei Gala, em 206, os cartagineses puderam contar com a sua ajuda; mormente sob o comando do seu filho Masinissa, dotado comandante de cavalaria, o seu apoio nas batalhas da Península Ibérica poder-se-ia classificar como fundamental.

Quanto aos massilos do rei Sifax, desde há algum tempo que se haviam rendido às promessas de Roma, tendo os próprios Cneu e Publio Cornélio Cipião conseguido captar para a esfera de influência romana este poderoso chefe tribal. No entanto, Sifax foi procurando manter-se até ali numa relativa passividade quanto aos destinos da guerra romano-cartaginesa, atarefado que estava com complexos problemas regionais causados por tribos vizinhas. Com a crise dinástica ocasionada pela morte do rei Gala, originou-se uma violenta guerra de facções para a tomada do poder, onde intervieram decisivamente Sifax e mesmo Asdrúbal Gisgão. Um dos principais candidatos ao trono dos massilos era Masinissa ¹⁵⁹, que muito agradeceu o interessado apoio à sua causa demonstrado por Cipião que estaria certamente bem consciente do papel decisivo que a sua capacidade de comando e a sua cavalaria nómida poderiam exercer na luta em África. Como consequência deste apoio, Masinissa é eleito rei e torna-se

¹⁵⁸ CONNOLLY, Peter - *Greece and Rome at War*. London, Great Britain: Greenhill Books, 1998, pp. 149-150.

¹⁵⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 380; LE BOHEC, 2014, p. 238.

aliado incondicional de Roma ¹⁶⁰ e a sua temível cavalaria integra as tropas auxiliares das legiões romanas.

5.3. A Importância de Masinissa

Se atendermos a todo este contexto político-militar núpida que se verificava em África, no momento em que Cipião procurava estabelecer os alicerces da sua futura estratégia, temos que admitir que este bem poderá ter sido mais um importante fator a pesar na sua avaliação de querer levar a guerra para terras africanas. O presumível apoio de Sifax e a ajuda da cavalaria de Masinissa, conjuntamente com a força montada romana que treinava na Sicília, garantiam-lhe não só que os púnicos ficariam bastante diminuídos no potencial desta arma, mas que Cipião teria nela uma esmagadora vantagem, que o cônsul romano saberia usar de forma proficiente. Portanto, Cipião deve ter ficado muito satisfeito e seguro com os bons auspícios desta superioridade na arma de cavalaria e bem consciente da capacidade reforçada das suas legiões, treinadas e comandadas por si. Estaria, pois, certamente convicto dos bons resultados militares que poderia obter.

Aníbal ficaria, assim, não só privado do presumível reforço de cavalaria ligeira africana, mas também a braços com a extrema dificuldade que teria para fazer passar a que tinha no sul de Itália, através de um Mediterrâneo sob a dominação romana. Cipião deve ter achado que este seria um conjunto de condições muito favoráveis aos seus desígnios de desferir de uma só vez o golpe de misericórdia, ao eliminar a ameaça da presença de Aníbal na Península Itálica e criando todas as condições para um assédio prolongado ao centro do poderio do inimigo.

É sobre todo este contexto político-militar que Cipião deve ter refletido profundamente para estar tão convencido do sucesso da sua campanha africana, confiando no claro apoio de Masinissa e de Sifax para o bom resultado desta ousada operação. Quanto ao apoio de Masinissa, apesar da possibilidade de um *volte-face* tão típico nos seus aliados, que faziam depender o seu apoio das tendências momentâneas da supremacia romana nos destinos de qualquer guerra, o rei dos massilos manteve-se fiel à sua promessa de ajuda, situação que no entanto não se verificou com o rei Sifax dos massessilos, que de forma ambígua e hesitante começou a questionar a possibilidade de os romanos continuarem a poder contar com o seu apoio, levantando o problema de uma suposta necessidade de ratificar os tratados de paz com Roma. Sifax diz a Caio Lélío, enviado para reafirmar esses acordos, que só os reiterará na presença do próprio Cipião, o que obrigaria o comandante romano a ter de se deslocar ao

¹⁶⁰ FIELDS, 2010, p. 51; LE BOHEC, 2014, p. 241.

hostil território africano. Cipião deve ter compreendido a possível rotura nos acordos e, como a falta deste apoio poderia fazer perigar os seus planos, desloca-se rapidamente a Cirta, capital da Numídia ocidental, com duas trirremes para realizar o periclitante tratado ¹⁶¹. Conseguindo evitar, devido ao vento, a sua captura pelas sete quinquerremes de Asdrúbal Gisgão que chegam quase em simultâneo a terras africanas ¹⁶², Cipião tenta impressionar Sifax e recolocá-lo na esfera de influência romana. Conseguindo reafirmar o acordo, Cipião regressa então à Sicília, para continuar os seus preparativos para a invasão, mas o cartaginês Asdrúbal Gisgão vai deitar mão de um trunfo esmagador para voltar a retirar o apoio de Sifax aos romanos: oferece-lhe em casamento a sua filha Sofonisba ¹⁶³, a bela e sofisticada mulher que estava anteriormente prometida a Masinissa ¹⁶⁴. Este *volte-face* de Sifax deve ter constituído um golpe muito duro para Cipião, que estaria à espera de um apoio incondicional do universo núpida, especialmente agora que a guerra iria decorrer em África ¹⁶⁵.

Mas a posição estratégica de Cipião estava já bem defendida no Senado romano e tudo se encaminhava para uma invasão a partir da Sicília, onde o comandante romano treinava com afinco os restos das duas legiões sobreviventes da batalha de Canas que aí tinham sido exiladas, treinando-as para serem a máquina de guerra com que se propunha avançar para Cartago ¹⁶⁶ e juntando-lhe uns milhares de auxiliares autóctones ¹⁶⁷. Terá a grande mudança no contexto militar dos apoios núpidas feito abalar a convicção estratégica de Cipião de que a sua campanha no norte de África seria a melhor solução para a total derrota de Cartago? Se tal mudança não alterou o rumo dos acontecimentos, certamente terá levado Cipião a redobrar os cuidados com que planeou a sua investida em África. Homem determinado, o revés que lhe provocou a passagem de Sifax para a esfera cartaginesa poder-lhe-á ter causado bastante apreensão, mas depois de ter defendido de forma tão vigorosa o seu plano no Senado romano, Cipião provavelmente não queria deixar de realizar a sua campanha, mesmo sentindo que o cenário lhe seria bastante menos favorável do que inicialmente concebera.

¹⁶¹ LE BOHEC, 2014, pp. 239-240.

¹⁶² O'CONNELL, 2012, p. 263; TITO LÍVIO, 1982, XXVIII.17.

¹⁶³ Ou Sofoniba, o seu nome púnico era Cafonbaal - O'CONNELL, 2012, p. 263; Yann Le Bohec (LE BOHEC, 2014, p. 243) diz que o seu nome púnico era Çafonba'al que significava "aquela que Baal protegeu".

¹⁶⁴ O'CONNELL, 2012, p. 263, 264; HART, 2006, p. 98; LE BOHEC, 2014, pp. 243-244.

¹⁶⁵ FRONTINO, 2005, II.VII.4 (p. 124).

¹⁶⁶ LE BOHEC, 2014, p. 243.

¹⁶⁷ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 380-381; TITO LÍVIO, 1982, XXIX.1; HART, 2006, pp. 96-97.

6. ESTRATAGEMA DE BAGRADES

6.1. Uma Dificuldade Estratégica

Depois de ter demorado quase um ano na preparação do seu exército expedicionário, o agora procônsul Cipião vai deixar o porto siciliano de Lilibeu, a atual Marsala no final da primavera de 204 a.C.¹⁶⁸ O dinamismo e perícia com que vai conduzir toda a sua campanha norte africana é digna de um génio militar, que sabe que neste contexto necessita de estar muito atento a todos os condicionalismos práticos que o possam auxiliar no esforço de exercer uma forte pressão sobre Cartago. Estamos em crer que Cipião teria muita consciência das dificuldades que resultariam do seu exército se estar a deslocar agora para um continente onde todo o contexto político-militar é de carácter hostil, conhecendo bem o peso secular que Cartago exerce em todo o norte de África¹⁶⁹.

A permanência de Cipião em terras africanas deveria reger-se por um grande dinamismo, coragem e capacidade de decisão rápida, tal como vamos poder verificar durante todas as suas bem planeadas operações. É bem possível que tivesse também presente que o Senado não tomara a iniciativa daquela campanha, limitando-se apenas a autorizar a sua realização, o que significaria, em termos práticos, que iria encontrar muita dificuldade para conseguir mais meios para concretizar aquilo a que se propusera.

Impossível se torna neste trabalho detalhar todas as operações que Cipião realizou até conseguir montar o cenário onde vai decorrer a emblemática batalha de Zama, mas dever-se-á assinalar alguns momentos fundamentais da concretização da sua extraordinária campanha.

Quanto à constituição do seu exército, a hipótese mais aceitável é a de que este fosse composto por cerca de 16 000 infantes e 1 600 cavaleiros¹⁷⁰, que foram transportados para África em 40 navios de guerra e 400 barcos de transporte. Sempre muito atento aos elementos logísticos, aspeto que aliás é pedra de toque de todos os grandes generais da História, Cipião vai levar consigo água e alimentos para 55 dias, onde se incluíam já inúmeras rações cozinhadas para suprir as necessidades das primeiras duas semanas¹⁷¹. Sem ser perturbada, a

¹⁶⁸ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV, Prefácio; HART, 2006, p. 101; O'CONNELL, 2012, p. 275; LE BOHEC, 2014, p. 244..

¹⁶⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 380.

¹⁷⁰ Os relatos romanos diferem quanto ao número total de forças embarcadas tanto que Lívio prefere não emitir opinião e referir entre 12000 e 35000 homens. Se considerássemos um exército consular aumentado poderíamos atingir os 26400 homens: duas legiões de 6000, acrescidas de duas *alae* da mesma dimensão, a par de 2400 cavaleiros.

¹⁷¹ HART, 2006, p.101; GOLDSWORTHY, 2009, p. 383.

frota romana desembarcou três dias depois no Cabo Belo ¹⁷², a apenas alguns quilômetros da importante cidade de Útica ¹⁷³. Após uma fuga generalizada da população amedrontada ¹⁷⁴, Cipião toma posição no terreno, apoderando-se de vastos despojos e de 8 000 cativos, que envia para a Sicília ¹⁷⁵. Os cartagineses, alarmados pela concretização da investida romana, tomaram rápidas medidas de emergência, enviando mensageiros a Asdrúbal Gisgão e a Sifax para que viessem rapidamente em seu auxílio.

Registou-se um primeiro e sangrento recontro com 500 cavaleiros cartagineses que pretendiam embargar a testa-de-ponte romana, mas eles foram prontamente atacados e postos em debandada ¹⁷⁶.

À semelhança do que fez na Península Ibérica, com o ataque a Nova Cartago, Cipião quer garantir o rápido estabelecimento de uma base de operações segura. Avança, assim, sobre a cidade de Útica, conjugando um ataque naval e terrestre, tal como fizera na Hispânia, logo após se ter encontrado com o seu importante aliado Masinissa, que, tal como Cipião esperava, honrava assim o seu compromisso ¹⁷⁷.

Após violentas guerras civis no reino númerida dos massilos, logo que o rei Gala morreu, Masinissa, que andara fugido, conseguira impor-se no trono. O sistema tribal númerida de sucessão era bastante complexo, pois a monarquia não era de caráter hereditário, o que originava disputas que eram quase sempre resolvidas com recurso à guerra. Na luta pelo poder, Masinissa conseguira derrotar o seu rival Mazetulo, mas Sifax acabou por intervir contra o aliado romano, muito apreensivo com a instauração de um rei carismático sobre os númeridas massilos que pudesse vir a desequilibrar a hegemonia do seu povo. Sifax vence Masinissa numa batalha em que este último é ferido e o seu exército dispersado ¹⁷⁸, pelo que, quando se juntou a Cipião, Masinissa estaria ainda bastante enfraquecido e poderia não ter mais do que 200 cavaleiros ¹⁷⁹.

Poucos dias depois, Cipião é informado da aproximação de um outro corpo bem mais significativo de 4 000 cavaleiros cartagineses, maioritariamente formado por númeridas, sob o comando de um tal Hanão, que poderia ser o filho de Amílcar ou mesmo de Asdrúbal Gisgão. Estes vão instalar-se na cidade de Saleca, a cerca de 25 km do acampamento romano já

¹⁷² Hoje Cabo Farina ou Ras Sidi Ali el Mekki

¹⁷³ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 27; GRIMAL, 2013, p. 56.

¹⁷⁴ O'CONNELL, 2012, p. 276.

¹⁷⁵ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 28, 29.

¹⁷⁶ HART, 2006, p.102; GOLDSWORTHY, 2009, p. 384.

¹⁷⁷ O'CONNELL, 2012, p. 276.

¹⁷⁸ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 29-33.

¹⁷⁹ HART, 2006, p.102; GOLDSWORTHY, 2009, p. 385.

estabelecido às portas de Útica ¹⁸⁰, com o objetivo de fazer atrasar o avanço romano até à possível chegada dos exércitos de Asdrúbal e Sifax.

Cipião não hesita em investir de imediato contra Saleca e convoca Masinissa para uma operação que poder-se-ia considerar como particularmente adequada para a cavalaria ligeira númida. O objetivo principal era o de ir até Saleca e conseguir desafiar o corpo de cavalaria que aí se instalara, com o objetivo de fazer uma grande surtida em perseguição da cavalaria de Masinissa. Dever-se-ia tentar que, com estratagemas vários, como por exemplo avanços e recuos, se conseguisse fazer sair das muralhas o maior número possível de inimigos. Assim que a maioria da cavalaria cartaginesa se encontrasse empenhada na perseguição, Masinissa deveria simular uma retirada e atrair os cavaleiros cartagineses para uma emboscada montada pelos romanos. Para tal, aproveitando uma elevação do terreno, Cipião fez deslocar a sua cavalaria de forma dissimulada para uma zona designada por Torre de Agátocles, de onde pretendia contra-atacar a surtida cartaginesa ¹⁸¹. Hanão, cada vez mais enfurecido com a ousadia e insistência da investida de Masinissa, vai acabar por mobilizar o corpo principal da sua cavalaria e, de forma imprudente, vai mesmo persegui-lo até se encontrar além da posição romana, que ficou assim habilitada a um ataque na sua retaguarda e no seu flanco. Saindo de súbito do seu esconderijo, a cavalaria romana investiu contra os cartagineses, enquanto Masinissa executou meia volta e os atacou frontalmente, surpreendendo e cercando assim a desprevenida cavalaria inimiga ¹⁸². Estima-se que cerca de 1 000 cavaleiros púnicos tenham morrido de imediato e que os restantes tenham sido perseguidos até serem capturados ou mortos após uma violenta perseguição que se prolongou por mais de 45 km ¹⁸³. Note-se como Cipião vai utilizar a cavalaria númida como isco para efetuar uma manobra artilosa e atrair o inimigo a uma emboscada, tal como fora outrora tão peculiar dos processos táticos de Aníbal ¹⁸⁴!

Sem adversário que lhe pudesse agora obstaculizar os movimentos, Cipião vai criar uma vasta área de segurança eliminando durante vários dias possíveis suprimentos com o objetivo de impossibilitar abastecimentos e criar uma larga faixa devastada, que pudesse dificultar logisticamente outros avanços cartagineses ¹⁸⁵. Não perdendo tempo, o general romano inicia de imediato um intenso assédio a Útica que pretende constituir como base de operações,

¹⁸⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 34.

¹⁸¹ GONZÁLEZ, 2005, p. 23.

¹⁸² O'CONNELL, 2012, p 277.

¹⁸³ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 34; HART, 2006, p.103.

¹⁸⁴ GOLDSWORTHY, 2009, p. 385.

¹⁸⁵ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 35.

contudo, apesar de todos os seus esforços, a antiquíssima cidade continua a conseguir resistir-lhe. Não tendo disponível o recurso da surpresa ou da traição, tão típicos na conquista de cidades, todo o assédio foi lento e não produziu resultados palpáveis ao longo de todo o inverno de 204-203 a.C.¹⁸⁶.

Entretanto, Asdrúbal Gisgão vai reunir, no final do verão, uma força de 30 000 infantes e 3 000 cavaleiros, a que se viria a juntar o exército de Sifax com um contingente estimado em cerca de 50 000 infantes e 10 000 cavaleiros¹⁸⁷. Vindo este considerável exército em auxílio de Útica, o comandante romano vê-se forçado a desistir da tentativa de a conquistar¹⁸⁸. Não tendo ainda uma segura base de operações, e atendendo à aproximação do inverno, onde a guerra se tornava impraticável, Cipião vai fazer construir numa pequena península o seu campo fortificado – que viria a ficar para a posteridade como *Castra Cornelia*¹⁸⁹. A tenaz resistência de Útica deve ter causado uma reviravolta nos planos de Cipião, que, não tendo conseguido torná-la a sua base de operações, vai ter de se instalar de forma bastante mais precária na pequena península, valendo-lhe a estreiteza do seu istmo, que lhe conferia alguma segurança¹⁹⁰.

Os exércitos de Asdrúbal e Sifax vão pretender cortar-lhe a passagem para a fértil região do rio Bagrales, que era uma vasta zona de cultivo que há muito se tinha tornado a principal área abastecedora de Cartago¹⁹¹. Montando dois acampamentos independentes a 1 600 metros um do outro e localizados a cerca de 11 km a oriente de *Castra Cornelia*, o general cartaginês e o rei dos massessilos passaram a constituir um problema estratégico delicado para o avanço da conquista romana. A soma considerável dos seus efetivos, com cerca de 80 000 infantes e 13 000 cavaleiros requeria que Cipião imaginasse um plano ousado para poder ultrapassar este difícil escolho, entalado que estava entre este vasto exército e a própria cidade de Útica, que ficava problemáticamente situada na sua retaguarda. Durante todo o inverno, Cipião vai intensificar ainda mais o treino das suas tropas em *Castra Cornelia*; consciente que está do esforço militar que se avizinha, envida esforços no sentido de reforçar as suas reservas de suprimentos para as operações que se vão retomar na primavera seguinte.

¹⁸⁶ HART, 2006, p.104.

¹⁸⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 35; GOLDSWORTHY, 2009, p. 386; LE BOHEC, 2014, p. 244.

¹⁸⁸ HART, 2006, p.105.

¹⁸⁹ O nome do local foi-lhe atribuído em homenagem ao comandante romano, visto a família Cornélia, ou *gens Cornelia*, ser uma das mais antigas e importantes famílias patriciais de Roma, tendo os seus membros desempenhado, ao longo dos séculos, os mais altos cargos no *Cursus Honorum*; LE BOHEC, 2014, p. 244.

¹⁹⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 29-35; O'CONNELL, 2012, p 278.

¹⁹¹ HART, 2006, p.105.

Tendo chegado a Roma as notícias da forma brilhante como Cipião estava a conseguir conduzir a sua campanha em terras africanas, repelindo as tentativas cartaginesas de esmagar a sua pequena força, o Senado vai começando a rever a posição de grande austeridade com que encarara a empresa e decide começar a apoiar o esforço de guerra de Cipião. Para tal, enviou-lhe novos abastecimentos, tais como um considerável carregamento de milho da Sardenha, e também lhe forneceu armas e outro equipamento provenientes da Sicília ¹⁹². Para que Cipião pudesse aumentar o número dos seus efetivos, foram ainda enviados alguns contingentes para a Sicília, a fim de libertar as tropas que o general romano tivera que aí deixar para prover à defesa da ilha ¹⁹³.

Aproximando-se o momento de retomar as hostilidades, Cipião vai ter de encontrar uma solução para a sua complexa situação estratégica. Estamos em crer que, compreendendo bem os mecanismos da personalidade humana, o comandante romano vai de início tentar aferir, após estes vários meses, qual a disposição íntima de Sifax quanto à sua aliança com os cartagineses, atendendo a que este poderá já não estar tão consumido nas chamas da paixão por Sofonisba, e diligenciar no sentido de trazê-lo de novo para a sua esfera de influência ¹⁹⁴. Propõe-lhe então uma aliança, consciente de que a quebra do pacto de Sifax com Asdrúbal poderia facilitar muito as suas futuras manobras militares. Mesmo que o rei dos massessilos não se tornasse aliado declarado dos romanos, seria muito útil que ele retomasse a sua posição anterior de neutralidade. Embora Sifax tenha respondido de forma positiva às tentativas de retomar a negociação, Cipião não conseguiu obter mais do que uma proposta em que este se mostraria disponível a defender perante os cartagineses um tratado de paz viabilizado pelo abandono romano do norte de África, em troca da saída de Aníbal do sul de Itália ¹⁹⁵.

Cipião percebe então a irredutibilidade da posição do rei dos massessilos no seu apoio aos púnicos e conclui que a sua proposta de negociação em nada poderia interessar a Roma, nem ao seu comando em particular, pois não só faria perdurar a hegemonia cartaginesa em África, perdendo-se grande parte do esforço de guerra, mas também se alienaria a já notória superioridade romana que se verificava desde as suas vitórias na Hispânia. Dir-se-ia mesmo que não seria também uma proposta aliciante a nível pessoal, pois Cipião teria empenhado naquela campanha os seus melhores pergaminhos, esperando receber em retorno a glória da sua consagração como o grande vencedor de Cartago.

¹⁹² TITO LÍVIO, 1982, XXIX, 29-36.

¹⁹³ HART, 2006, p.106.

¹⁹⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.1; LE BOHEC, 2014, p. 244.

¹⁹⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.1; HART, 2006, p.106; GOLDSWORTHY, 2009, p. 386.

Compreendendo que a continuação das suas campanhas dependeria de uma decisão ousada e rápida, vamos assistir ao que poderíamos talvez considerar como uma das operações mais difíceis e ardilosas da história da guerra.

Sabendo Cipião que não terá condições para enfrentar a enorme superioridade numérica dos efetivos dos exércitos de Asdrúbal e Sifax numa batalha em campo aberto, vai urdir o arrojado plano de, numa ousada operação noturna, fazer incendiar os acampamentos dos seus inimigos a fim de que tudo pudesse ser consumido num inferno de chamas ¹⁹⁶.

6.2. *Metis e Andreia* - Uma Nova Conceção de Fazer a Guerra

Poder-se-ia mesmo considerar o “estratagema de Bagrales” ¹⁹⁷ como um marco fundamental de viragem na forma de os romanos encararem e praticarem a guerra. Se seria legítimo afirmar que estes herdaram e desenvolveram os modelos da *praxis* militar dos gregos, desde cedo prescindiram de uma dimensão que era parte constitutiva da prática marcial grega. A guerra, forma de luta coletiva em que o objetivo é a obtenção da vitória sobre um exército adversário, revestia-se no mundo grego de um vasto leque de possibilidades onde se incluíam todos os recursos possíveis para derrotar o inimigo. Recorrer ao ardil, à manobra enganadora, à cilada, à emboscada, seriam considerados todos eles modos legítimos de fazer a guerra, pois o objetivo de vencer justificava a utilização de todos os meios. Este pragmatismo com que os gregos encaravam as formas da *praxis* bélica é-nos bem transmitido por Giovanni Brizzi ¹⁹⁸, quando nos diz que no mundo grego, a *metis* ¹⁹⁹ era legítima e fazia igualmente parte das competências de um guerreiro, sendo posta em plano de igualdade com a *andreia* ²⁰⁰.

A força bruta de um enfrentamento direto com o adversário revestia-se assim de um caráter tão importante como a capacidade de, através de um qualquer ardil, o enganar, o ludibriar, de modo a que se pudesse assegurar a vitória.

¹⁹⁶ FRONTINO, 2005, II.V.29 (p.115).

¹⁹⁷ Preferimos referir-nos a este momento, definindo-o como estratagema e não propriamente batalha, visto não se ter verificado um confronto direto entre duas tropas adversárias, mas somente uma manobra ardilosa de cerco e incêndio, em que uma das partes mais não pôde fazer senão tentar fugir do dantesco cenário onde se viu envolvida, sem qualquer preparação ou aviso prévio.

¹⁹⁸ BRIZZI, 2004, pp. 15-21 e 52-62.

¹⁹⁹ Termo grego que significa prudência hábil, astúcia.

²⁰⁰ Termo grego que significa a coragem viril de enfrentar o adversário.

Diz-nos João Gouveia Monteiro ²⁰¹ que “pelo contrário, os Romanos desprezavam o ardil, o estratagema e preferiam vencer as guerras pela força dos seus homens e das respetivas armas.”

Tendo criado uma máquina militar de uma eficácia comprovada, os romanos prefeririam mesmo, por razões religiosas e de disposição de caráter, um enfrentamento baseado apenas na *andreia*, fazendo a apologia de um confronto frontal e desafiante com o adversário e em que pudessem demonstrar toda a sua virilidade, eficácia e capacidade física.

O recurso a ardis e estratagemas era, pois, encarado como algo peculiar aos pusilânimes, aos cobardes, que não teriam a coragem e a força para enfrentar um inimigo olhando-o nos olhos. A virilidade romana não permitiria o recurso a qualquer movimentação ardilosa que estivesse fora da economia de um combate realizado de forma leal, concretizado pelas armas e pela mestria no combate.

“A deusa *Fides* exigia honra e obrigação, valores que, aplicados à luta armada e aos chefes militares, pressupunham a existência de declarações prévias de guerra, o direito à rendição dos vencidos, etc. Para os Romanos, uma guerra contra um inimigo justo e leal não podia ser ardilosa e traiçoeira (e talvez por isso Papírio Carbão tenha invetivado muito mais tarde Sula por este possuir uma alma dupla: de leão e de raposa). Era preferível lutar cara a cara, sem armadilhas, segundo os ritos próprios de uma guerra justa, porque isso salvaguardava a própria *fides*, que constituiu um alicerce da sociedade itálica primitiva (antes mesmo das cidades, das leis e dos tratados). (...) O desrespeito da *fides* por algum adversário tornava uma guerra justa em *latrocinium* (e, neste cenário, já poderia haver lugar a entorses aos bons princípios da lealdade e, portanto, recurso ao ardil, como sucedeu na guerra contra os Celtas, mas só em casos excepcionais e muito repugnantes).” ²⁰²

É toda esta conceção que Cipião vai desmontar, compreendendo que os ardis, os subterfúgios e os enganos são elementos fundamentais na arte da guerra, nomeadamente contra inimigos que os praticam de forma tão descomplexada como era característico dos cartagineses e mormente de Aníbal Barca.

Para o universo militar púnico, também devedor da matriz grega, nunca foram encarados com qualquer reбуço a utilização de recursos arditos que pudessem garantir, ou até mesmo viabilizar com menos esforço, a obtenção da vitória. Lembremos até que os cartagineses eram conhecidos na orla mediterrânica como um povo de caráter manhoso, que deitava mão com bastante facilidade de quaisquer estratagemas que lhes pudessem trazer vantagens, habituados

²⁰¹ MONTEIRO, no prelo, p. 8 (numeração provisória).

²⁰² MONTEIRO, no prelo, p. 9 (numeração provisória).

que estariam desde há séculos às trocas comerciais e a uma conflitualidade latente. Falava-se, inclusivamente, em *punica fides*...

É esta conceção de lealdade na *praxis* militar romana que Cipião vem pôr em causa, reconhecendo que Aníbal Barca vencera consecutivamente as poderosas legiões com a constante e descomplexada utilização de recursos arditos. O general romano vai acabar por ter uma conceção pragmática da guerra, em que o que se torna relevante é o facto de o vencedor ter a glória e o benefício do triunfo, independentemente dos meios que utilizou para o conseguir.

6.3. Um Ousado Plano Estratégico

Estando assim, no início na primavera de 203 a.C., numa situação delicada, Cipião vai urdir um plano tático que ultrapassa em muito tudo aquilo que seria uma manobra expectável, quer num sentido mais lato, quer dentro dos cânones militares tradicionais romanos. O general romano vai intentar produzir uma gigantesca operação, em que pretende incendiar em simultâneo os acampamentos inimigos enquanto os seus adversários se encontram enfraquecidos no seu desatento período de repouso²⁰³.

É de salientar que Cipião integra em todas as consequências estratégicas a noção de *metis*, indo muito além do que seria tradicionalmente admissível como algo pertencente ao universo dos recursos arditos, bastante mais conotados com a utilização de estratagemas enganadores no campo de batalha, com tropas escondidas, com movimentações enganadoras para esconder o número de efetivos, com retiradas simuladas, com sugestões arditas nos objetivos, com manobras surpreendentes, entre muitas outras.

Cipião vai realizar uma operação que ultrapassa em muito a ousadia dos processos comuns da guerra, quer no contexto da Antiguidade, quer em qualquer outra cronologia. Executar uma operação de tal envergadura e com tal especificidade implicava excepcionais recursos logísticos e um extraordinário treino das suas tropas, nas quais no entanto Cipião parece confiar incondicionalmente. Os desafios levantados por uma operação com estas características fazem dos seus homens um exército que se acaba por converter num gigantesco grupo de comandos que desafiam uma vasta plêiade de dificuldades práticas para a concretização do seu objetivo.

Desde que o comandante romano toma consciência que Sifax se manterá inalterável na sua posição de apoio aos cartagineses, vai encetar uma dissimulada operação de inteligência, em

²⁰³ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.1; HART, 2006, p.106.

que finge ainda acreditar na possibilidade prática de um acordo, continuando a envidar simulados esforços negociais, mas onde o seu objetivo é já o de que os seus emissários e respectivos acompanhantes possam ver com o máximo detalhe, não só as condições e morfologia do acampamento adversário, mas igualmente que se inteirem das condições e dos hábitos concernentes à sua defesa ²⁰⁴. Estamos mesmo em crer que Cipião terá mandado realizar estas conversações enviando emissários acompanhados de alguns dos seus melhores centuriões, bastamente conhecedores das coisas da guerra. Estes foram disfarçados de criados e escravos dos oficiais das suas embaixadas, para que pudessem depois relatar com detalhe tudo aquilo que conseguissem observar nas disposições e hábitos dos acampamentos inimigos ²⁰⁵. Quando lhe pareceu que o que possuía de informações sobre os seus adversários seria já suficiente para encetar a campanha, desculpou-se a Sifax dizendo-lhe que o seu *consilium* ou conselho de oficiais se opunha com veemência às suas propostas e que, portanto, se faria a guerra ²⁰⁶.

Observe-se esta *nuance* de Cipião, que, apesar das suas intenções serem de jaez tão arrojado, ainda consagra uma réstia de etiqueta militar ao fazer um corte nas negociações, antes da realização do seu ataque incendiário, advertindo que se passará a partir dali a um outro regime nas relações mútuas, com a inevitabilidade do confronto. Cipião teria ainda sido mais dissimulado se executasse esta operação sem fechar o período negocial com Sifax, mas o seu carácter, e a própria tradição romana, não lhe devem ter permitido chegar tão longe.

O comandante romano já tinha a informação de que o acampamento de inverno das tropas de Asdrúbal Gisgão era constituído por sólidas cabanas construídas em madeira de diversas espécies e ramos de árvores, contudo sem qualquer recobrimento protetor em terra (adobe), bem ordenadas como era apanágio da prática cartaginesa, e que o de Sifax era eminentemente constituído por caniços e esteiras, como era peculiar do estilo nativo africano. A generalidade das cabanas deste último estavam, assim, dispostas de forma caótica e sem quaisquer intervalos entre elas, o que em nada facilitava a circulação dentro do acampamento, encontrando-se mesmo algumas delas, pertencentes aos reforços recém-chegados, localizadas no exterior da proteção das paliçadas ²⁰⁷.

Os centuriões de Cipião, que ali se deslocaram e que se foram revezando consecutivamente, para que houvesse o maior número possível de homens familiarizados com as condições no terreno, observaram também com particular atenção os seus acessos e a

²⁰⁴ LE BOHEC, 2014, p. 245.

²⁰⁵ GOLDSWORTHY, 2011, p. 85.

²⁰⁶ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.2; HART, 2006, p.107.

²⁰⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.1; HART, 2006, p.106.

localização das entradas. Verificaram ainda com o detalhe possível as horas, o número e os métodos de rendição das sentinelas ²⁰⁸. Neste reconhecimento dos dois acampamentos foi-lhes possível estimar que no de Asdrúbal estariam 30 000 soldados de infantaria e 3 000 de cavalaria e que o de Sifax conteria 10 000 de cavalaria e 50 000 de infantaria ²⁰⁹.

No início da primavera de 203 a.C., Cipião começa a sua investida por uma manobra dissimulatória do seu objetivo principal, apontando para uma poderosa retomada do cerco a Útica ²¹⁰. Para isso, fez deslocar para lá os seus navios munidos de grandes máquinas de assalto, como se estivesse na eminência de tentar novamente conquistá-la e mandou mesmo dois mil legionários ocuparem uma estratégica colina situada nas suas imediações ²¹¹.

O genial comandante romano convencia assim o adversário de que o seu próximo objetivo era conquistar Útica e, em simultâneo, via garantido, com um mínimo de dispêndio dos seus recursos, que a guarnição da cidade estivesse demasiado ocupada para poder pensar numa qualquer investida contra o seu acampamento de *Castra Cornelia* durante a sua ausência ²¹². Deixando nesta última uma pequena guarnição, pôde mobilizar a esmagadora maioria dos seus legionários para a concretização da operação ²¹³.

6.4. As Novas Dificuldades Logístico-Táticas

Atentemos agora em algumas dificuldades logísticas de uma operação de tal envergadura e sob tão difíceis condições. Parece-nos que será de bom senso afirmar que uma operação tão peculiar e com uma tão grande especificidade no seu objetivo tenha sido concebida por Cipião e pelo seu conselho com uma meticulosa atenção. Uma operação com estas características era tão inovadora que não teriam praticamente tido possibilidade de deitar mão de qualquer experiência anterior, tendo que se fazer toda a programação com a avaliação simultânea de todos os riscos. Para explicar o seu plano, Cipião vai convocar, ao início da tarde do dia anterior à noite aprazada, uma reunião do seu Conselho de oficiais onde vão estar também presentes os tribunos mais fiáveis e os legionários que estiveram antes como espiões no acampamento de Sifax. Como lhe era peculiar, só então vai revelar a todos o seu estranho e engenhoso plano. Cipião terá questionado cuidadosamente todos os participantes neste conselho alargado e, após comparar os relatos que fizeram dos acessos, entradas e hábitos do

²⁰⁸ FRONTINO, 2005, I.I.3, I.II.1 (pp. 36-43); GOLDSWORTHY, 2009, p. 386; O'CONNELL, 2012, p. 279.

²⁰⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.1.

²¹⁰ LE BOHEC, 2014, p. 245.

²¹¹ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.2-3.

²¹² GOLDSWORTHY, 2009, p. 387.

²¹³ HART, 2006, pp. 107-108.

acampamento, deve ter podido dar os retoques finais no seu plano de ataque, observando com minúcia os conselhos de Masinissa, que conhecia bem a realidade no terreno²¹⁴. Deveremos ter em atenção ainda que a generalidade da informação recolhida deverá ter incidido sobre o acampamento de Sifax, com quem houve negociações diretas e que, portanto, permitira visitas regulares ao seu espaço. Quanto ao acampamento de Asdrúbal Gisgão, será de crer que a informação deverá ter sido bem mais escassa, provavelmente realizada por observação exterior de espiões e batedores romanos. No entanto, Cipião deveria conhecer os hábitos construtivos dos acampamentos cartagineses, sabendo de antemão que este seria construído eminentemente em madeira e com algum critério de ordem na disposição funcional dos equipamentos.

Talvez prevenindo todo este complexo contexto, o general romano tenha atribuído a Lélío o mais previsível e bem programado ataque ao acampamento de Sifax, guardando para si a parte mais complexa do cerco ao de Asdrúbal. Cipião deve ter previsto que, com a deflagração do incêndio nas instalações do acampamento húmida e a pouca distância que mediava entre os assentamentos inimigos, os cartagineses rapidamente o vissem, atribuindo-lhe causas acidentais. Era previsível que, como reflexo, saíssem desordenadamente e mal armados das suas instalações para ajudar na sua extinção, o que permitiria atacá-los em grande número já fora da proteção do seu acampamento. Lançando-se em seguida fogo às instalações cartaginesas, estes compreenderiam então não se tratar de nenhum acidente, mas já estariam demasiado enfraquecidos e desorientados para poderem oferecer uma eficaz resistência. O astuto general romano ordenou então aos tribunos que naquela noite mandassem servir bastante cedo a refeição noturna e ordenou que todos se achassem em armas e prontos para a marcha fora do campo logo após o toque de recolher²¹⁵. Seria possivelmente este o momento mais propício a que fosse dado conhecimento sumário à generalidade das tropas do plano que se iria realizar. Também se deve ter procedido a uma possível constituição dos diversos grupos, necessários para cobrirem os vários locais táticos, e à atribuição dos respetivos comandos. Logo após, Cipião dá ordem para as tropas formarem em ordem de marcha e iniciarem a sua longa caminhada silenciosa²¹⁶.

Em primeiro lugar, devemos ter em atenção que os legionários e os númidas de Masinissa vão ter de percorrer cerca de 11 km até chegarem à orla dos acampamentos adversários, o que não será tarefa fácil, se atendermos que deverão realizar todo este trajeto sem recorrerem a

²¹⁴ HART, 2006, p. 108.

²¹⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.4, HART, 2006, p. 108.

²¹⁶ HART, 2006, p. 108.

algum tipo de iluminação. As tropas de Cipião devem ter-se guiado provavelmente apenas pela luz da lua, que nesta noite deveria ter intensidade suficiente para permitir alguma segurança na locomoção. Tendo este condicionalismo tanta importância para o bom resultado da operação, o comandante romano deverá ter certamente estado bem atento à fase da lua que se verificaria na noite escolhida.

Cipião sabe bem que as suas tropas vão ter de caminhar sem acender quaisquer archotes para não se denunciarem às sentinelas inimigas, que certamente estarão bem colocadas em pontos altos e estratégicos. Também nos parece bastante plausível que tenham partido de *Castra Cornelia* numa única coluna de marcha, pois divididos em mais aumentariam exponencialmente o risco de serem detetados e o de causarem grandes desfasamentos temporais no momento da sua aproximação aos assentamentos do inimigo. No entanto, não devemos esquecer que, para cobrirem os objetivos propostos, haverá um momento em que se torna necessário que toda esta vasta coluna tenha que se dividir, ficando uma com a incumbência de se dirigir ao acampamento de Sífax e a outra ao de Asdrúbal Gisgão. Embora não seja possível determinar ao certo o número de elementos constantes nesta marcha, podemos com alguma segurança estimar que as tropas romanas e os auxiliares deveriam rondar os 14 000 infantas, ao que se juntariam 1 600 cavaleiros romanos e ainda um número considerável de númidas.

Esta longa coluna com milhares de elementos tem que marchar com extrema cautela para evitar possíveis quedas de homens e cavalos, atendendo a que caminham em terreno irregular e, certamente, pretendem privilegiar os troços que facultem uma melhor ocultação. À medida que se faz a aproximação ao inimigo, as tropas vão tendo que redobrar os seus cuidados, visto que a deteção da sua presença é cada vez mais problemática, podendo agora ser causada não só pelo incremento da exposição visual, mas também por quaisquer indícios auditivos. É de crer que, para se poderem eximir das sentinelas cartaginesas, as tropas romanas devessem já conhecer razoavelmente bem a sua localização²¹⁷.

Após a longa coluna de marcha ter percorrido a maior parte do trajeto, atingiram as imediações dos acampamentos adversários por volta da meia-noite, momento em que iniciaram a divisão em duas colunas, tendo posteriormente procedido à sua fragmentação em grupos operacionais, que irão bloquear as rotas de fuga dos seus inimigos do inferno de fogo que estará próximo de eclodir. Seria pois muito pouco provável que, atendendo ao ruído mínimo que poderiam fazer e à pressa que a proximidade dos acampamentos inimigos

²¹⁷ Advertência de Cipião quanto aos cuidados a ter numa marcha durante a noite - POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.4.

exigiria, houvesse quaisquer conversas e ordens de comando nesta orla dos acampamentos, o que nos aponta para que tudo estivesse programado em detalhe desde a sua partida, de acordo com o gizado por Cipião e prontamente obedecido com um rigor extraordinário por todos os seus homens. Muito cuidado terá que ter sido tomado igualmente com o tilintar de armas, armaduras, cascos de cavalo e ainda com possíveis reflexos da lua em capacetes e armaduras, pois bastaria uma sentinela dar o alarme para condenar todo o plano ao fracasso.

Depois da grande eficácia com que se realizou todo este difícil trajeto, resta ainda a árdua tarefa de acender uma chama, pois isto será perigosamente denunciante, nomeadamente quando há todo o interesse tático em fazer crer que o incêndio resultará de consequências acidentais. Não sabemos em que zona do acampamento de Sifax, terá sido ateado inicialmente o fogo, mas certamente este teria que ter começado logo com consideráveis dimensões para impedir que fosse possível extingui-lo, ficando posteriormente a tarefa bastante facilitada logo após gerar-se a confusão, porque isso vai permitir lançar archotes acesos para outros pontos do seu interior, propagando-o exponencialmente. Lélio e Masinissa, respetivamente com metade dos legionários e com todos os númidas, atacaram o acampamento de Sifax numa manobra convergente ²¹⁸, investindo simultaneamente a partir de duas direções diferentes, para impossibilitarem qualquer tentativa de defesa e para criarem ainda mais confusão no espírito dos númidas que sucumbiam naquele antro de intensas chamas.

Com a aglomeração cerrada das barracas e os materiais altamente combustíveis de que eram feitas, o fogo propagou-se rápida e violentamente. Como de início nada fazia supor um ataque inimigo, os númidas de Sifax estavam convencidos de que seria um fogo acidental, e a grande maioria deles saiu desordenadamente das barracas, sem tempo ou preocupação para se munirem das suas armas. Muitos terão morrido ainda dentro delas, enquanto outros ainda se viram cercados por chamas ou eram pisoteados até à morte pelos camaradas na tentativa de fuga. Muitos terão sucumbido às mãos dos númidas de Masinissa, estrategicamente colocados nas saídas ²¹⁹. Desarmados, estremunhados e desorientados na sua ânsia desesperada de escaparem ao inferno das chamas, muitos nem devem ter tido bem consciência do que se estaria a passar em seu redor ²²⁰.

No acampamento cartaginês de Asdrúbal Gisgão, assim que foram avistadas as enormes chamas em que se consumia o acampamento de Sifax, foi dada ordem de ir imediatamente em auxílio dos númidas. Sem também poderem colocar sequer a hipótese de um ataque romano,

²¹⁸ LE BOHEC, 2014, p. 245.

²¹⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.4; LE BOHEC, 2014, p. 245.

²²⁰ HART, 2006, pp. 108-109; O'CONNELL, 2012, p. 279.

os cartagineses saíram apressadamente do seu reduto e acorreram desordenadamente a auxiliar na extinção do incêndio. A ideia de levarem as suas armas, nomeadamente os escudos, pareceria algo de estulto, atendendo a que só iria dificultar em muito a sua tarefa, pelo que é possível supormos que, mesmo admitindo que trouxessem algumas armas, elas terão sido basicamente algumas lâminas, que foram certamente colocadas como resultado dos seus hábitos militares.

Estes infantes cartagineses foram cercados pelos legionários romanos, sendo exterminados ²²¹, com a ordem suplementar de Cipião para que se não deixasse escapar nenhum deles, para que não fosse dado o alarme aos que ainda permaneciam dentro do acampamento. O general romano tinha todo o interesse em que os que ainda estavam no acampamento púnico continuassem a acreditar que o fogo era fortuito e não se preparassem para o combate. Cipião investe então em simultâneo contra as várias portas do acampamento de Asdrúbal, onde ainda reinava alguma confusão pela saída de uma parte substancial dos cartagineses, e manda rapidamente atear fogo às barracas, onde muitos ainda permaneciam. Só então Asdrúbal compreende que o incêndio no acampamento de Sifax não fora acidental e que o seu se consumia agora igualmente num oceano de chamas, com a repetição de todas as cenas infernais de morte e destruição. Na tentativa desesperada de fugir e conseguir ainda salvar alguma coisa daquele cenário dantesco, Asdrúbal, que estaria já bastante ferido, ainda conseguiu ter ânimo para romper o cerco e conseguir escapar com cerca de 2 000 infantes e 500 cavaleiros. Estes fugitivos encontravam-se em péssimas condições, pois a maioria deles estaria mal armada, queimada, ou ferida pelas armas romanas. O comandante cartaginês tenta ainda obter refúgio numa pequena cidade próxima, Anda, mas, sob a pressão da perseguição de Cipião e com receio da reação hostil dos habitantes que não pretendem auxiliar aquele derrotado ou enfrentar um cerco romano, acaba por partir em direção a Cartago ²²².

Quanto a Sifax, que possuía um exército bastante mais numeroso que o cartaginês, acabou também por conseguir escapar ²²³, apesar de tudo com um número ainda considerável de nómadas, refugiando-se na cidade aliada mais próxima de Aba ²²⁴.

Apesar de os chefes inimigos terem conseguido escapar, facto que deverá ter irritado bastante o comandante romano e que vai ocasionar que em breve ele venha a ter más notícias daí resultantes, estima-se que as perdas do lado cartaginês tenham ascendido a cerca de 40 000 mortos e 15 000 prisioneiros.

²²¹ LE BOHEC, 2014, p. 245.

²²² POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.6.

²²³ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.5.

²²⁴ HART, 2006, pp. 109-110; O'CONNELL, 2012, p. 280.

Dos catorze elefantes cartagineses, oito terão morrido nas chamas e seis foram capturados, bem como um grande acervo de 2 700 cavalos númerados. Foram feitos prisioneiros centenas de nobres cartagineses, e capturados 174 estandartes, enquanto toda a operação parece não ter ascendido a mais de 100 baixas do lado romano ²²⁵.

A dimensão, a astúcia e a preparação de uma operação desta envergadura é digna de um génio militar, que sabe que na guerra, no seu sentido puro e duro, quando está em causa a sobrevivência, é válida a utilização de todos os recursos.

O ataque noturno de Cipião em Bagradas pode ser questionado quanto à sua legitimidade, mas ter-se-á que admitir que este foi um portento de imaginação, de confiança, de ousadia, tendo-se constituído como uma das manobras militares mais surpreendentes de toda a história da guerra antiga ²²⁶. Teremos que concordar com os louvores de um autor como Políbio, que pela sua cronologia de vida ainda pôde obter testemunho direto de vários dos participantes nesta operação e que nos pinta todo o cenário desta magna destruição, relatando-nos expressivamente que "todo o local estava cheio de gemidos e gritos confusos, pânico, medo, estranhos ruídos e, acima de tudo, de fogo e chamas enraivecidas que quebravam toda a resistência, coisas tais que cada uma delas seria suficiente para infundir terror no coração dos homens, quanto mais esta extraordinária combinação de todas elas. Não é possível encontrar outro desastre que, por mais aumentado que seja, possa ser comparado com este, a tal ponto excedeu em horror todos os acontecimentos anteriores. Por consequência, de todos os brilhantes feitos de Cipião, este parece-me o mais brilhante e o mais aventuroso..."²²⁷

²²⁵ GONZÁLEZ, 2005, p. 86.

²²⁶ GOLDSWORTHY, 2009, p. 388.

²²⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.5.

7. BATALHA DAS GRANDES PLANÍCIES – JUNHO DE 203 A.C.

7.1. Início do Domínio Romano em África

Depois do efeito arrasador que deve ter tido a destruição dos exércitos de Asdrúbal Gisgão e de Sifax, com o estratagema de Bagrades, Cartago começa a sentir-se ameaçada e as diversas fações dentro do Senado púnico, convocado de emergência pelos sufetas, clamam uma resolução ingente para o perigo romano. Constituindo-se Cipião como uma real ameaça à sua segurança, Cartago tenta encontrar uma rápida solução que a salve da dramática situação em que agora se encontra, pois o general romano parece ter infundáveis recursos táticos e demonstra uma inabalável determinação em se impor no contexto africano.

Duas grandes opiniões emergem dos debates do Senado púnico. Uma delas preconiza a tentativa de conseguir uma rápida paz com Roma, enquanto ainda têm alguma capacidade negocial, ao passo que a outra defende que, fazendo uso de todos os recursos, se deve continuar o esforço de guerra e organizar um grande exército para o qual se torna necessário chamar imediatamente Aníbal Barca com o intuito de o comandar, engrossando-o ainda com as tropas veteranas que este detém no sul de Itália ²²⁸.

Militando Asdrúbal Gisgão e todo o partido dos Barcas nesta segunda fação, foi decidido que se continuariam as hostilidades ²²⁹ e foi dada aquele a incumbência de proceder a um recrutamento de emergência, indo buscar todos os mercenários e tropas de reis aliados que conseguisse, inclusive infiltrando-se outra vez na Hispânia. Sifax, que ainda se encontrava na cidade de Aba e que teria inicialmente decidido retirar-se para Cirta, foi novamente convocado para se juntar a este esforço de guerra. Estamos em crer que estes dois comandantes deveriam estar profundamente feridos no seu orgulho, por terem visto os seus exércitos esmagados com uma manobra tão ardilosa como foi o estratagema de Bagrades. O rei dos massessilos, que estivera entretanto a tentar reorganizar o seu exército, respondeu de imediato, provavelmente incitado por este espírito de vingança e também pelos apelos da sua mulher Sofonisba, que continuava a exercer sobre ele profunda influência ²³⁰.

Asdrúbal desloca-se à Hispânia e recruta um contingente de 4 000 mercenários celtiberos que consegue fazer transportar para África. Esta ousada manobra púnica é reveladora da ainda bem fraca presença e dominação romana em terras ibéricas, atendendo a que o comandante

²²⁸ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.6.

²²⁹ HART, 2006, p. 110.

²³⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.7; HART, 2006, p. 111; GOLDSWORTHY, 2009, p. 389.

cartaginês consegue não só introduzir-se de novo nos territórios peninsulares, após a expulsão púnica, mas também encetar contacto com as tribos hispânicas. É relevante que consiga congregar um contingente destas dimensões e manobrar toda a logística para o seu transporte, conseguindo eximir-se inclusive à dominação naval romana no Mediterrâneo ²³¹. Com o objetivo de reanimar o espírito bélico das suas tropas e intimidar os romanos, os cartagineses fizeram correr o boato de que os Celtiberos eram 10 000 e que seriam guerreiros particularmente ferozes no combate ²³². Cerca de um mês depois, reuniram-se os exércitos de Asdrúbal e Sifax, voltando a encaminhar-se para Bagrades, em direção à assediada Útica, estabelecendo-se num acampamento comum na região conhecida por Grandes Planícies, *Campi Magni*, em latim ²³³, provavelmente a moderna região tunisina de Souk el Kremis, com um contingente total que se supõe que pudesse atingir mais de 30 000 homens ²³⁴.

Sabendo Cipião dos recentes recrutamentos cartagineses e númeras de tropas, e inclusive da chegada dos Celtiberos, deverá ter compreendido que o novo exército que estava a ser formado era constituído por corpos heteróclitos e que, quanto mais depressa lhes desse batalha, menos condições teriam de se tornarem um exército treinado e bem organizado ²³⁵.

Estamos mesmo convencidos de que o comandante romano deveria também supor que, tendo os cartagineses optado pela continuação da guerra, iriam pedir auxílio urgente a muitos dos seus reis vassallos e aliados tradicionais, especialmente em África, o que, com o decorrer do tempo, poderia acarretar um substancial engrossar do exército que se lhe iria opor.

O general romano que, depois do estratagema de Bagrades, tinha concentrado a sua atenção na conquista de Útica, que continuava a ser a sua desejada base de operações ²³⁶, vai deixar a sua esquadra e um pequeno contingente na manutenção deste assédio e realiza uma campanha fulminante com o grosso do seu exército contra a nova ameaça púnica. Despojando-se de toda a bagagem pesada, obrigou as suas tropas a percorrer os 120 km que o separavam das Grandes Planícies em cinco dias, organizadas em ordem de marcha forçada ²³⁷.

²³¹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 389.

²³² POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.7; HART, 2006, p. 111; GOLDSWORTHY, 2009, p. 389.

²³³ LE BOHEC, 2014, p. 245.

²³⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.7.

²³⁵ GOLDSWORTHY, 2009, p. 389.

²³⁶ HART, 2006, p. 111.

²³⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.8; HART, 2006, p. 111.

7.2. Cartago à Mercê dos Romanos ²³⁸

Chegando de surpresa, os romanos estabelecem o seu acampamento numa colina, de forma desafiante, a menos de 6 km do inimigo. Permitindo uma repousada noite de descanso aos seus homens ²³⁹, Cipião vai no dia seguinte formar em ordem de batalha a apenas 1 500 metros dos cartagineses, o que, como é natural, ocasionou variados confrontos entre as cavalarias e as infantarias ligeiras sem que, no entanto, uma batalha generalizada tivesse ocorrido. Durante três dias, repetiu-se a demonstração mútua da força dos exércitos, continuando contudo a verificarem-se apenas pequenas refregas ²⁴⁰. Estamos em crer que, como lhe era peculiar e tal como tivemos oportunidade de assistir de forma bem patente na batalha de Ilipa, Cipião estaria a aproveitar este impasse para estudar com muita atenção os movimentos e a ordem de batalha que, provavelmente, Asdrúbal e Sifax apresentariam na hora do grande confronto. Poder-se-ia mesmo dizer que o genial general romano tinha, como uma das suas marcas distintivas, o realizar uma observação e análise prévia da realidade militar mais plausível contra a qual iria intervir. Isso garantir-lhe-ia que as suas opções táticas estariam o mais adequadas possível à realidade do terreno. Defendemos mesmo que um dos segredos do sucesso militar de Cipião reside nesta grande capacidade de criar condições para realizar uma antecipada observação prática e de articular de forma inovadora o desempenho das suas tropas no possível confronto.

Esta ‘dança das ordens de batalha’, com a montagem e desmontagem dos dispositivos de ambos os exércitos, era particularmente adequada às suas intenções de perceber com o máximo detalhe qual seria o pensamento tático do seu adversário e constatar, no terreno, o tipo de corpos e número de efetivos contra os quais iria ter de se defrontar. Pôde assim Cipião ter a aguda perspetiva de que os seus inimigos partiriam possivelmente para a batalha colocando os infantes celtiberos no centro, os cavaleiros númidas de Sifax na ala esquerda e os infantes cartagineses na outra ala, protegidos lateralmente pela sua própria cavalaria.

Para enfrentar esta possível ordem de batalha do adversário, Cipião considerou que o que seria mais adequado para responder eficazmente a este repto seria dispor as suas legiões ao centro, como era prática tradicional romana, a fim de que pudessem oferecer um forte obstáculo à investida dos infantes hispânicos e cartagineses. Mandou assim formar as legiões em *triplex acies* ²⁴¹, com uma frente constituída pelos manípulos de *hastati*, seguidos pelos

²³⁸ Ver ANEXOS – ESQUEMAS DE BATALHAS, pp. VI-VII.

²³⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 389.

²⁴⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.8; HART, 2006, p. 112.

²⁴¹ FIELDS, 2010, p. 43.

principes e, por fim, os *triarii*. Compreendendo que ambas as cavalaria inimigas eram inexperientes face ao traquejo das suas, mandou dispor a cavalaria romana na ala direita, para defrontar a recém-recrutada cavalaria n mida de S fax, e mandou deslocar para a esquerda a cavalaria ligeira de Masinissa para enfrentar a cavalaria pesada cartaginesa ²⁴².

Poder mos mesmo tentar fazer o esforço de compreender qual o pensamento tático de Cipião nas suas op es para a concretiza o da sua ordem de batalha.

Se S fax tinha conseguido, em tão escasso tempo, fazer recrutar um considerável efetivo de cavaleiros n midas, após a destrui o de grande parte do seu exército em Bagrales, seria de supor que estes cavaleiros, na generalidade recentemente recrutados nos seus vastos territórios, não seriam certamente homens com grande experiência nas coisas da guerra. Considerando que a tipologia de investida da cavalaria n mida era de ataque e fuga, necessitariam de estar bem organizados e habituados a executar massivas investidas em vagas de assalto, o que requeria que fossem bem comandados, que estivessem muito habituados a executar rápidas manobras, que tivessem bom treino no arremesso dos dardos e, sobretudo, que dominassem muito bem as suas montadas. Ora, se admitirmos que eram cavaleiros recentemente recrutados, seria de esperar que no embate contra uma investida avassaladora de cavalaria pesada e experiente, se verificasse uma tendência para a desorganiza o destes corpos de cavaleiros, cujas falhas técnicas viriam a fazer-se sentir rapidamente.

Por oposi o, assistimos no outro flanco ao posicionamento da experiente cavalaria de Masinissa, com toda a sua comprovada mestria de comando, a atacar a pesada cavalaria mercenária cartaginesa. Cipião, nesta altura já bem conhecedor do tipo de ataque que o rei dos massilos poderia fazer incidir sobre as hostes púnicas, com as suas organizadas vagas de ataque, consideraria que provavelmente seria apenas uma questão de tempo até que Masinissa executasse os seus rápidos assaltos de variados e desconcertantes ângulos, e desfizesse assim as forma es dos cartagineses, sem que esta cavalaria conseguisse sequer entrar em confronto corpo a corpo. Esmagadas as alas de cavalaria da forma o adversária, o desdobramento das suas linhas de *principes* e *triarii* para uma grande manobra de envolvimento seria o golpe final para uma vitória sobre os enfurecidos celtiberos e os infantes cartagineses.

Neste quarto dia, Cipião, já bastante confiante na sua tática e não querendo deixar chegar mais possíveis reforços ao inimigo, manda as suas tropas avançarem tanto que o confronto se tornou inevitável. O comandante romano têm de estar bem consciente de que a moral das suas tropas, depois do sucesso do estratagema de Bagrales, estaria muito

²⁴² POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.8; HART, 2006, p. 112; FIELDS, 2010, p. 35; LE BOHEC, 2014, pp. 245-246.

positivamente reforçada, ao passo que a lembrança desse desastre recente teria um efeito muito desmoralizador para cartagineses e nômidas ²⁴³, especialmente para tropas mal treinadas e que, provavelmente, olhariam já para o comandante romano como um temível e astuto adversário que, a qualquer momento, poderia encontrar um meio de os derrotar.

Logo após o primeiro embate das cavalarias pelos flancos, verificou-se a notória superioridade romana, esmagando com facilidade os inexperientes corpos de cavalaria nômidas e púnicos, que acabaram por se começar a dispersar e sucumbiram numa debandada geral ²⁴⁴. No centro, a refrega foi intensa, com os Celtiberos a lutarem encarniçadamente pela sua própria sobrevivência, sabendo que estavam numa geografia desconhecida, a milhares de quilômetros das suas terras e que Cipião, com certeza, não lhes iria perdoar a traição de voltarem a lutar ao lado dos cartagineses ²⁴⁵. Para desfazer a sua intensa resistência, o comandante romano vai de novo operacionalizar as linhas de *principes* e *triarii*, ordenando que estas deixassem de prover ao apoio dos *hastati* e formassem em colunas para se desdobrarem lateralmente pelos flancos dos Celtiberos, já que estes se encontravam então sem a proteção lateral da sua cavalaria ²⁴⁶. Os *principes* e os *triarii* saíram da retaguarda dos *hastati*, após o que foram executando uma manobra angulosa que lhes permitiu atacar os flancos dos Celtiberos ²⁴⁷. Não sabemos em detalhe como se desenrolava este processo de desdobramento, mas atendendo à necessidade de manter a formação, estamos inclinados a crer que as segundas e terceiras linhas executariam movimentos opostos, indo em direções contrárias, embora fosse ainda possível admitir que estas se dividissem ao meio, investindo cada metade dos *principes* e dos *triarii* contra os flancos do inimigo.

Nesta perspetiva dever-se-á considerar a possibilidade de que os *triarii*, habitualmente com um número que corresponderia a metade das outras linhas, tenham sido bastante reforçados de maneira a permitir uma boa simetria no ataque aos flancos adversários e que estes tenham mesmo abandonado as suas lanças de estoque características para se munirem do *scutum* e do gládio.

Este recurso tático, que se tornou tão característico das legiões de Cipião, demonstra-nos bem a compreensão que o general tinha das vantagens da manobra de envolvimento com a infantaria dos manípulos da segunda e terceira linhas. Esta é muitíssimo eficaz, pois o cerco que proporciona cria um aumento exponencial da ‘superfície de ataque’ ao inimigo, fazendo

²⁴³ HART, 2006, p. 112.

²⁴⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.8; HART, 2006, p. 112.

²⁴⁵ HART, 2006, p. 112.

²⁴⁶ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.8; HART, 2006, p. 112; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 389-390.

²⁴⁷ LE BOHEC, 2014, p. 246.

com que se alivie igualmente a pressão que este faz sobre a linha frontal dos *hastati*, que poderão assim, em grande medida, prescindir do reforço sistemático dos *principes* e dos *triarii*. Poder-se-ia mesmo dizer que o aumento substancial da área simultânea de ataque ao inimigo provoca neste um tremendo esforço suplementar que impede à sua desorganização, na medida em que tem de lutar em várias direções e se vai sentindo encurralado num abraço que se pode fechar num cerco fatal. Recordemos que as manobras de envolvimento típicas eram executadas sempre por cavalaria ou por infantaria ligeira, mas Cipião acredita numa exploração mais eclética do potencial da legião e utiliza para esta sua manobra de envolvimento a infantaria pesada das segundas e terceiras linhas da *triplex acies*, que tradicionalmente teriam a função de funcionar como reserva para a esforçada linha de combate dos *hastatii*. O general romano compreendeu que dinamizar em simultâneo todo o potencial militar das três linhas teria muitas vantagens, pois evitaria que houvesse legionários inativos durante grande parte do período de combate, obrigando o inimigo a um esforço bem mais considerável para enfrentar em simultâneo todo o potencial de ataque romano.

Sabendo-se que Cipião presenciou em várias batalhas a forma como Aníbal Barca realizava as suas manobras de envolvimento, tal como aconteceu na batalha de Canas, deve ter compreendido as vantagens esmagadoras da sua utilização.

Apesar de envolvidos nesta manobra, alguns dos infantas cartagineses, e em especial o contingente celtibero, resistiram furiosamente às tropas de Cipião, acabando contudo por ser totalmente dizimados, não sem que antes, devido ao tempo que demorou a sua refrega, tenha permitido a fuga de Asdrúbal e de inúmeros infantas púnicos em direção a Cartago²⁴⁸. Sifax consegue igualmente eximir-se à fúria da cavalaria romana e foge para Cirta, com os restos das suas tropas montadas²⁴⁹. Perseguidos pela cavalaria romana e a de Masinissa ao longo de muitos quilómetros, cartagineses e númidas foram chacinados durante horas e só a chegada da noite pôde aliviar o seu desespero²⁵⁰.

Decidido a pôr um fim às nefastas intervenções de Sifax na guerra, Cipião manda, no dia seguinte, Lélis e Masinissa perseguirem-no e atacarem os seus territórios, no que virão a ser bem-sucedidos²⁵¹, embora este último ainda tenha tido oportunidade de realizar um último confronto com um novo exército por ele recrutado, deitando mão dos seus inesgotáveis recursos em Massessília²⁵².

²⁴⁸ HART, 2006, p. 112; GOLDSWORTHY, 2009, p. 390.

²⁴⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.8; HART, 2006, p. 113.

²⁵⁰ HART, 2006, p. 113.

²⁵¹ LE BOHEC, 2014, pp. 246-247.

²⁵² POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.9; GOLDSWORTHY, 2009, p. 390.

Conhecendo bem os efeitos desalentadores que a presença próxima do inimigo exerce sobre o espírito humano, Cipião vai aproveitar este período de desorientação púnica para acrescentar às suas conquistas a poderosa cidade de Tunes, que apenas distava 25 km de Cartago e que já só lhe conseguiu opor muito pouca resistência, após a partida da respetiva guarnição militar ²⁵³. Cipião queria fazer patentear a iminência do seu ataque à capital púnica, visto ser bem visível a ocupação romana de Tunes, observável desde as muralhas de Cartago ²⁵⁴.

Cipião vai marcar presença em toda a geografia envolvente, dispondo as suas tropas em pontos estratégicos e mostrando bem, a possibilidade de vir a avançar sobre a intimidada capital púnica.

Esta, apesar de estremecer ante o possível ímpeto da investida de Cipião, vai organizar-se para prover à sua resistência e manda chamar com caráter de emergência Aníbal Barca ²⁵⁵, o único general que pode evitar que uma desgraça se abata sobre o seu destino. Cartago quer resistir; aprovisiona-se rapidamente para um prolongado e difícil período de cerco e toda a população contribui voluntariosamente para ultimar os trabalhos de reforço e de aumento das suas muralhas.

Os cartagineses ainda tentam desviar o general romano do objetivo de atacar imediatamente a capital cartaginesa, promovendo um contra-ataque rápido com a sua esquadra ao cerco, que ainda se mantinha na cidade de Útica ²⁵⁶. Cipião vai ter ainda de urdir uma curiosíssima solução para esta investida naval cartaginesa, mas, depois de a conseguir debelar, volta aos trabalhos preparatórios para o seu possível confronto com Aníbal Barca, que, como o general romano previra, seria de facto chamado para defender o seu povo ²⁵⁷. Cipião está agora a um passo da possibilidade de uma grande vitória sobre o poderio púnico e sobre o único general que lhe poderia ainda fazer frente ²⁵⁸.

²⁵³ EGGENBERGER, 1985, p. 455.

²⁵⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.9; GOLDSWORTHY, 2009, p. 391; LE BOHEC, 2014, p. 247.

²⁵⁵ LE BOHEC, 2014, p. 247.

²⁵⁶ HART, 2006, p. 113; GOLDSWORTHY, 2009, p. 392.

²⁵⁷ FRONTINO, 2005, I.III.8 (p. 49).

²⁵⁸ POLÍBIO, 1889, 1962, XIV.10.

8. BATALHA DE ZAMA, 19 DE OUTUBRO DE 202 A.C. UM COMBATE DE GIGANTES

8.1. Entre a Paz e a Guerra

Após a brutal derrota nas Grandes Planícies e a dramática situação em que Cartago mergulhou, os púnicos, abalados com o amargo rol das suas consecutivas derrotas, tomaram consciência de que pouco mais restava a fazer do que solicitar a paz àquele ousado comandante romano que, em tão desfavoráveis contextos, tinha sempre sabido derrotá-los. Inclina-se agora a frágil balança das opiniões políticas púnicas maioritariamente em favor do partido da paz, não só pela falta de recursos militares, mas também porque os poderosos proprietários cartagineses estavam cansados da guerra e dos seus inesgotáveis prejuízos, tendo feito chegar a Cipião uma embaixada composta por trinta elementos do Conselho dos Anciãos, órgão da mais alta magistratura púnica²⁵⁹. Esta embaixada foi incumbida de envidar todos os esforços para conseguir assinar uma paz²⁶⁰, reverenciando a figura do general romano com estranhas manifestações de grande humildade, chegando mesmo os seus elementos a prosternar-se à maneira oriental e fazendo acompanhar o seu pedido de muitos rogos, manifestações de arrependimento pelos desmandos daquela prolongada guerra²⁶¹. Insistiram em fazer recair todo o ónus deste conflito sobre a avidez e arrogância de Aníbal Barca e o partido da guerra dominado pela facção bárcida, insistindo no quanto a sua insensatez tinha levado Cartago à difícil situação em que agora se encontrava²⁶².

Salientando sempre o quanto ansiavam pela paz, frisavam a boa convivência que existira entre os dois povos desde 241 a.C., após a assinatura do armistício que pôs fim ao primeiro conflito e aduziam, de forma sagaz, que no essencial se deveriam manter essas mesmas condições, mostrando-se no entanto igualmente dispostos a aceitar quaisquer outras que Cipião achasse agora por bem impor-lhes. Compreendendo o arguto discurso cartaginês, que tentava minimizar a culpabilidade coletiva de Cartago com o intuito de conseguir brandas condições para a paz, Cipião fez questão de realçar com veemência a frágil situação púnica, salientando que, na sua campanha africana, pretendia uma vitória clara e não tanto o negociar de uma paz, nomeadamente agora que os destinos da guerra se lhe tinham tornado tão

²⁵⁹ Estes trinta anciãos constituíam a denominada Gerúsia.

²⁶⁰ GOLDSWORTHY, 2009, p. 393; O'CONNELL, 2012, p. 287.

²⁶¹ HART, 2006, p. 121.

²⁶² TITO LÍVIO, 1982, XXX.16.

favoráveis²⁶³. Afirmou que, no entanto, o povo romano não pretendia a destruição dos seus inimigos, mas apenas terminar as guerras com justiça e que, portanto, lhes iria propor um acordo em que eles teriam que se comprometer a respeitar as seguintes condições:

- o abandono de todas as pretensões cartaginesas quanto aos territórios da Itália, da Hispânia, da Gália e de todas as ilhas do Mediterrâneo, com a retirada de todos os exércitos cartagineses;
- a entrega imediata de todos os prisioneiros e desertores;
- a entrega de todos os navios de guerra, à exceção de 20;
- uma indemnização de guerra de 5 000 talentos de prata²⁶⁴;
- o fornecimento ao exército romano de suprimentos em futuras campanhas, a pagar em cereais²⁶⁵.

Atendendo à situação desfavorável em que Cartago se encontrava, tais cláusulas poder-se-iam mesmo considerar bastante moderadas, tendo-lhes Cipião concedido três dias para ponderarem os termos do acordo, frisando que, se os aceitassem, deveriam enviar prontamente uma delegação ao Senado romano para consagrar a sua oficialização²⁶⁶.

A moderação das condições da proposta de paz de Cipião é notável, se atendermos ao seu esmagador triunfo militar, e revelam a sua visão de homem de Estado e a sua sagesa política, impondo aos inimigos de Roma termos não demasiado desfavoráveis e que permitiriam o seu integral cumprimento²⁶⁷. Apesar da sua juventude, Cipião parece saber bem que a imposição ao vencido de condições impossíveis de cumprir só poderiam gerar neste uma profunda indignação e, a prazo, originar uma nova guerra que anulasse a exorbitância dessas exigências.

Se o general romano apenas tivesse em vista a sua glória pessoal, tentando marcar até ao fim, a ferro e fogo, a sua sede de reconhecimento, certamente teria exigido termos bem mais pesados, em que a sua não aceitação serviria como justificativo para a continuação de uma intervenção militarmente esmagadora. Mas o comandante romano sabe que tal implicará morte e destruição e que a moderação das propostas pode servir os fins pretendidos, sem que se tenha de chegar à absurda aniquilação do adversário²⁶⁸. Os Cartagineses aceitaram a

²⁶³ TITO LÍVIO, 1982, XXX.16; HART, 2006, p. 122; O'CONNELL, 2012, p. 287.

²⁶⁴ Tito Lívio diz que os historiadores divergem quanto aos valores da indemnização financeira: uns referem 5 000 talentos de prata, outros 5 000 libras e outros ainda relatam o pagamento a dobrar às tropas de Cipião. TITO LÍVIO, 1982, XXX.16.

²⁶⁵ 500 000 módios (c. 3390 toneladas) de trigo para os homens, e 300 000 módios (c. de 2034 toneladas) de cevada para os animais. TITO LÍVIO, 1982, XXX.16; GOLDSWORTHY, 2009, p. 393.

²⁶⁶ O'CONNELL, 2012, p. 288.

²⁶⁷ HART, 2006, p. 122.

²⁶⁸ HART, 2006, pp. 122-123.

proposta e enviaram delegados a Cipião para consagrarem de imediato uma trégua e enviaram uma embaixada ao Senado romano para pedirem a paz ²⁶⁹, levando já consigo alguns prisioneiros e desertores, como garantia da sua boa vontade²⁷⁰.

No entanto, a sempre ativa facção púnica que preconizava a continuação da guerra considerava que Cartago ainda tinha muitos trunfos militares para jogar e que, apesar de todos os reveses, não se devia deixar submeter às alegadamente humilhantes condições propostas por Cipião; embora não obstaculizando o processo negocial, com o objetivo de ganhar tempo²⁷¹, enviaram emissários urgentes a Aníbal e ao seu irmão Magão com o intuito de os fazer regressar rapidamente a África com os seus exércitos, para salvarem a sua pátria.

Magão estava há quase dois anos no norte da Península Itálica, a recrutar gauleses e lígures e, pouco tempo antes, em 203 a.C., acabou mesmo por enfrentar um forte exército romano liderado por Marco Cornélio Cetego e composto por quatro legiões em Mediolanum ²⁷². Após violenta refrega, as tropas de Magão começaram a desanimar na sequência do seu líder ter sido ferido gravemente enquanto tentava reorganizar o seu exército, que sofria pesadas baixas. Magão fora atingido numa coxa por uma lança, sendo retirado à pressa do palco da batalha, levando a que os seus homens entrassem em debandada e sofressem, assim, uma pesada derrota²⁷³. Os sobreviventes foram liderados por um Magão muitíssimo debilitado, numa penosa marcha noturna em direção à costa ocidental, onde irá permanecer até à chegada dos mensageiros púnicos²⁷⁴. Foi então informado por estes dos desenvolvimentos da guerra em África e de que, perante todos aqueles desígnios desfavoráveis, deveria regressar de imediato; No outono de 203 a.C., Magão partiu com todo o seu exército ²⁷⁵, de cerca de 12 000 homens, em direção a África, embora se assinala a vicissitude de que ele próprio não viria a conseguir completar a travessia, visto ter falecido do seu grave ferimento quando a sua frota passava ao largo da Sardenha²⁷⁶.

Quase em simultâneo, Aníbal foi encontrado pelos emissários púnicos na região do Brútio, alheado dos desmandos da guerra na cidade de origem grega chamada Crotona. Diz-nos Tito Lívio²⁷⁷ que ele recebeu a ordem para o seu regresso a Cartago com extrema contrariedade ²⁷⁸,

²⁶⁹ LE BOHEC, 2014, p. 247.

²⁷⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXX.16; HART, 2006, p. 123; O'CONNELL, 2012, p. 288.

²⁷¹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.16.

²⁷² Atual Milão. Segundo Tito Lívio (TITO LÍVIO, 1982, XXX.18), tratava-se do pretor P. Quintílio Varo e do procônsul M. Cornélio.

²⁷³ TITO LÍVIO, 1982, XXX.18.

²⁷⁴ O'CONNELL, 2012, p. 289.

²⁷⁵ LE BOHEC, 2014, p. 248.

²⁷⁶ TITO LÍVIO, 1982, XXX.19; O'CONNELL, 2012, p. 289; HART, 2006, pp. 123-128.

²⁷⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXX.20.

comentando com amargura que "estou a ser chamado por pessoas que, ao não permitirem o envio de reforços e de dinheiro, há muito que me tentavam tirar daqui. Por conseguinte, Aníbal foi derrotado não pelo povo romano [...] mas pelo concílio de anciões cartaginês [...] E com este meu regresso inglório não será Públio Cipião a triunfar, mas Hanão²⁷⁹, que, incapaz de o fazer de outra maneira, arruinou a nossa família com a queda de Cartago"²⁸⁰.

Ficam bem claras, nas palavras de Aníbal, as antigas dissensões que se verificavam no Senado púnico, entre os apologistas de uma afirmação militar cartaginesa liderada pelo partido bárcida e os que defendiam a paz e a riqueza apenas fundadas no desenvolvimento comercial da metrópole²⁸¹. Se é certo que a presença de Aníbal no sul de Itália continua a ser a velha sombra que encobre o sol das vitórias romanas, também deveremos reconhecer que, embora não tendo sido derrotado pelas legiões romanas, foi, desde há muito, por estas encurralado e a sua capacidade de iniciativa há anos que deixara de se fazer sentir²⁸².

Estamos mesmo em crer que, como decorre das suas palavras, a relutância de Aníbal em deixar os territórios italianos teria resultado de uma necessidade de autoafirmação e mesmo de desculpabilização, ante o facto de que tal abandono seria a confirmação definitiva do seu falhanço, depois de, ao longo dos primeiros anos da sua campanha, ter criado tanta expectativa nos seus empreendimentos militares. Sair assim da península indicaria que tudo o que fizera em prol da sua pátria resultara em muito pouco e que, muito provavelmente, nunca mais iria poder regressar ali para concretizar o seu sonho de esmagar o odiado espírito romano. Reiterando esta mesma ideia, encontramos algo de profundamente revelador desta sua frustração de abandonar o seu grande objetivo de destruir Roma, consumada no facto de que, enquanto preparava a sua partida e para que os seus feitos não caíssem no esquecimento das gerações futuras, ter feito gravar uma imponente tábua de bronze com uma sumária descrição das suas inúmeras façanhas contra os romanos. Foi esta a famosa tábua que Políbio viu no templo de Hera e onde estava gravado, em púnico e em grego, a língua franca da época, o tamanho da força e da destruição que Aníbal trouxera até Itália²⁸³. Diz-nos Tito Lívio que, no momento do seu embarque e já a bordo do navio que o iria levar a terras africanas, Aníbal contemplou com desolação, pela última vez, a costa italiana e, maldizendo o seu

²⁷⁸ LE BOHEC, 2014, p.248.

²⁷⁹ A personagem a que Aníbal se refere é Hanão *o Grande*, um dos homens mais ricos de Cartago e o carismático líder do partido que defendia a paz. Inimigo visceral dos Barcas, Hanão defendia que o espírito de Cartago nunca deveria ter sido o de fazer a guerra, mas outrossim desenvolver uma prosperidade baseada no comércio.

²⁸⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXX.20; O'CONNELL, 2012, pp. 289-290.

²⁸¹ O'CONNELL, 2012, p. 290.

²⁸² LE BOHEC, 2014, p. 235.

²⁸³ O'CONNELL, 2012, p. 289; LE BOHEC, 2014, p. 248.

destino, lamentou-se profundamente de não ter avançado sobre Roma logo após a vitória de Canas²⁸⁴.

O intrépido filho de Amílcar acabará por acatar as ordens de Cartago e por começar a preparar a logística para a tão complexa manobra de transportar os seus veteranos para o outro lado do mediterrâneo, num mar que já era dominado pela marinha romana. O comandante cartaginês vai fazendo deslocar os seus homens para o porto, deixando apenas as tropas menos aptas²⁸⁵ e chegando à conclusão, certamente com muita apreensão, de que teria que deixar milhares de cavalos em terras italianas, por não ter condições para realizar o seu transporte. Sabendo-se a importância que a arma de cavalaria tinha nos seus esquemas táticos, não deve ter sido sem muito pesar, como refere Apiano, que Aníbal terá mandado abater mais de 4 000 cavalos, para que não caíssem em mãos romanas²⁸⁶. A sua falta implicará, em breve, uma substancial redução na sua capacidade militar e levá-lo-á, na batalha de Zama, a tentar compensar esta sua fragilidade com a profusa utilização de elefantes, um recurso que tradicionalmente – e de forma errada – se julgava poder compensar a ausência de uma forte cavalaria.

8.2. Aníbal Regressa a África

A chegada de Aníbal Barca a terras africanas vai fazer despoletar toda uma complexa rede de fatores em torno da sua presença, que irão fazer renascer aos poucos a esperança cartaginesa num desfecho favorável da guerra, desequilibrando decisivamente a balança em favor dos partidários da guerra. Se alguns cartagineses acreditam ainda num claro volte face nos destinos da guerra, outros mais moderados querem crer que ainda é pelo menos possível pensar em partilhar o mundo com uma Roma que domine somente os destinos da Europa e uma Cartago que se continue a impor em terras africanas.

Desembarcando em Leptis e estabelecendo o seu acampamento em Hadrumeto, a 160 km a sudoeste de Cartago²⁸⁷, Aníbal vai assistir durante o inverno a todo o descalabro das negociações de paz, tendo os seus compatriotas, logo após a sua chegada, levado a rotura definitiva dos tratos, graças ao roubo dos suprimentos sicilianos de Cipião. Lamentando o ocorrido e a insensatez cartaginesa ante as muito aceitáveis condições de paz propostas pelos

²⁸⁴ TITO LÍVIO, 1982, XXX.20; O'CONNELL, 2012, pp. 290-291; HART, 2006, p. 123. Talvez Aníbal se tenha recordado do que lhe disse o seu comandante da cavalaria, Maharbal, quando ele não quis marchar imediatamente sobre Roma, após a vitória de Canas: “Os deuses não ofereceram todos os dons a um único homem. Tu sabes como obter a vitória, Aníbal, não sabes como a usar.” TITO LÍVIO, 1982, XXII.51.

²⁸⁵ Como guarnições das cidades do Brútio.

²⁸⁶ O'CONNELL, 2012, p. 292.

²⁸⁷ LE BOHEC, 2014, p. 148.

romanos, Aníbal vai-se preparando para a guerra, treinando o seu exército e tentando congregiar múltiplos auxílios até à fatídica primavera de 202 a.C., onde o paroxismo da situação militar vai tornar inevitável o seu confronto com Cipião.

Aníbal deveria estar bem consciente de que a situação de Cartago se tinha tornado muito difícil, tendo em conta a perda definitiva da Hispânia, da Sicília, da Sardenha e de muitos territórios em África, aliada ao crescente poder militar de Roma, quer por terra (com as suas legiões), quer dominando já todo o mar Mediterrâneo. Roma tinha inesgotáveis recursos para montar as suas legiões com a subordinação ‘vassálica’ e riqueza de dezenas de outros povos, coisa que Cartago nunca pretendeu fazer, porque o seu objetivo sempre fora muito mais o incremento do comércio. Cartago estabelecia apenas fracos vínculos contratuais com os outros povos e relações militares somente quando precisava de mercenários para as suas campanhas bélicas. Ainda mais preocupante do que toda esta vasta plêiade de fatores era a grande aprendizagem e remodelação do potencial das legiões que os comandantes romanos coevos estavam a fazer, nomeadamente Públio Cornélio Cipião ou Caio Cláudio Nero, utilizando novas e inovadoras táticas e dinamizando todos os recursos da sua extraordinária máquina militar.

Os romanos tinham começado finalmente a compreender o potencial inovador das táticas de Aníbal, tornando não só cada vez mais difícil surpreendê-los e enganá-los, como ainda os comandantes romanos tinham procedido a uma gradual integração prática desses elementos na sua própria forma de conceber e de realizar a guerra.

Aníbal tinha conseguido tirar muito partido, nos primeiros anos da sua investida em Itália, dos rígidos sistemas militares romanos, não só através da habitual inexperiência atribuível à forma como os cônsules eram encarregados das legiões em resultado inerente dos seus cargos políticos, mas também pela circunstância institucional de estes serem mudados a cada ano, o que nunca lhes permitiu a consolidação de uma notória perícia militar.

A velha raposa cartaginesa em que Aníbal se tinha transformado explorara com muita argúcia todas as fragilidades da estrutura militar dos seus inimigos, indo até ao ponto de jogar com as diferenças de opinião e temperamento dos cônsules, como aconteceu em Trébia ou em Canas. Mas um general como Cipião era a prova cabal de que o sistema militar romano estava a mudar rápida e radicalmente. Este começara agora a ser constituído também por homens que estavam somente dedicados à guerra, aprendendo com a sua própria experiência prática e sendo moldados na larga duração e na definição estratégica das suas campanhas.

Estes novos comandantes romanos tinham já aprendido a ficar atentos a todas os condicionalismos que afetavam o desempenho das tropas em combate. Estas já não se

circunscreviam às meras condições do terreno, mas englobavam muitos outros fatores, tais como a possibilidade de ocultação parcial das suas tropas face ao inimigo, ou mesmo a observação das vicissitudes climáticas, logísticas e tipológicas associadas aos seus adversários. Sopesando todo este novo contexto, era quase uma inevitabilidade que uma cidade eminentemente de espírito comercial acabasse por ter de vergar a cabeça ante o indómito espírito militar de outra, e Aníbal conhecia bem e por experiência própria o *tonus* bélico dos homens daquela cidade do Lácio que em vão havia pretendido destruir.

Em Roma, rapidamente se soube dos preparativos que Aníbal estava a fazer para a sua partida e, apesar da ordem senatorial que os generais do sul de Itália receberam para que a evitassem, nada conseguiram fazer para a impedir²⁸⁸. O Senado romano sabia bem que a chegada de Aníbal a África poderia desequilibrar as complexas negociações de Cipião para um acordo de paz e fazer reacender com novo vigor as chamas da guerra²⁸⁹.

Entretanto, chegam a Roma o censor de Cipião, Caio Lélíio, e o proclamado rei númerida Masinissa, que são recebidos com manifesto júbilo. O Senado exige a presença de Lélíio para ajudar nas negociações da assinatura da paz com os emissários cartagineses, enquanto Masinissa é reconhecido formalmente como rei da Numídia pelo povo romano, que o cobriu de honrarias que habitualmente eram reservadas aos cônsules²⁹⁰.

Após a chegada da aguardada embaixada púnica, que se dirigiu ao Senado atribuindo as culpas da guerra aos desmandos de Aníbal, foi acrescentado o artiloso argumento de que para Cartago a paz consagrada depois da primeira guerra com Roma permanecia inviolada e que portanto dever-se-iam continuar a verificar todos os termos nela constantes. Cartago não deveria ser responsabilizada pelas ações isoladas daquele general insensato que causara tanto sofrimento a ambos os povos durante todos aqueles anos²⁹¹. Após grande debate no Senado, em que muitos defendiam vigorosamente que a opinião de Cipião deveria ser ouvida, outros achavam que se deveriam recomeçar imediatamente as hostilidades. Para tal aduziam o irrefutável argumento de que os púnicos apenas queriam ganhar tempo, visto que Aníbal teria sido chamado à África, com toda a certeza, para fazer frente à ameaça em que Cipião se constituía²⁹². Lélíio, que conhecia bem a realidade do contexto africano e as posições do seu comandante, acrescentou, em favor desta última facção, que Cipião, em resultado das

²⁸⁸ TITO LÍVIO, 1982, XXX.21.

²⁸⁹ HART, 2006, p. 123.

²⁹⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXX.17; O'CONNELL, 2012, p. 28; HART, 2006, pp. 123-124.

²⁹¹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.22; O'CONNELL, 2012, p. 288.

²⁹² Existe um conflito nas fontes, já que Políbio (XV.1) afirma, com muita clareza, que o tratado foi ratificado, ao passo que Tito Lívio (XXX.24) conclui que as condições púnicas para a paz foram rejeitadas; veja-se também GOLDSWORTHY, 2009, p. 394. Nesta problemática estamos mais inclinados para o relato de Políbio atendendo à deceção de Cipião a propósito da posterior vilipendiação do tratado.

conversações de paz, não estava decerto a considerar a possibilidade de Aníbal e Magão serem chamados de urgência a Cartago durante o período negocial²⁹³. Acrescentou ainda que tal configuraria uma inequívoca má-fé por parte dos cartagineses, que assim mostravam que não estariam verdadeiramente dispostos à celebração de um armistício²⁹⁴.

Aníbal chegou à costa africana no outono de 203, sem sobressaltos, e optou por desembarcar em Leptis. Podemos perguntar-nos que razões teria Aníbal para desembarcar em Leptis, em vez de o fazer no magnífico porto de Cartago. Porque terá ficado depois em Hadrumeto, a uma considerável distância da sua cidade, em vez de se deslocar rapidamente para uma posição entre os romanos e Cartago²⁹⁵?

Vários fatores poderão ser certamente respigados como possíveis explicações para esta curiosa decisão. Em primeiro lugar, Aníbal é um comandante de forças terrestres e provavelmente não se sentiria muito seguro num confronto naval com a forte marinha romana. Desembarcar em Leptis permitir-lhe-ia encurtar o seu trajeto marítimo e, ainda, adentrar-se por terras africanas, as quais ele mal conhecia e necessitava de reconhecer. Poderia, assim, aproximar-se paulatina e gradualmente do cenário onde putativamente poderiam decorrer os confrontos com Cipião, pois o cartaginês já deveria conhecer bem o cuidado com que o general romano preparava as suas batalhas. Em segundo lugar, evitaria a entrada na baía de Cartago, com grande probabilidade repleta de navios de guerra romanos e que poderiam ser-lhe fatais ante as periclitantes e heteróclitas embarcações a que teve que deitar mão para transportar o seu exército. Em terceiro lugar, poder-se-iam considerar algumas questões políticas, não querendo o general cartaginês que os seus veteranos, sobre os quais era bem possível que tivesse algum sentimento de posse, se confundissem numa rede militar e de influências antagónicas, que pudessem fazer perigar a sua unidade e motivação. Os seus homens, que estavam com ele há já vários anos, deveriam, mesmo no contexto africano, continuar a ser o seu exército, controlado e liderado incontestavelmente por si. Deveriam os seus veteranos manter-se à margem, o mais possível, das movimentações que a poderosa cidade e as suas fações políticas pudessem querer exercer sobre eles. Finalmente, em quarto lugar, a pacata cidade de Hadrumeto²⁹⁶, onde estabeleceria o seu acampamento²⁹⁷, permitir-lhe-ia não só treinar os seus homens durante o inverno, mas também ter tempo para reunir para si próprio ajudas fundamentais provenientes de todos os setores africanos, que

²⁹³ TITO LÍVIO, 1982, XXX.23.

²⁹⁴ HART, 2006, p.124.

²⁹⁵ O'CONNELL, 2012, p. 292.

²⁹⁶ Hadrumeto, ou Adrumeto, é hoje a cidade de Sousse, que fica no golfo de Hammamet.

²⁹⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXX.29.

passariam pela tão necessária cavalaria das tribos nômadas e pelo recrutamento de mais mercenários no *hinterland* africano. Ali esperaria também pela considerável integração de elefantes nas suas tropas, pela chegada dos mercenários prometidos por Filipe V da Macedônia e, especialmente, pelos lígures e celtas do exército do seu falecido irmão Magão.

O comandante púnico sabia bem que uma das suas maiores fragilidades era a perda da sua arma de cavalaria e, para compensar tal enfraquecimento, mandou um apelo urgente a outros chefes nômadas como Tiqueu e Vermina²⁹⁸, pedindo-lhes que se juntassem ao esforço de guerra²⁹⁹. Sabendo que Sifax estava nas mãos dos romanos e da ambição hegemônica de Masinissa, com a agravante de estar respaldado agora pelo reconhecimento romano, advertiu Tiqueu de que, se os Romanos vencessem, ele perderia o seu trono e arriscar-se-ia ao mesmo destino do seu parente Sifax. Para gáudio de Aníbal, Tiqueu compreendeu o perigo e juntou-se-lhe com 2 000 cavaleiros³⁰⁰, um reforço importantíssimo para a mobilidade tática de Aníbal, embora a sua capacidade de comando não se pudesse comparar com a de Masinissa e o treino desta sua cavalaria deixasse bastante a desejar. Quanto ao filho de Sifax, Vermina, vai também ter em atenção o apelo do comandante cartaginês; contudo, a grande distância a que se encontrava provocou um grande atraso na sua chegada, fazendo com que o seu exército não tenha podido participar na decisiva batalha que se avizinhava, sendo posteriormente desbaratado isoladamente por uma forte investida de Gneu Octávio à frente da cavalaria romana³⁰¹.

É bem possível que Aníbal tenha também recebido uma ajuda de Filipe V da Macedônia, que terá feito transportar para África um contingente de 4 000 falangistas³⁰² que, segundo Lívio³⁰³, terão participado no grande combate de Zama, embora Políbio não seja claro quanto à sua presença.

Entretanto, em Roma, ainda não se sabia dos últimos acontecimentos que acabariam por ditar de forma inequívoca a continuação da guerra pela grosseira violação das tréguas já acordadas. Enquanto no Senado romano se verificavam os termos das possíveis negociações de paz com os emissários púnicos, tinham sido enviados como habitualmente a Cipião mais reforços, equipamentos e substanciais abastecimentos, transportados da Sardenha e da Sicília em duas importantes frotas.

²⁹⁸ GOLDSWORTHY, 2009, p.396.

²⁹⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.3; O'CONNELL, 2012, p. 292.

³⁰⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.3.

³⁰¹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.36; HART, 2006, p. 147.

³⁰² HART, 2006, p. 128.

³⁰³ TITO LÍVIO, 1982, XXX.26.

A primeira destas, comandada por P. Lentulos, provinha da Sardenha e incluía 100 cargueiros e 20 navios de guerra, chegou sem sobressaltos, mas a segunda, despachada da Sicília sob o comando do pretor Gneu Octávio e composta por 200 cargueiros e 30 navios de guerra, terá sido apanhada por uma violenta tempestade, já na orla da costa africana. Este comboio de navios de transporte foi, assim, bruscamente empurrado para a embocadura da baía de Cartago³⁰⁴. Sem possibilidade de lutar contra a borrasca, estes 200 navios carregados de suprimentos, que eram apenas propulsionados à vela, não se conseguiram eximir à força do vento, escapando apenas os barcos de guerra e que tinham também o recurso de se poderem mover à força de remos³⁰⁵.

Estes inúmeros navios ficaram encalhados com grande sobressalto das tripulações que acabaram por os abandonar, foram-se espalhando na costa da ilha de Egímore, enquanto outros ficaram ainda mais próximos das margens da península cartaginesa³⁰⁶. Este facto causou uma extrema excitação na população de Cartago, sendo muito provavelmente encarado como um desígnio divino que favorecia de forma inequívoca as muitas súplicas púnicas, com o seu providencial auxílio naquela hora nefasta, nomeadamente no momento em que a população da cidade aumentara substancialmente, com os muitos cidadãos que provinham das imediações tentando escapar à ameaça romana. A população invadiu mesmo uma assembleia onde os notáveis cartagineses procuravam tomar uma decisão relativamente a este curioso acontecimento, gritando a turba que não se poderia desperdiçar uma tão generosa dádiva divina, que encheria os celeiros de Cartago e que privaria os romanos dos seus tão necessários suprimentos³⁰⁷. Foi decidido que Asdrúbal Gisgão deveria liderar uma frota de 50 navios púnicos rumo à ilha de Egímore e fazer a recolha de todo aquele imenso espólio, e que os barcos que haviam encalhado perto das muralhas de Cartago deveriam ser postos a flutuar e trazidos para o seu porto³⁰⁸.

Toda a operação foi executada com rapidez, ou não estivesse ela nas mãos de Asdrúbal, um dos mais ferrenhos defensores da continuação da guerra. Cipião foi imediatamente informado, quer do trágico destino dos seus navios de suprimentos, quer da insensata atitude dos cartagineses, que violavam assim, de forma inequívoca, as tréguas e os termos das negociações de paz.

³⁰⁴ O'CONNELL, 2012, p. 291.

³⁰⁵ GOLDSWORTHY, 2009, p. 394.

³⁰⁶ TITO LÍVIO, 1982, XXX.24.

³⁰⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXX.24; POLÍBIO, 1889, 1962, XV.1.

³⁰⁸ O'CONNELL, 2012, p. 291; GOLDSWORTHY, 2009, p. 394; HART, 2006, pp. 124-125.

Através do envio de três emissários que se deslocaram a Cartago com caráter de urgência³⁰⁹, Cipião repudiou, em termos vigorosos, o roubo dos abastecimentos, alertando os cartagineses para as suas consequências e informando que tal seria a causa da quebra do processo negocial, caso os suprimentos não fossem de imediato restituídos³¹⁰. Talvez com uma réstia de esperança no bom senso dos cartagineses e numa rápida solução para aquele tão grave diferendo, Cipião informou-os de que o Senado romano acabava de ratificar o acordo de paz nos termos que ele próprio havia proposto. Continuava a sua invetiva moldada em toda a sua peculiar sagacidade diplomática, acrescentando que, embora os Romanos tivessem fortes razões para infligir de imediato uma severa punição para tão sórdido comportamento, instavam-nos, em nome do destino comum da humanidade, a não os forçarem a tal, deixando antes que tal insensato facto pudesse ser reparado e ficar assim como testemunho da generosidade dos Romanos.

Como resposta à sua dura advertência, os embaixadores de Cipião não obtiveram mais do que hesitação e silêncio. Tornou-se bem patente o novo espírito marcial que corria na vontade púnica, rejeitando liminarmente a devolução daqueles providenciais suprimentos, nomeadamente na hora em que estava para chegar o general que derrotaria aquele petulante comandante romano, que se dirigia ao Senado cartaginês fazendo exigências. Os emissários de Cipião foram mandados partir sem nenhuma resposta e, se tinha sido conturbada a sua chegada a Cartago pela fúria da multidão, que pretendia um linchamento sumário³¹¹, a sua partida foi-o ainda mais. Preocupados com a sua segurança, os três mensageiros pediram proteção diplomática aos responsáveis que ainda pareciam manter uma réstia de compostura dentro do Senado púnico e foram-lhes assim concedidas uma escolta para se dirigirem ao porto e duas trirremes para os acompanhar, até se avistar o acampamento romano³¹².

Apostados em criar uma rotura definitiva nas negociações de paz, os partidários da guerra, muito provavelmente conjurados com Asdrúbal Gisgão, cuja frota estava mais perto de Útica, atacaram e tentaram mesmo afundar a quinquerreme dos mensageiros romanos, já bem perto da embocadura do porto de chegada. Assim que as duas trirremes de escolta regressaram a Cartago, três quadrirremes cartaginesas³¹³ avançaram com os seus esporões contra ela, com o claro intuito de a afundar. Na tentativa desesperada de se salvar e resistindo também a

³⁰⁹ Tito Lívio diz que se chamavam L. Baébio, M. Servílio e L. Fábio (TITO LÍVIO, 1982, XXX.25). Políbio diz chamarem-se Lúcio Sérgio, Lúcio Baébio e Lúcio Fábio (POLÍBIO, 1889, 1962, XV.1).

³¹⁰ O'CONNELL, 2012, p. 291.

³¹¹ Apiano afirma que foram salvos por Hanão "o Grande". O'CONNELL, 2012, p. 291.

³¹² GOLDSWORTHY, 2009, pp. 394-395.

³¹³ Quadrirremes, segundo Lívio, trirremes segundo outros autores. TITO LÍVIO, 1982, XXX.25; POLÍBIO, 1889, 1962, XV.2 refere apenas que eram barcos.

tentativas de abordagem, a quinquerreme romana acaba por encalhar, sendo salva pela sua marinha, que logrou afugentar as quadrirremes púnicas³¹⁴.

Cipião, com todo o processo de paz em curso, pretendia ainda dar um lenitivo à trágica situação de Cartago, mas perante o roubo dos suprimentos, o silêncio relativo ao seu pedido de reparação, o ataque à quinquerreme dos emissários e a partida de Itália de Aníbal, compreendeu que, a partir de agora, o confronto seria uma inevitabilidade.³¹⁵

Mais uma vez, os cartagineses fazem jus à sua reputada fama de pessoas falsas, cínicas e sem qualquer noção de honra. Submetê-los é mais que uma consequência desta guerra; é um dever, uma necessidade, um bem para a humanidade. Estamos em crer que se Cipião deveria ter, por todo o sucedido, razões suficientes para depreciar o espírito púnico, sentiria agora a raiva de quem, na tolerável fé de um inimigo complacente, se teria dado ao trabalho de perder tempo e ímpeto ante um povo tão enganador. Iriam a partir de agora conhecer a fúria de Cipião, que faz arrancar com vigor outra vez a máquina de guerra romana para proceder agora a uma destruição sistemática³¹⁶.

8.3. Uma Paz Destruída. Uma Reparação Requerida

Preparando o recomeço das hostilidades, Cipião sabia bem que não podia avançar para um ataque direto a Cartago pois isso implicaria um longo cerco, e a presença de Aníbal já em terras africanas tornaria muito perigosa tal ofensiva, visto que o cartaginês, como general experiente que era, cortar-lhe-ia imediatamente as linhas de comunicação, as estruturas logísticas e ameaçá-lo-ia pela retaguarda³¹⁷. Além do mais, uma parte substancial do exército romano, compreendendo dez *coortes* e a cavalaria núpida aliada, estavam na Numídia, para onde Masinissa se tinha deslocado para se impor como rei nos vastos territórios onde pretendia agora exercer o seu domínio, territórios esses que incluíam os que não só teria por direito dinástico, mas igualmente os do deposto Sifax e ainda, naturalmente, os de todas as tribos de massessilos³¹⁸. Com o reacender da guerra, Cipião manda mensagens urgentes para que regressem com urgência, quer as suas *coortes*, quer a importantíssima cavalaria de Masinissa, advertindo este de que deveria trazer também todos os efetivos que conseguisse recrutar nos seus domínios³¹⁹. Cipião, que tem um plano ousado para desferir um rude golpe a

³¹⁴ HART, 2006, pp. 124-125.

³¹⁵ O'CONNELL, 2012, p. 291; POLÍBIO, 1889, 1962, XV.3.

³¹⁶ O'CONNELL, 2012, p. 292.

³¹⁷ HART, 2006, p. 125.

³¹⁸ O'CONNELL, 2012, p. 293.

³¹⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.4; HART, 2006, p. 126, GOLDSWORTHY, 2009, p. 396.

Cartago, mais uma vez vai conseguir realizar uma manobra tática em que congrega de forma magistral variados fatores que, numa alargada articulação, lhe vão permitir mitigar as suas fragilidades, bem como adquirir múltiplas vantagens. Pretende empurrar o inimigo para um jogo onde é ele quem impõe as regras³²⁰. Aprecie-se a mestria do movimento tático de Cipião, que a partir de agora toma o controlo de uma ofensiva que vai surpreender e inferiorizar os recursos militares do seu adversário. O comandante romano vai investir numa violenta incursão no vale do Bagraades, pretendendo:

- isolar Cartago, cortando-lhe os abastecimentos, cuja maioria provinha deste fértil vale;
- confundir os estrategos cartagineses sobre quais as suas verdadeiras intenções;
- evitar que Cartago possa receber mais reforços provindos do interior;
- castigar as cidades de influência cartaginesa pela traição feita ao tratado de paz;
- fazer uma grande recolha de suprimentos para compensar a perda dos seus;
- levar Aníbal a ter de investir contra ele numa posição bastante afastada de Cartago, que lhe poderia servir taticamente como ponto de apoio;
- aproximar-se o mais possível do encontro com as suas *coortes* e as tropas de Masinissa, que sabe já estarem em movimento desde o interior africano.

Impondo um novo regime de terror sobre as cidades do vale do Bagraades, Cipião não aceitou nenhuma rendição e tomou-as de assalto, com extrema violência, reduzindo os seus habitantes à escravatura³²¹.

Ignorantes do estado de guerra que se tinha reinstalado, chegaram ao acampamento de Cipião, agora chefiado pelo seu legado Béblio, os mensageiros romanos e os embaixadores púnicos que pouco antes tinham estado a requerer a paz ao Senado de Roma. Béblio enviou os emissários romanos ao encontro de Cipião, mas ficou hesitante quanto ao destino que deveria dar aos embaixadores cartagineses, o que os deixou naturalmente bastante intimidados³²². Contudo, Cipião advertiu Béblio de que deveria fazer chegar os cartagineses em segurança a Cartago, frisando o respeito que tais embaixadas deveriam merecer por parte dos comandantes³²³. Eis um procedimento bem distinto do que se passara pouco tempo antes com

³²⁰ HART, 2006, p. 126.

³²¹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.4; GOLDSWORTHY, 2009, p. 395.

³²² POLÍBIO, 1889, 1962, XV.4.

³²³ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.4; HART, 2006, p. 126.

os seus próprios emissários, que foram alvo de uma sórdida tentativa de agressão, num momento em que se estaria a negociar ainda uma possível paz entre os dois Estados³²⁴.

8.4. Zama - Os Alvores de uma Batalha Decisiva

Após Cipião ter atacado de forma violenta as cidades do vale de Bagrales, Com a sistemática redução à escravatura dos seus habitantes e a destruição das férteis colheitas³²⁵, os cartagineses entraram em pânico e começaram a instar Aníbal para que intervisse rapidamente e pusesse cobro à duríssima destruição a que Cipião se dedicava com tanta determinação.³²⁶

Em Cartago, o confronto era encarado com muita confiança num desfecho favorável, atendendo ao historial das façanhas de Aníbal, mas ainda mais ao facto de que este nunca tinha perdido uma única batalha. Certamente agora, que estava em jogo a sobrevivência de Cartago, o general cartaginês mostraria bem do que era capaz.³²⁷

Por outro lado, aquele romano, filho de uma providencial necessidade de salvação do espírito da Urbe, tinha provado bem o quanto poderia ombrear com Aníbal, tendo já um vasto palmarés de vitórias sobre os exércitos púnicos, destruindo a sua influência na Península Ibérica, eliminado os seus exércitos das ilhas do Mediterrâneo, arrancando Aníbal de Itália e fazendo reduzir a influência púnica aos territórios africanos, onde tinha já levado tanta morte e destruição³²⁸.

Aníbal, respondendo aos apelos constantes para que intervisse³²⁹ e possuindo certamente muita consciência da dureza da batalha que se avizinhava, frisou bem que esta se realizaria quando ele decidisse e não quando os outros achassem que ele a deveria travar³³⁰. Mas, apesar de reclamar para si a decisão de quando se devia realizar a batalha, Aníbal vai, poucos dias depois, deixar Hadrumeto e acabar por avançar rapidamente para oeste, em direção ao exército romano, intercetando Cipião em Zama³³¹, onde chegou a marchas forçadas³³².

³²⁴ TITO LÍVIO, 1982, XXX.25; LE BOHEC, 2014, p. 248.

³²⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.4; O'CONNELL, 2012, p. 292.

³²⁶ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.5; O'CONNELL, 2012, p. 292.

³²⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXX.28.

³²⁸ TITO LÍVIO, 1982, XXX.28.

³²⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 396; LE BOHEC, 2014, p. 249.

³³⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.5; O'CONNELL, 2012, p. 292.

³³¹ Existiam pelo menos três, talvez mesmo quatro, Zamas na antiga Tunísia, o que dificulta a localização deste local. Contudo, é bem possível que este corresponda à colónia romana de Zama Régia, hoje a aldeia de Djama, a Sul de Tunes. Localizar-se-ia a cerca de 120 km a oeste de Hadrumeto e 75 km a sudoeste de Cartago.

³³² POLÍBIO, 1889, 1962, XV.5; HART, 2006, p. 131; O'CONNELL, 2012, p. 292.

Tentando, como é natural, uma percepção da posição e da composição da hoste inimiga, Aníbal envia vários batedores para lhe trazerem informações sobre o acampamento adversário, situado apenas a alguns quilômetros para oeste³³³. Três destes batedores foram capturados pelos romanos e, ao contrário do que era costume em casos semelhantes, não foram mortos ou torturados; outrossim, Cipião mandou que um dos tribunos lhes mostrasse o acampamento, as suas portas, as suas tendas, os seus efetivos, os seus cavalos, frisando que queria que estes ficassem bem esclarecidos, para poderem informar convenientemente o seu general³³⁴! Depois, forneceu-lhes provisões e uma escolta para os acompanhar no seu retorno ao acampamento cartaginês e recomendou-lhes que contassem com detalhe a Aníbal a maneira como tinham sido tratados e o que tinham observado³³⁵. Este gesto dissimulado de cortesia e de grande astúcia táctica só poderia ter como objetivo deixar Aníbal surpreso e infundir-lhe algum receio pela forma como Cipião estaria seguro do desfecho favorável da batalha³³⁶.

Mas, para que tal gesto pudesse obter os resultados pretendidos e, espantando os batedores pelas forças congregadas e fizesse igualmente espantar Aníbal, o acampamento romano deveria estar bem organizado, repleto de efetivos romanos, de auxiliares númidas e mesmo de cavalos. Levantamos mesmo a hipótese de que, indo ao encontro do que nos diz Tito Lívio³³⁷, faria muito sentido que os 4 000 cavaleiros e os 6 000 infantes númidas de Masinissa, que Políbio diz que chegaram no dia seguinte³³⁸, se encontrassem já dentro das instalações do acampamento romano, pois só assim se justificaria com toda a propriedade que Cipião fizesse tanta questão de mostrar a sua força aos espiões púnicos. A cavalaria númida de Masinissa era certamente um dos corpos militares que mais faria tremer os planos tácticos de Aníbal, e é bastante provável que só com a sua integração no exército de Cipião se justificasse uma demonstração tão eloquente da sua força. Estamos mesmo em crer que Cipião, com a sua extraordinária sageza táctica, quisesse empurrar Aníbal para uma profusa utilização de elefantes mal treinados, que certamente a inteligência romana já sabia que se encontravam no exército púnico. Cipião deveria conhecer bem o quanto poderia ser problemática a utilização destes paquidermes, com os seus comportamentos erráticos, nomeadamente quando mal treinados. Deveria saber que, com um pouco de sorte e algumas medidas preventivas que já

³³³ GOLDSWORTHY, 2009, p. 396.

³³⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.5; TITO LÍVIO, 1982, XXX.29; O'CONNELL, 2012, p. 293.

³³⁵ LE BOHEC, 2014, p. 250.

³³⁶ HART, 2006, p. 131.

³³⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXX.29.

³³⁸ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.5.

deveria ter urdido, a sua utilização poderia ser altamente contraproducente para Aníbal, exatamente como se veio a verificar. Se o general romano não saberia ao certo o seu número, deveria pelo menos estar informado de que era bastante elevado, o que configuraria com certeza uma captura recente e, portanto, um inevitável mau treino dos paquidermes. A sua utilização era muitas vezes considerada como uma solução possível para compensar a falta de cavalaria e Aníbal estava muitíssimo enfraquecido nesta arma. Com um plano tático desenhado para minimizar os possíveis efeitos da investida dos elefantes, o putativo embate destes nas formações do próprio exército cartaginês poderia favorecer muito os planos de Cipião: é que, como os romanos já bem sabiam, quando os paquidermes eram fustigados com violência por *pila*, por dardos, por projéteis de funda ou por lanças, estes animais tinham a tendência natural para fazerem meia volta e avançar para dentro das suas próprias formações, criando uma imensa desordem.

Toda a zona frontal dos paquidermes, como a tromba, os olhos, a boca e a sua região envolvente, bem como o interior das orelhas, são os locais mais frágeis e passíveis de infringir ingentes dores a estes animais, visto que o resto do seu corpo se encontra revestido por uma grossa pele com mais de três centímetros de espessura. Se estes animais teriam sido recentemente capturados e o seu treino era ainda incipiente, não deveria ser difícil assustá-los e fazê-los sair do controlo dos seus cornacas. Sabendo também Cipião que as formações cartaginesas eram tendencialmente de perfil falangístico, com a falta de dinâmica inerente a aglomerados massivos de guerreiros, ficariam sujeitas a bastante maiores danos com as investidas erráticas de elefantes do que certamente aconteceria com as flexíveis formações da legião romana, onde era fácil abrir espaços, tal como se viria a verificar na batalha de Zama.

Informado pelos seus batedores da constituição do exército romano, Aníbal não terá recebido estas informações com agrado, tendo até possivelmente ficado bastante apreensivo com a dimensão do exército adversário.³³⁹, estamos mesmo fortemente inclinados a pensar que o cartaginês ficou muitíssimo preocupado com o relato dos seus batedores, especialmente com a presença das tropas núbidas, de que ele conhecia bem a eficácia em combate, visto terem sido suas aliadas durante muitos anos, nas muitas batalhas travadas, quer na Península Ibérica, quer na Itália. Nesta sequência, Aníbal enviou a Cipião um mensageiro, informando-o da sua vontade de se poder vir a reunir pessoalmente com ele para discutirem a situação e

³³⁹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.29; GOLDSWORTHY, 2009, p. 397.

tentarem chegar a um acordo³⁴⁰. Tendo o general romano aceitado de imediato a proposta, fez-lhe chegar um local e hora para a realização do pretendido encontro.

Procurando levar para aquele encontro o conjunto mais favorável de fatores com peso na troca de argumentos, quer Cipião, quer Aníbal fazem deslocar os seus acampamentos para outras posições de força. Cipião, que escolheu um lugar excelente, junto à pequena cidade de Naragarra³⁴¹, conseguiu uma posição tática muito adequada para o desempenho da sua cavalaria, instalado que ficava agora o acampamento romano em frente a uma vasta planície, onde a sua superioridade nesta arma poderia exprimir-se de forma mais eficaz, tendo ainda conseguido associar-lhe um bom acesso à água, graças a um riacho que corria mesmo nas imediações. Já Aníbal, deslocou o seu acampamento na direção de Cipião, ocupando uma colina situada a pouco menos de 6 km do general romano, que apesar de oferecer também bastante segurança, tinha a notória desvantagem de ficar afastada do acesso à água.

No dia 18 de Outubro de 202 a.C., dois dos maiores generais da Antiguidade saem dos seus acampamentos e caminham com as suas pequenas escoltas para o ponto escolhido para o encontro³⁴². Tirando a natural curiosidade mútua que deveriam ter tido em estar na presença um do outro, podendo ver-se, ouvir-se e dialogar, a gravidade do momento exigiria que estivessem bem atentos ao conteúdo da sua conversa, pois do sucesso ou do fracasso desse momento resultaria um desfecho que ambos saberiam ser decisivo. Não é irrelevante o facto de ambos terem levado os seus próprios intérpretes³⁴³, embora tivesse sido fácil a comunicação direta entre eles: Cipião falava latim e grego fluentemente, e Aníbal não só dominava bastante bem o latim como também falava corretamente o grego, ou não tivesse ele sido educado por Sósilo, o seu preceptor espartano. Não há dúvida de que a presença destes intérpretes serviria como uma espécie de escudo de pensamento que permitiria que ambos dispusessem de mais tempo para poderem refletir.

Aníbal terá saudado Cipião e, apesar de necessitarmos de muito cuidado na nossa aceitação das fontes sobre o putativo diálogo encetado³⁴⁴, é bem possível que o cartaginês tivesse começado por falar das vicissitudes da guerra e dos desmandos da fortuna. Tudo nos leva a acreditar que Aníbal queria encontrar um modo de fazer a paz, preocupado que deveria estar, não só com a mestria tática do seu adversário, mas sobretudo com o retrato da extraordinária

³⁴⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.5; GOLDSWORTHY, 2009, p. 397.

³⁴¹ Cidade denominada de Naragara, por Políbio (POLÍBIO, 1889, 1962, XV.5) e de Naragarra, por Lívio (TITO LÍVIO, 1982, XXX.29); Adrian Goldsworthy refere-se-lhe como Magaron (GOLDSWORTHY, 2009, p. 398).

³⁴² POLÍBIO, 1889, 1962, XV.6; TITO LÍVIO, 1982, XXX.30; GOLDSWORTHY, 2009, p. 398; HART, 2006, p. 132; LE BOHEC, 2014, p. 250.

³⁴³ O'CONNELL, 2012, p. 293; HART, 2006, p. 132.

³⁴⁴ O'CONNELL, 2012, p. 293. É duvidoso que as falas que Políbio e Tito Lívio atribuíram aos dois generais transmitam a conversa real que entre eles se terá desenrolado: POLÍBIO, 1889, 1962, XV.6-8; TITO LÍVIO, 1982, XXX.30, 31.

pujança do exército romano. O Barca pretende, pois, impressionar aquele jovem general romano de apenas 33 anos, advertindo-o sobre as reviravoltas da sorte e lembrando-lhe que ele próprio, após todas as suas inúmeras vitórias, se via agora constrangido a solicitar voluntariamente um entendimento de paz.

Aníbal, continua a sua arenga comentando que nem os Romanos deveriam ter cobiçado possessões fora de Itália, nem os Cartagineses fora de África, porque estas eram as suas naturais esferas de influência e tal ambição só tinha conduzido ao ingente sofrimento dos respetivos povos³⁴⁵. Mas, se o rumo dos acontecimentos tinha levado a que as coisas tivessem sido assim, estaria agora nas mãos deles contrariar esse mau destino³⁴⁶.

Acrescenta o púnico que Roma tremera ante a fúria cartaginesa e que agora chegara a vez de Cartago ser assolada pelas chamas da guerra³⁴⁷. Provavelmente, era precisamente nisso que Cipião pensava enquanto escutava o seu interlocutor. Roma sofrera, Roma tremera de pânico, Roma vira morrerem os seus melhores filhos, mas, com a força e determinação dos que sobreviveram, tal como ele próprio, mudara aquele funesto destino e agora era ela quem estava às portas de Cartago com os seus exércitos, ameaçando destruí-la.

Cipião deve ter concluído que o seu oponente estaria no mínimo bastante apreensivo ante a possibilidade de um confronto, o que provavelmente só o ajudou a ficar com mais certezas quanto a uma vantagem potencial que ele próprio já possuiria.

Aníbal questiona Cipião se não seria desejável e possível chegarem a um entendimento em vez de combaterem até ao fim. Diz que, pela sua parte, estaria pronto a fazê-lo, pois teria aprendido graças à experiência como a Fortuna é inconstante e como, com um pequeno desequilíbrio da balança para um ou para o outro lado, se provocam alterações da maior importância³⁴⁸. Continua Aníbal o seu supostamente convincente pedido de paz, salientando a inexperiência do seu interlocutor e argumentando, conforme Políbio relata: “Mas receio que tu, Públio, por seres muito novo e porque o sucesso sempre te acompanhou na Hispânia e em África, sem teres até hoje caído na contracorrente da Fortuna, não sejas convencido pelas minhas palavras, por mais dignas de crédito que possam ser³⁴⁹”. Que o exemplo do próprio Aníbal sirva de aviso a Cipião, como reportado por Tito Lívio: “O que eu era no Trasimeno e em Canas, és tu hoje³⁵⁰”. E Políbio ainda acrescenta: “E eis-me agora em África, a negociar

³⁴⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.6.

³⁴⁶ HART, 2006, p. 132.

³⁴⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXX.30.

³⁴⁸ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.6.

³⁴⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.7.

³⁵⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXX.30.

contigo, um romano, a minha segurança e a do meu país. (...) Pensa nisto, imploro-te, e não sejas demasiado orgulhoso. (...) Que homem sensato, pergunto eu, se lançaria num perigo como o que tu agora enfrentas?”³⁵¹.

Com a capacidade de análise típica de Cipião, este não deve ter ficado, depois destas advertências e pedidos do adversário, com qualquer dúvida sobre para onde penderia a avaliação do próprio Aníbal quanto à vantagem na guerra em apreço. Zama iria ser uma batalha difícil e decisiva, mas tudo indicava que o destino favorecia os romanos, e Cipião não iria perder essa grande oportunidade de vingar Roma das humilhações e dos milhares de mortos que aquele seu adversário provocara.

Aníbal termina propondo a Cipião os termos de um possível acordo de paz em que a Hispânia, a Sicília e a Sardenha passariam para a dominação romana e, fazendo jus ao seu comentário anterior, Cartago confinaria as suas pretensões aos territórios africanos³⁵². Tendo necessidade de reafirmar a sua boa vontade e o peso da sua palavra neste possível acordo, depois da infame rotura negocial perpetrada pelos cartagineses pouco tempo antes, Aníbal adverte Cipião de que nada tem a temer, pois é o próprio Aníbal que está ali a negociar com ele e não qualquer um dos outros magistrados ou generais púnicos³⁵³.

Como resposta ao discurso de Aníbal, Cipião vai desmontar alguns dos supostamente sensatos argumentos que o cartaginês trouxera à colação. O romano salienta que seria fácil de lamentar todo o sucedido, mas que os cartagineses não só ocuparam muitos territórios na Europa, nomeadamente na Península Ibérica, como também foram eles que desencadearam aquela guerra colossal³⁵⁴. Acrescenta ainda que talvez, se Aníbal tivesse feito as suas propostas antes de os romanos se terem visto obrigados a contra atacar em África e tivesse querido negociar a sua saída do sul de Itália, estas pudessem nesse momento ser avaliadas e mesmo aceites pelo povo romano. Mas o contexto da guerra mudara radicalmente e, agora, os romanos dominavam todos aqueles territórios que Aníbal pretendia ainda fazer integrar nas cláusulas de uma negociação, como se eles não fizessem já parte integrante do património de Roma. Em última instância, Aníbal pretendia que ele se satisfizesse com um tratado cujas condições eram substancialmente mais brandas do que aquelas que estavam consagradas no tratado que o Senado romano tinha há pouco ratificado e que os cartagineses tinham acabado, pouco tempo antes, por desrespeitar.

³⁵¹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.7; HART, 2006, p. 133.

³⁵² TITO LÍVIO, 1982, XXX.30.

³⁵³ TITO LÍVIO, 1982, XXX.30; HART, 2006, p. 133.

³⁵⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.8; TITO LÍVIO, 1982, XXX.31.

Cipião acrescenta que lhe pareceria sem sentido estar a submeter à apreciação do Senado uma proposta tão desvantajosa para as legítimas aspirações de Roma, no atual contexto da guerra. Se Aníbal lhe tivesse apresentado uma séria proposta de aceitação dos termos do recente tratado vilipendiado, acrescentando-lhe ainda uma compensação pelo roubo dos suprimentos e pela forma boçal como os seus emissários tinham sido tratados, talvez se pudesse proceder a uma reavaliação dos termos da paz, mas, atendendo a que não era nada disso que Aníbal vinha propor, nada teria para apresentar de novo à consideração do Senado romano³⁵⁵. Assim, nada mais poderia fazer do que ficar confinado a uma resolução ditada pelas armas³⁵⁶.

Aníbal deve ter ficado bastante incomodado com a ousadia das palavras de Cipião, que se atrevia a menosprezar uma proposta de paz formulada pelo próprio comandante cartaginês que derrotara todos os exércitos romanos que se tinham atravessado no seu caminho³⁵⁷. Sem querer fazer mais concessões, Aníbal parte para o seu acampamento decidido a fazer a guerra e a mostrar a Cipião quem acabava de desafiar, empenhado com nunca em derrotar aquele atrevido general romano que, apenas por ter sido bafejado pela sorte em meia dúzia de batalhas, julgava ingenuamente que poderia enfrentar o melhor general da sua época.

O despeitado Aníbal, que se vira retirado de Itália contra a sua vontade e que teria assim a sua autoestima já bastante afetada, só poderia ter recebido a firmeza de Cipião com uma enorme contrariedade, iniciando desde logo os preparativos para a consumação da grande batalha em que lhe mostraria que a audácia romana iria ser o caixão onde se iriam enterrar todas as esperanças da Urbe no norte de África. Esperaria aquele comandante romano fazer a Cartago o que ele próprio não conseguira fazer a Roma?

8.5. Zama – Os Pródromos da Batalha³⁵⁸

Depois do seu infrutífero encontro³⁵⁹, Aníbal e Cipião sabem bem que agora tudo se decidirá pelas armas, e a irritação do primeiro, somada à avaliação da favorável situação feita pelo segundo, levarão à precipitação com que se virá a dar o início da grande batalha das planícies de Zama³⁶⁰. A urgência³⁶¹ desencadeada pelo frustrante resultado do encontro fará com que Aníbal queira derrotar rapidamente Cipião, confiante nas suas capacidades táticas e

³⁵⁵ TITO LÍVIO, 1982, XXX.31; HART, 2006, pp. 133-134.

³⁵⁶ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.8; TITO LÍVIO, 1982, XXX.31.

³⁵⁷ O'CONNELL, 2012, pp. 293-294.

³⁵⁸ Ver ANEXOS – ESQUEMAS DE BATALHAS, pp. VIII-X.

³⁵⁹ GONZÁLEZ, 2005, p. 657; LE BOHEC, 2014, p. 250.

³⁶⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.9.

³⁶¹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 398.

não esperando sequer pelos reforços de cavalaria que o núpida Vermina poderia trazer em seu auxílio. A urgência de Cipião, provavelmente, prender-se-ia também com esta possibilidade, pois era bem possível que estivesse informado deste reforço com que Aníbal poderia vir a contar poucos dias mais tarde, tendo o romano todo o interesse em avançar rapidamente para o confronto, considerando que a sua notória superioridade em tropas montadas era um dos maiores trunfos que possuía³⁶².

Políbio, um historiador familiarizado com os relatos de tantas batalhas, refere-se a toda a tensão inerente a este momento do confronto, dizendo-nos: “Os Cartagineses combatiam pela sua segurança e pelo domínio de África; os Romanos lutavam por um império mundial. Haverá alguém que possa ficar impassível ao ler a narrativa de tal contenda? Porque seria impossível encontrar soldados mais valentes ou generais mais vitoriosos e experientes na arte da guerra, e a Fortuna nunca oferecera a exércitos adversários um prêmio mais esplêndido para a vitória”³⁶³.

No alvorecer do dia seguinte, marcado como 19 de outubro, todos estão conscientes de que se irá realizar a grande batalha, com ambos os generais a congeminarem a construção das ordens de batalha e a motivarem as suas tropas com discursos inflamados. Diz-nos Tito Lívio³⁶⁴, que Cipião se dirigiu às suas legiões com um semblante tão exultante e uma firmeza tão assertiva que se poderia dizer que já tinha obtido a vitória³⁶⁵. O general romano adverte as suas tropas de que se deveriam lembrar das grandes vitórias de Roma e que isso os deveria motivar a lutar corajosamente³⁶⁶, para se mostrarem dignos de fazerem parte do povo que realizou tais feitos. Arengou-lhes ainda que, se obtivessem a vitória, se tornariam os senhores de África e, conseqüentemente, levariam Roma a tornar-se senhora do mundo. Caso fosse outro o desfecho do confronto, felizes eram aqueles que ali tivessem caído mortos, que ficariam com a glória de terem tombado a lutar pelo seu país, enquanto os que fugissem passariam as suas vidas assolados pelo estigma da desonra. Poderemos mesmo tentar analisar como os legionários devem ter vibrado ante estas palavras do seu comandante, quando este lhes falava de estigma, atendendo a que a sua grande maioria provinha das *Legiones Cannae*, exiladas durante tantos anos na Sicília após o desastre de Canas... Cipião acrescentou que os que sobrevivessem à derrota, não encontrariam descanso em nenhuma parte de África e os que fossem apanhados pelos cartagineses poderiam facilmente supor qual seria o destino que

³⁶² GOLDSWORTHY, 2009, p. 398; HART, 2006, p. 135.

³⁶³ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.9; ; HART, 2006, p. 134.

³⁶⁴ TITO LÍVIO, 1982, XXX.32.

³⁶⁵ HART, 2006, p. 135.

³⁶⁶ TITO LÍVIO, 1982, XXX.32.

os aguardaria. Numa verdadeira tirada de retórica, Cipião diz que suplica aos deuses que nenhum dos seus homens viva para conhecer tal sorte, agora que a Fortuna lhes pôs nas mãos a possibilidade de obterem a maior das recompensas, tão excelsa que será mais desejável do que a própria vida.³⁶⁷

Como é natural, Aníbal exorta também as suas tropas, mas as suas palavras não são compreendidas por todos. A heterogeneidade étnica dos seus homens de armas é muito notória, sendo esse, aliás, um aspeto do qual o comandante púnico sempre soube tirar muito partido bélico, mas que comporta fragilidades quanto a uma boa e rápida comunicação de comando. No seu exército há lígures, celtas, hispânicos, celtiberos, baleares, brútijs, africanos, mouriscos, númidas, gregos e cartagineses, constituindo do ponto de vista linguístico uma verdadeira ‘torre de Babel’³⁶⁸. Esta multiplicidade terá como consequência que não consigam ter o mesmo impacto nos rituais de intimidação nos preliminares do confronto, ficando muito aquém daquele uniforme e esmagador grito de guerra romano exibido pelos milhares de legionários, que a uma só voz gritam e unem as suas vozes ao ritmo das habituais pancadas das armas nos escudos, num esforço comum de impressionar e de esmagar sonoramente o adversário³⁶⁹.

Seguindo as indicações de Aníbal, para contornar o problema da comunicação, cada comandante dos povos estrangeiros falou em particular aos seus homens³⁷⁰, apelando a que tivessem a certeza da vitória, pois lutavam sob as ordens do general a quem os romanos nunca tinham vencido. Foi-lhes lembrado todo o palmarés de derrotas que Aníbal infligira ao inimigo e foi frisado que a presença de todos os veteranos que ele trouxera de Itália era mais do que a garantia de que os romanos seriam esmagados³⁷¹. Depois daquele esforço, apenas algumas horas depois, todos eles poderiam satisfazer os seus sonhos de glória, locupletar-se de bons despojos e ficarem famosos por todo o Mediterrâneo como os homens que esmagaram os romanos em África.

Quanto aos próprios cartagineses, Aníbal lembrou-lhes que só poderiam aspirar a vencer, pois caso contrário não só encontrariam uma desonrosa morte, mas seriam também os responsáveis por permitirem o desaparecimento da sua cidade, com todo o sofrimento das suas famílias e a destruição dos seus bens. Por fim, Aníbal dirige-se ainda aos seus veteranos, evocando os 16 anos de mútua convivência na Península Itálica, onde tantas batalhas tinham

³⁶⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.10; GOLDSWORTHY, 2009, p. 400; HART, 2006, pp. 134-135.

³⁶⁸ O’CONNELL, 2012, pp. 294-297.

³⁶⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 400; O’CONNELL, 2012, p. 297; HART, 2006, p. 139.

³⁷⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.11; TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; HART, 2006, p. 135.

³⁷¹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.32.

vencido, salientando que este seria apenas mais um confronto que não se poderia sequer comparar a muitas das difíceis batalhas de onde tinham saído cobertos de glória³⁷².

Cipião optou por colocar as suas duas legiões no centro enquadradas, na ala direita, pelos aliados númeras constituídos pelos infantes de Masinissa, protegidos no flanco pela sua própria cavalaria e na ala esquerda pelo agora questor Lélío no comando da cavalaria romana³⁷³.

Cipião deve ter refletido muito sobre a forma como Aníbal pretendia conduzir a sua investida e vai organizar a sua ordem de batalha em função das exigências momentâneas a que o seu exército poderia ser submetido, confiando no treino e na disciplina dos seus legionários. Com a sua mestria tática, vai mais uma vez criar inovações para responder eficazmente ao repto do cartaginês. Aparentemente, dispõe as suas legiões em *triplex acies*, como era prática tradicional, mas, antecipando que o seu adversário pretendia desorganizar a sua formação com a investida dos elefantes, vai ordenar que a sua estrutura habitual em *quincunx* seja substituída. Os manípulos dos *principes* da segunda linha ficariam assim localizados precisamente na continuidade dos *hastati* (primeira linha) e dos *triarii* (terceira linha), originando-se largos corredores laterais que poderiam minimizar a brutalidade da investida dos paquidermes³⁷⁴.

Por outro lado, Cipião, dá ordem aos seus *velites* para que, depois de executarem a escaramuça inicial, entrem por essas passagens abertas quando se der a aproximação crítica das grandes bestas e que, fustigando os paquidermes constantemente, se protejam escapando lateralmente pelas zonas intersticiais entre os manípulos que permaneceriam dispostos em coluna³⁷⁵. Assim, não só poderiam continuar a assediar os grandes animais com os seus projéteis, como estes se veriam atacados de todos os lados enquanto percorressem os espaços abertos entre as *coortes*³⁷⁶.

Para que Aníbal não se apercebesse deste estratagema, Cipião manda alguns dos *velites* ocuparem os espaços vazios entre os manípulos dos *hastati*³⁷⁷. Estamos convencidos de que, para a boa execução desta operação inicial, Cipião deve ter previsto que deveria haver mais espaço útil, em profundidade, entre os manípulos de *hastati*, *principes* e *triarii*, para permitir acomodar todos os *velites* empenhados nesta manobra. O general romano, se não saberia o

³⁷² POLÍBIO, 1889, 1962, XV.11.

³⁷³ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.9; TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; GOLDSWORTHY, 2009, p. 398; HART, 2006, p. 135.

³⁷⁴ TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; GONZÁLEZ, 2005, p. 657.

³⁷⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.9; TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 398-399.

³⁷⁶ HART, 2006, p. 136.

³⁷⁷ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 398-399; O'CONNELL, 2012, p. 296; CONNOLLY, 1998, p. 204.

número preciso de paquidermes do inimigo, deveria pelo menos ter uma ideia aproximada do seu elevado número. Consequentemente deve ter previsto que vários destes se poderiam encaminhar pelo mesmo corredor, atendendo à natural tendência para investirem por onde se lhes oferecia menos resistência, pois nestes não encontrariam a massa de homens existente nas zonas ocupadas pelas colunas. Sabemos que os elefantes eram cerca de 80 e que Cipião tinha em campo duas legiões, o que nos leva a acreditar que o número de corredores seria de 20, atendendo à totalidade dos 60 manípulos. Verificar-se-ia a possibilidade prática de se introduzirem quatro elefantes por corredor, mas isto dependeria da direção que os paquidermes fossem tomando na sua investida, que poderia ser bastante afetada pelo próprio terreno e pelo grande número de mísseis que lhes seriam atirados. Sabe-se também que, entre as *coortes*, havia *velites* munidos de grossas hastes de madeira encimadas por agudas pontas metálicas, para atacarem os paquidermes e ajudar a encaminhá-los pelos corredores, fincando os cotos destas grandes hastes no chão ³⁷⁸.

Pelo seu lado, Aníbal dispôs as suas tropas em linhas, como era típico do pensamento falangístico que dominava ainda a arte militar cartaginesa. Na primeira linha, colocou os seus inúmeros elefantes e os 12 000 mercenários lígures e gauleses do exército do seu falecido irmão Magão, apoiados por infantaria ligeira dos recém-integrados grupos autóctones e os fundibulários baleares. Numa segunda linha, relativamente próxima da anterior, Aníbal posicionou os infantas cartagineses, bem como a eficaz infantaria líbia e, quiçá, ainda um contingente macedónico, sob o comando de Sópatro ³⁷⁹.

Estas suas primeira e segunda linhas eram maioritariamente constituídas pelos sobreviventes de dois exércitos, pouco familiarizados com o estilo de comando de Aníbal e debilmente articulados um com o outro. O comandante cartaginês não conseguira, durante os meses de treino que lhes dera durante o inverno, converter estes elementos heteróclitos num exército coeso ³⁸⁰.

Numa terceira linha, usada como reserva tática, estariam os veteranos de Aníbal, na sua grande maioria hispânicos, itálicos do Brútio e antigos combatentes gauleses. Este vasto contingente estava na sua maioria equipado à maneira romana, com os despojos resultantes das batalhas que Aníbal vencera em Itália. Estavam formados em ordem fechada de perfil falangístico ³⁸¹ e posicionavam-se a uma inusual distância de mais de 200 metros da segunda

³⁷⁸ GONZÁLEZ, 2005, p. 657.

³⁷⁹ Esta participação do contingente macedónico na batalha de Zama é normalmente rejeitada, devido ao facto de Políbio não mencionar o envolvimento de tropas helenísticas.

³⁸⁰ GOLDSWORTHY, 2009, p. 400; O'CONNELL, 2012, p. 295.

³⁸¹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; GONZÁLEZ, 2005, p. 657.

linha³⁸², indiciando claramente que o general púnico tinha receio do tão característico movimento envolvente das legiões de Cipião, que já tinham provado em várias batalhas a sua tremenda eficácia na execução neste modelo³⁸³. É, assim, de considerar que, nos seus aspetos essenciais, o conhecimento da evolução tática registada em batalhas anteriores estava razoavelmente adquirido pelos comandantes militares da época e era, portanto transmitido, com algum rigor, atendendo a que o próprio Aníbal parece aqui conhecer as características táticas de Cipião e previne a temível manobra envolvente com bastante cuidado. Ele quer evitar esse ‘abraço’ e recua a sua terceira linha numa proporção anormal, daí resultando, no entanto, que ela terá escassas possibilidades de apoiar o esforço das duas primeiras linhas. Estamos mesmo em crer que este recuo das tropas de elite do Barca indicia alguma preocupação, e mesmo algum receio, sobre o resultado que irá obter nesta fase inicial da batalha, com a investida dos elefantes e a intervenção das duas primeiras linhas.

A cavalaria cartaginesa, comandada por Asdrúbal Gisgão, foi colocada na sua ala direita, e os 2 000 númidas de Tiqueu, com os 1 000 númidas de outro pequeno monarca da mesma etnia chamado Mesótilo, foram colocados à esquerda³⁸⁴. Ambas as cavalarias protegiam os flancos das duas primeiras linhas, visto que o recuo dos veteranos não permitiria que a sua extensão se alongasse de forma tão pronunciada³⁸⁵.

É sempre muito difícil conseguirmos ter uma ideia rigorosa dos números de efetivos implicados nas batalhas da Antiguidade, mas poder-se-á talvez conjecturar que o exército de Aníbal seria constituído aproximadamente por 45 000 homens, enquanto o mesmo cálculo para os romanos nos dá valores ainda mais imprecisos; porém, se admitirmos que Cipião comandava duas grandes legiões e que, como era hábito, estas deveriam estar apoiadas por um efetivo equivalente de aliados itálicos, e se a isto somarmos os 10 000 homens de Masinissa, o total de homens ao serviço de “o Africano” seria de perto de 35 000.

Segundo Apiano os números seriam de 50 000 homens para o exército cartaginês e de 23 000 infantas e 1 500 cavaleiros para os Romanos, a que se somariam ainda os 10 000 númidas de Masinissa, mas a sua descrição da batalha prova-nos que devemos ter muito cuidado com a aceitação sumária das afirmações deste autor³⁸⁶.

³⁸² POLÍBIO, 1889, 1962, XV.11; HART, 2006, pp. 136-138.

³⁸³ GOLDSWORTHY, 2009, p. 399; O’CONNELL, 2012, p. 296.

³⁸⁴ TITO LÍVIO, 1982, XXX.33.

³⁸⁵ GOLDSWORTHY, 2009, p. 399; CONNOLLY, 1998, pp. 203-204.

³⁸⁶ GOLDSWORTHY, 2009, p. 398.

8.6. O Inferno em Zama

Num primeiro momento, deveremos certamente ter assistido às pouco mais do que inconsequentes escaramuças iniciais típicas das batalhas que envolviam cavalaria ligeira do tipo n mida e que aqui estava integrada nos exércitos de ambos os contendores³⁸⁷.

Como primeiro ataque efetivo, Aníbal manda avançar a demolidora carga dos oitenta elefantes, mas, enquanto estes percorrem a distância que medeia entre a sua posi o e o contacto com as legiões romanas, o previdente Cipião desencadeia um inesperado contra-ataque, o qual deveria, pela forma como foi executado, estar bem combinado entre os seus homens; o que acontece neste momento é algo de profundamente inovador e inesperado: em primeiro lugar, Cipião ordenou aos seus legionários, antes da batalha, que areassem o mais possível as suas couraças, os capacetes e todos os outros objetos met licos, de modo a que o sol se refletisse com intensidade neles e pudesse ofuscar e intimidar os paquidermes³⁸⁸; Mas ainda mais esmagador é o facto de que em simultâneo, das legiões de Cipião sai subitamente uma avassaladora onda sonora, com um tal ímpeto e intensidade que esta inesperada arma imaterial vai produzir em muitos dos mal treinados paquidermes uma rea o instintiva de medo³⁸⁹, fazendo-os querer fugir do local de onde provinha tão colossal ‘tempestade sonora’³⁹⁰. Cipião tinha ordenado que, neste primeiro momento da batalha, esquecendo momentaneamente o seu papel de enviar ordens para dentro do campo da refrega, todos os seus corneteiros (*cornicines* ou *tubicines*), estrategicamente colocados na vanguarda, fizessem têm também ressoar os seus instrumentos com a máxima intensidade de que fossem capazes³⁹¹!

8.7. Uma Poderosa Arma Secreta

Talvez nos devamos deter um pouco na avalia o do que poderia ter sido esta ‘gigantesca onda sonora’, que certamente submergiu as planícies de Zama num infernal ru o escatológico. As trompas naturais em uso no exército romano³⁹² eram a *buccina* ou *bucina*, também conhecida por vezes por *cornu*, que era constituída por um grande tubo estreito metálico, de perfil c nico, com cerca de 3,5 metros de comprimento e que era posto em vibra o por um bocal. O tubo enroscava-se várias vezes sobre si mesmo, em forma análoga a

³⁸⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.12.

³⁸⁸ SÁNCHEZ, 1994, p.32.

³⁸⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 401; O’CONNELL, 2012, pp. 296-297.

³⁹⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.12; TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; GOLDSWORTHY, 2009, p. 401; GONZÁLEZ, 2005, p. 657; CONNOLLY, 1998, p. 204.

³⁹¹ HART, 2006, p. 138.

³⁹² Tudo nos leva a crer que a trompa romana era uma versão em bronze, adaptada, da grande trompa de corno dos Celtas. OLING, 2004, pp. 107-108.

uma mangueira enrolada, e servia para fazer diversos sinais sonoros no acampamento ou em batalha, transmitindo ordens de comando, como avanço ou recuo. Esta trompa tinha um timbre muito penetrante e uma considerável capacidade sonora, o que lhe permitia ser ouvida a quilómetros de distância, bem como sobrepor-se ao intenso ruído da refrega. Era uma trompa natural, o que implicava que não tinha qualquer furação e fazia ouvir pujantemente a ‘série dos harmónicos’. Ostentava uma gama de sons muito limitada e fazia variar a altura das suas poucas notas unicamente com a pressão dos lábios do trompista, bem como com a rapidez do fluxo do sopro. Poderia ser tocada de forma particularmente estridente através da técnica conhecida hoje por *cuivré*³⁹³, fazendo-a apresentar um nível do segundo harmónico com 5 decibéis mais intensos do que o som fundamental, conferindo-lhe um timbre rudemente metálico e bastante agreste.

Embora saibamos da análise acústica que a soma da intensidade de dois ou mais instrumentos não se faz de forma linear, pois, se tocarem simultaneamente 10 trompas, a intensidade sonora resultante é naturalmente superior à intensidade de cada uma delas, mas não se pode calcular a intensidade resultante pela simples soma aritmética das intensidades de cada som individual. A intensidade sonora em decibéis, dependente da amplitude da onda, é definida numa escala logarítmica, portanto os seus valores não se podem adicionar aritmeticamente. Ainda assim, apesar desta inevitável imprecisão, se admitirmos que uma trompa natural similar às *bucinae* romanas pode atingir níveis de 170 decibéis em *cuivré* fortíssimo nos harmónicos superiores, perceberemos com facilidade que o som resultante poderá ter chegado a uns aterradores níveis de milhares de decibéis!

Diga-se ainda que esta possibilidade simples se verificará na eventualidade de todos os *cornicines* terem tocado uma nota em unísono, o que, a não se verificar, tendo-se ouvido o ataque de diferentes notas em harmónicos superiores, pode ainda ter maximizado em muito o seu efeito aterrador. Devendo ter uma dimensão similar, é bem possível que as *bucinae* tivessem uma ‘série harmónica’ bastante idêntica em termos da altura das suas notas (frequência), o que poderá ter acarretado a articulação de um gigantesco acorde em quintas e oitavas, criando certamente, através da sua enorme vinculação acústica, uma sensação auditiva ainda mais esmagadora. Lembremos ainda que era frequentíssimo a utilização de apitos militares de comando por parte dos centuriões, que eram mais de meia centena por legião, o que poderá também ter contribuído para o clangor infernal que se fez ouvir. Tudo

³⁹³ O *cuivré* é um efeito sonoro da trompa, que se obtém com uma tensão maior do que a normal e com um sopro muito forte. Isto origina a vibração do metal, produzindo assim um som muito característico. Esta técnica pode ser utilizada em sons normais (abertos), em sons *bouchés* e com surdina. Os sons *cuivrés* são de grande efeito dramático. HENRIQUE, 1999, p. 325.

isto, articulado em simultâneo com o famoso grito de guerra romano, atacado com fúria por milhares de vozes, e com o peculiar ritmo marcado com as pancadas das armas nos escudos, deve ter constituído uma experiência sonora muito poucas vezes ouvida em toda a Antiguidade. Poderemos pensar mesmo no tremendo impacto que este momento poderá ter tido se pensarmos no silêncio inerente a toda uma sociedade que ainda não está, como nós hoje, bombardeada constantemente por toda uma vasta gama de fortes ruídos tecnológicos e em que o silêncio se faz ouvir por entre a pacatez da vida quotidiana.

Esta poderosa arma secreta de Cipião surpreendeu e espantou a tal ponto os paquidermes que, muitos deles, se recusaram a seguir o trajeto pretendido pelos cornacas e viraram sobre as suas próprias linhas, numa desesperada tentativa de fuga.

Tendo o avanço dos proboscídeos sido acompanhado pela investida simultânea de ambas as cavalarias das alas cartaginesas, a núpida, situada no seu flanco esquerdo, sofreu um imediato revés quando alguns dos elefantes infletiram na sua direção e desorganizaram a sua formação de batalha³⁹⁴. Sempre atento, Masinissa, que estava posicionado de frente para este flanco com os seus 4 000 cavaleiros, encetou imediatamente um violento contra-ataque, não lhe tendo sido difícil pôr em debandada os desorganizados cavaleiros de Tiqueu e de Mesótilo³⁹⁵.

Embora muitos paquidermes tenham chegado até às linhas romanas, fazendo bastantes estragos entre os *velites*, estes conseguiram eximir-se à sua fúria pelos corredores e escaparam-se lateralmente, tal como Cipião tinha previsto. Assim que os elefantes se introduziram pelos extensos corredores, começaram a ser profusamente alvejados lateralmente por uma chuva de dardos que os levou a uma fuga através dos espaços abertos à sua frente, até ao campo aberto na retaguarda do exército romano³⁹⁶, onde foram eliminados ou capturados, sem terem conseguido infligir senão poucos estragos nas formações de Cipião. Outras bestas que também se introduziram nos corredores, desesperadas pelo forte ataque dos projéteis, fizeram meia-volta e voltaram a sair destes; a maioria infletiu à sua esquerda, encaminhando-se para a ala onde a cavalaria romana de Lélio e a cavalaria cartaginesa de Asdrúbal se começavam a enfrentar. Lélio, que se apercebe do perigo, manda os seus cavaleiros atacarem com uma chuva de dardos os elefantes que se aproximam³⁹⁷, levando a que estes, se afastem agora da cavalaria romana e, mais uma vez, inflitam lateralmente, para a

³⁹⁴ O'CONNELL, 2012, pp. 296-297.

³⁹⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.12; TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; GOLDSWORTHY, 2009, p. 401; HART, 2006, p. 138.

³⁹⁶ TITO LÍVIO, 1982, XXX.33; O'CONNELL, 2012, p. 297; HART, 2006, pp. 138-139.

³⁹⁷ GOLDSWORTHY, 2009, p. 401.

sua direita, e acabem por investir contra as formações da cavalaria cartaginesa³⁹⁸. A inevitável confusão que se gera é imediatamente aproveitada pelo atento Lélío, que manda carregar a sua cavalaria e consegue, de forma similar ao que acontecera pouco antes na outra ala, pôr em debandada a cavalaria púnica³⁹⁹. Começa nesse momento uma poderosa perseguição, que se vai arrastar ao longo de muitos quilómetros, com grande número de baixas cartaginesas durante a debandada⁴⁰⁰.

O exército de Aníbal fica, em definitivo, desguarnecido de proteção nos flancos⁴⁰¹, com Masinissa e Lélío a perseguirem para fora da planície de Zama as cavalarias de Asdrúbal e de Tiqueu. O poderoso ataque dos elefantes, em que Aníbal depositara tantas das suas esperanças, fora um rotundo fracasso, e logo nesta fase inicial da batalha ficaram fora de combate as suas alas de cavalaria...

Defenderam alguns autores, tais como Peter Connolly e Adrian Goldsworthy, que a fuga da cavalaria ao serviço do Barca fora uma manobra premeditada pelo comandante cartaginês, para atrair para longe da refrega a cavalaria inimiga, que era bem mais poderosa⁴⁰²; estamos convencidos de que esta interpretação é bastante problemática: apesar de os seus efetivos serem mais reduzidos, a cavalaria de que Aníbal dispunha teria sido mais útil ao seu general se tivesse permanecido em combate, tentando manter a cavalaria romana ocupada o mais tempo possível⁴⁰³. Muito provavelmente, foi a grande confusão instalada na ordem de batalha da cavalaria púnica, na sequência da investida dos elefantes, que tornou inevitável a sua fuga perante uma congénere mais numerosa e bem treinada e que soube aproveitar a sua momentânea fragilidade⁴⁰⁴.

Seguiu-se o confronto das infantarias, mas com os romanos formados já em *Triplex Acies*. Após o choque dos *hastati* com os lígures e os gauleses da primeira linha de Aníbal, estes últimos começaram por conseguir impor um forte ritmo de ataque, infligindo significativas perdas aos romanos nas suas primeiras cargas e fazendo mesmo perigar a estabilidade da linha romana⁴⁰⁵. Mas a disciplina dos homens de Cipião acabou por se afirmar e os seus legionários, pouco a pouco, conseguiram inverter a tendência⁴⁰⁶. Impondo-se no terreno

³⁹⁸ GOLDSWORTHY, 2009, p. 401; O'CONNELL, 2012, p. 297.

³⁹⁹ HART, 2006, p. 139; GONZÁLEZ, 2005, p.657.

⁴⁰⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.12.

⁴⁰¹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34; CONNOLLY, 1998, p. 204.

⁴⁰² CONNOLLY, 1998, p. 204; GOLDSWORTHY, 2009, p. 401.

⁴⁰³ GOLDSWORTHY, 2009, pp. 401-402.

⁴⁰⁴ O'CONNELL, 2012, p. 297.

⁴⁰⁵ GOLDSWORTHY, 2009, p. 402.

⁴⁰⁶ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34.

palmo a palmo, fazendo retroceder os seus já extenuados adversários, que manuseavam há já demasiado tempo as suas pesadas espadas⁴⁰⁷.

Lívio refere mesmo que os legionários usaram as bossas dos escudos para empurrarem os adversários, desequilibrando-os⁴⁰⁸. Esta técnica de atacar os inimigos com o *scutum*, dando violentas pancadas com o *umbo* central, transformava esta peça defensiva numa ativa e inesperada arma ofensiva que potenciava o abrir de espaços para as estocadas do gládio. Este tipo de recurso, que veio a tornar-se prática habitual no exército profissional romano que existiu a partir de Gaio Mário (cerca do ano 100 a.C.), era bem mais difícil de executar com os pesados escudos do período republicano, que pesariam um pouco mais de 10 kg. Esta maximização imaginativa do potencial militar do armamento dos legionários demonstra-nos bem o excelente treino que teriam as legiões que estavam sob o comando de Cipião.

Quando esta primeira linha de Aníbal começou a ceder terreno, encontrou um problema tático que não só a fez sentir-se completamente desapoiada como, em muitos casos, gerou mesmo violentos confrontos dentro do próprio exército púnico⁴⁰⁹. Aníbal teria dado ordem para que a segunda linha se mantivesse coesa na sua formação de combate e que, assim fechada, prevenisse a possível tentativa de fuga dos indisciplinados gauleses e lígures⁴¹⁰. O comandante púnico conhecia bem o estilo de luta destes homens que constituíam a sua primeira linha e saberia que eles iniciariam um combate com extremo ímpeto, mas que, pelas suas características e armamento, depressa tenderiam a necessitar de repouso para depois poderem voltar a uma nova carga; só que Aníbal quer que eles deem imediatamente tudo o que têm e, portanto, quer obrigá-los a lutar desesperadamente pela sua própria sobrevivência. Assim, ordenou a esta segunda linha que não lhes permitisse a passagem para a sua retaguarda. Com a falta de apoio, a primeira linha começou a colapsar e, na urgência da sua própria sobrevivência, embateu na parede que os infantas cartagineses, líbios e macedónios constituíram nas suas costas⁴¹¹. Acossados pelos gládios romanos, os gauleses e os lígures acabaram por forçar a sua passagem pela segunda linha, gerando lutas desesperadas. Dir-se-ia mesmo que, na prática, só se configurava como possível a passagem para a retaguarda através da muito difícil tentativa de contornar a segunda linha pelos flancos, implicando percorrer todo o comprimento desta⁴¹². Ora, era possível que Muitos destes homens se encontrassem

⁴⁰⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.13.

⁴⁰⁸ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34.

⁴⁰⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 403; CONNOLLY, 1998, p. 204.

⁴¹⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34.

⁴¹¹ HART, 2006, pp. 139-140.

⁴¹² O'CONNELL, 2012, p. 297.

feridos nas pernas e no baixo-ventre, os pontos privilegiados de ataque dos gládios romanos, o que lhes dificultaria em muito, assim feridos, locomoverem-se num tão longo percurso ⁴¹³. Além da problemática situação que todos estes acontecimentos geraram, assistindo-se a combates entre os homens do mesmo exército ⁴¹⁴, o que é revelador da sua falta de coesão, o movimento dos lígures e gauleses, na sua tentativa de atingir os limites da segunda linha, deverá ter parecido às restantes tropas um exército em debandada. Todo este movimento terá implicado certamente um grande número de baixas e deve ter sido, para todos os que assistiam, um primeiro momento bastante desmoralizador para as hostes cartaginesas ⁴¹⁵.

Entrando a segunda linha púnica em combate, esta consegue no início repelir a investida dos *hastati*, pois o seu próprio estilo de luta era bem diferente do errático ataque dos gauleses e permitiu-lhe travar de outra forma o avanço romano. A progressão dos manípulos estava também bastante dificultada pelo grande número de corpos que já se amontoava à sua frente e que obrigava a ter de contorná-los ou a passar-lhes por cima, dificultando a manutenção da formação. O chão por onde avançavam também estava já pejado de obstáculos, como capacetes ou escudos, e também bastante escorregadio, devido ao sangue dos que já tinham caído em combate.

Como seria de esperar no apoio dinâmico que toda a legião exercia sobre toda a sua estrutura em esforço, os *hastati* começaram a ser apoiados pela linha dos *principes*, que embora tenha tido dificuldade em recuperar o movimento de avanço, depois de uma reorganização a que foi submetida pelos centuriões, voltou a ganhar confiança e a conseguir impor-se ⁴¹⁶, começando novamente a flagelar e a empurrar a linha cartaginesa.

O facto de a extensão da linha romana ser superior à que exhibia esta segunda linha púnica permitiu que a forte pressão frontal, combinada com a possibilidade de um ataque lateral nos seus flancos, tenha começado a esmagar a resistência cartaginesa.

Compreendendo, pelo grande número de baixas, que não conseguiriam resistir à investida romana, os infantas cartagineses, os africanos e, possivelmente, os restos da falange macedónica iniciaram uma debandada ⁴¹⁷, tentando recuar para obter a possível proteção da enorme linha de veteranos, que continuava bastante afastada do local da refrega. O comandante púnico, com receio de uma possível desorganização do dispositivo de perfil falangístico em que estavam formados os seus veteranos, ordenou-lhes que apontassem agora

⁴¹³ GOLDSWORTHY, 2009, p. 403.

⁴¹⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.13.

⁴¹⁵ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34.

⁴¹⁶ GOLDSWORTHY, 2009, p. 403; O'CONNELL, 2012, p. 298; HART, 2006, p. 140.

⁴¹⁷ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34.

as suas grandes lanças ⁴¹⁸ e que não permitissem que os desesperados sobreviventes da segunda linha e mesmo, possivelmente, os que já tinham fugido da primeira linha e se reorganizavam atrás da segunda, pudessem passar por entre a sua compacta formação⁴¹⁹. Vendo que não lhes restava alternativa, os milhares de acoitados fugitivos tentaram flanquear a linha dos veteranos ⁴²⁰, com a dificuldade acrescida de que esta tinha um âmbito extremamente alargado, pois é bem possível que fosse constituída por cerca de 20 000 homens. É taticamente bastante plausível que parte dos elementos restantes das primeiras linhas tenham vindo a incorporar os flancos da formação dos veteranos e alargar a tal ponto o seu extenso âmbito que Aníbal pudesse sonhar ainda em fazer com que esta pudesse executar uma imensa manobra envolvente sobre o exército de Cipião.

Com as cavalaria já fora da refrega, esta tentativa de envolvimento poderia ser uma manobra tática esmagadora se executada com bastante rapidez, atendendo ao condicionalismo temporal ocasionado pelo inevitável regresso das cavalaria de Cipião.

Chegamos, assim, ao momento crucial da grande batalha de Zama.

Encontram-se agora, frente a frente, aqueles que poderíamos classificar como dois dos melhores generais da Antiguidade, num violentíssimo braço-de-ferro final, ao comando das tropas que lhes trouxeram tantas vitórias e uma justa fama universal. As legiões romanas estavam agora perante os seus verdadeiros adversários⁴²¹, aqueles homens que a experiência dos muitos anos de conflito em Itália endurecera e transformara em competentes máquinas de guerra. A ferocidade do combate a que se vai assistir nesta fase final da batalha é bem reveladora da pujança, da motivação e da profunda experiência militar de todos os seus intervenientes, mostrando claramente que os veteranos de Aníbal, ainda tinham muito do perfil daqueles homens rijos que fizeram as batalhas de Canas, do rio Trébia ou do lago Trasimeno ⁴²².

Se a falange dos veteranos de Aníbal ainda conservava todo o seu potencial militar, não se tendo ainda desgastado numa intervenção direta no esforço da batalha, os romanos tinham algo que poderia compensar bem o seu cansaço momentâneo e que se constituía já como uma enorme vantagem moral: Os homens de Cipião já tinham conseguido reduzir as tropas de Aníbal àquele núcleo de guerreiros, tendo consecutivamente e em poucas horas aguentado a carga de elefantes, feito debandar ambas as cavalaria adversárias, esmagado uma primeira

⁴¹⁸ GOLDSWORTHY, 2009, p. 403; O'CONNELL, 2012, p. 298; HART, 2006, p. 140.

⁴¹⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.13.

⁴²⁰ GOLDSWORTHY, 2009, p. 403; O'CONNELL, 2012, p. 298; CONNOLLY, 1998, p. 204.

⁴²¹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34; HART, 2006, p. 140.

⁴²² O'CONNELL, 2012, pp. 297-298.

linha de celtas e lígures e, há bem pouco, posto em debandada uma segunda linha com infantes cartagineses, africanos, e macedónios ⁴²³.

Tudo o que angustiava aqueles homens, desde a entrada anibálica em Itália, em 218 a.C., se decidiria agora. Em poucas horas, a disputa estaria finalmente resolvida, pelo que todos aqueles combatentes deveriam estar bem conscientes do momento crucial que iriam protagonizar.

É bem possível que os romanos dispusessem, neste momento, de alguma vantagem numérica, advertindo-nos no entanto Políbio de que as forças que se iriam enfrentar deveriam ser “quase idênticas em número”⁴²⁴. Ante esta imensa falange cartaginesa, Cipião toma uma das mais inesperadas decisões, que só a coragem de um génio tático que sabe correr todos os riscos pode permitir. O general romano, confiante na grande disciplina que incutiu durante o longo treino das suas legiões, manda tocar a recuar as tropas que se encontravam na vanguarda. Os muitos manípulos que se encontravam aí, já meio dispersos no campo de batalha, onde ainda realizavam a perseguição dos restos da segunda linha púnica⁴²⁵. Obedeceram de imediato. De forma espantosa, Recuam ante um inimigo ⁴²⁶ fortemente resguardado na sua ordem de batalha e que se encontra perigosamente a apenas poucas dezenas de metros ⁴²⁷. Será de admitir que Cipião, atento à enorme extensão da linha de Aníbal, tenha compreendido a sua possível intenção de executar uma gigantesca manobra de envolvimento e sabendo bem o general romano da eficácia desta manobra tática, se tenha prevenido rapidamente contra ela.

8.8. Um Momento Crucial

É possivelmente neste momento que estamos convencidos de que se encontra a chave para a explicação para o desfecho da Batalha de Zama, bem como, de algum modo para toda a carreira militar do cartaginês e para a futura glória de Cipião. Acreditamos que este momento é talvez o único erro tático que Aníbal terá cometido em toda a sua fulgurante carreira de general. Nesta fase tão decisiva, em que Cipião tem de baixar a guarda, colocando-se numa posição de extrema fragilidade tática ao fazer recuar as suas tropas nas ‘barbas do inimigo’, é impressionante como Aníbal não decide avançar de imediato sobre os momentaneamente vulneráveis romanos com a sua imensa hoste de veteranos. Cipião, sentindo que é necessário

⁴²³ HART, 2006, p. 140.

⁴²⁴ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.14.

⁴²⁵ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.14; TITO LÍVIO, 1982, XXX.34; CONNOLLY, 1998, p. 204; ERDKAMP, 2007, pp. 71-72.

⁴²⁶ GOLDSWORTHY, 2009, p. 404.

⁴²⁷ O’CONNELL, 2012, p. 298; HART, 2006, p. 141.

reordenar urgentemente o seu exército para se tentar defender de uma possível manobra de envolvimento e tentar assestar o golpe final em Aníbal, vai-se ver forçado a arriscar um movimento tático que lhe poderia ter custado a vitória. Com todo o espanto que tal nos possa causar, Aníbal vai dar tempo aos romanos para se reorganizarem ⁴²⁸. O general cartaginês, nunca vencido e mestre de todas as táticas, vai viabilizar esta grande manobra dos romanos, esperando espantosa e surpreendentemente que Cipião tenha tempo de reordenar as suas legiões. Se assim foi, é impressionante como Aníbal pode ter desaproveitado este momento crucial, sabendo que o tempo corria fulgurantemente contra ele, pois naquele momento, nas imediações de Zama, continuavam a decorrer as perseguições que iriam culminar inevitavelmente com o retorno vitorioso de ambas as cavalaria de Cipião.

Estaria Aníbal tão confiante na fina-flor do exército cartaginês que pôde supor que rapidamente este esmagaria as tropas de Cipião quando se desse o embate final?

Se há algo de que Aníbal necessitava era de conseguir rapidamente uma vitória com a sua infantaria, de modo a que ainda fosse possível pensar num qualquer estratagema que lhe permitisse enfrentar o retorno das cavalaria. Mas, estranhamente, Aníbal Barca vai permanecer inativo e assistir impávido à reorganização das tropas de Cipião, tendo este último ainda o sangue-frio de mandar desobstruir parcialmente o campo de batalha, recolher os feridos para a retaguarda e montar um dispositivo tático que lhe vai permitir enfrentar a enorme falange dos veteranos ⁴²⁹.

É quase óbvio que Aníbal teria que ter avançado rápida e decididamente sobre as legiões romanas, assim que viu que os adversários estavam a recuar e a reorganizar-se. É este o momento nevrálgico em que Aníbal poderia ainda ter alguma hipótese de fazer pender a balança a seu favor, aproveitando a notória fragilidade do exército romano, não só pelo movimento, que executava, mas também pela natural desorganização que tal implica.

Perdida esta oportunidade de ouro, só restará a Aníbal a possibilidade de esgotar as últimas horas num esforço ingente para enfrentar a ‘grande alavanca romana’ que vai conseguir travar os seus veteranos até à fatídica chegada das cavalaria. Cipião antevendo a possível manobra de envolvimento pretendida por Aníbal, não vai permitir a sua execução, apesar da grande extensão da linha de Aníbal e, contra esse ‘abraço fatal’, vai construir com as suas *coortes* uma longa linha com a mesma extensão da adversária. Opta assim por abandonar a formação em *triplex acies*, como aliás já tinha feito em outras batalhas, sentindo que o reforço da sua linha em profundidade não será fundamental, já que o tempo corre a seu favor, aguardando o

⁴²⁸ O’CONNELL, 2012, p. 299.

⁴²⁹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 404; SÁNCHEZ, 1994, p. 33.

regresso rápido das suas cavalarias. Cipião manda formar os *hastati* ao centro sem quaisquer intervalos, e coloca em cada um dos flancos metade do contingente dos *hastati* e metade do contingente dos *triarii*, conseguindo desse modo formar uma anormalmente extensa linha contínua⁴³⁰.

O choque final estava, enfim, preparado!

Poder-se-ia mesmo considerar que os dispositivos que se iriam enfrentar agora eram muito similares, revelando bem o quanto estes sistemas militares tinham aprendido um com o outro durante todos aqueles longos anos de guerra. Como podemos facilmente verificar, para evitar ser envolvido, Cipião foi obrigado a imitar agora o dispositivo de perfil falangístico que Aníbal lhe apresentava. Mas o general romano não teve certamente dificuldade em fazê-lo, tendo bastante prática de recorrer ao sistema de estender a sua linha com os *principes* e os *triarii*. Poderemos mesmo pensar que, por Aníbal bem conhecer as táticas de Cipião, vai tentar em Zama aplicar o modelo que era já uma das marcas d'água do general romano e que este consolidou com tanto sucesso em muitas das suas batalhas anteriores.

Romanos e cartagineses carregaram com tal fúria que a batalha esteve indecisa durante muito tempo, numa refrega furiosa, executada não só por um número aproximado de efetivos, mas também em motivação e em muitos casos, no que toca à tipologia do armamento⁴³¹. Os adversários pelejavam com tal obstinação que caíam mortos, mas as linhas não retrocediam⁴³². Políbio diz-nos que, quando as pesadas infantarias se enfrentaram, “o desfecho esteve muito tempo duvidoso, com os homens caindo sem arredar pé, até que Masinissa e Lélío chegaram providencialmente no momento certo”⁴³³.

Tudo estava agora perdido para Aníbal, cuja estática falange, agora com a agravante de estar fixada pelas legiões, não teria a mínima condição de enfrentar pela retaguarda o poderoso ataque da cavalaria ligeira de Masinissa e a brutal investida da cavalaria pesada de Lélío.⁴³⁴

Os comandantes destas, que tinham estado envolvidos na perseguição, deverão ter tido bastante consciência de quanta falta poderiam estar a fazer nas planícies de Zama. Regressam com o intuito de apoiar o esforço da sua infantaria e, atacando a falange cartaginesa pela retaguarda, fazem soçobrar todas as possíveis esperanças que Aníbal ainda pudesse ter noutro

⁴³⁰ TITO LÍVIO, 1982, XXX.34; HART, 2006, p. 141; GONZÁLEZ, 2005, p. 657.

⁴³¹ O'CONNELL, 2012, p. 299.

⁴³² POLÍBIO, 1889, 1962, XV.14; GOLDSWORTHY, 2009, p. 404.

⁴³³ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.14; HART, 2006, p. 142.

⁴³⁴ TITO LÍVIO, 1982, XXX.35.

desfecho que não fosse a sua derrota ⁴³⁵. Dir-se-ia mesmo que Masinissa e Lélío, com uma noção pragmática das necessidades da guerra, não demoraram mais do que o tempo estritamente necessário para realizarem a perseguição e o seu providencial regresso.

A falange dos veteranos foi massacrada e os que ainda tentaram fugir foram dizimados pela cavalaria, pois não acharam local onde pudessem encontrar refúgio naquela extensa planície⁴³⁶. Políbio e Lívio dizem-nos que as baixas dos cartagineses se teriam elevado a 20 000 mortos e que os romanos fizeram o mesmo número de prisioneiros.⁴³⁷ Quanto aos adversários, diz-nos Políbio que “mais de mil e quinhentos romanos tombaram”⁴³⁸. O acampamento de Aníbal foi saqueado e, entre o vasto espólio, os romanos vão apossar-se de 132 estandartes púnicos ⁴³⁹.

8.9. Cipião Coberto de Glória

Ao derrotado Aníbal já não lhe resta mais do que fugir para a costa, chegando a Hadrumeto⁴⁴⁰ ao fim de dois dias de marcha, com o seu Estado-maior e apenas alguns cavaleiros.

Lélío foi incumbido de se deslocar imediatamente a Roma para dar a notícia da grande vitória e informar sobre os possíveis termos de um novo acordo de paz ⁴⁴¹. O Mediterrâneo estava agora à mercê dos romanos e toda a sua orla iria em poucos anos, sem opositores à altura, fazer parte do seu vasto império. Cipião foi recebido em triunfo em Roma, não sem antes ter conseguido assinar o armistício⁴⁴² que poria fim à sangrenta Segunda Guerra Púnica.

Cansados da guerra, romanos e cartagineses assinam finalmente um acordo de paz definitivo, pois Cipião sabe que insistir no cerco a Cartago seria extenuante para o seu já esgotado exército, atendendo a que a capital púnica estava extremamente bem fortificada. Ele evita a todo o custo avançar para o assédio, apesar de, segundo Lívio, esta hipótese ter sido insistentemente defendida, no Conselho de Guerra, por muitos dos seus legados⁴⁴³.

⁴³⁵ LE BOHEC, 2014, pp. 250-252.

⁴³⁶ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.14; McNAB, 2010, pp. 67-68.

⁴³⁷ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.14; TITO LÍVIO, 1982, XXX.35; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 404-405.

⁴³⁸ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.14.

⁴³⁹ TITO LÍVIO, 1982, XXX.35.

⁴⁴⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.15; TITO LÍVIO, 1982, XXX.35; GOLDSWORTHY, 2009, p. 405; O'CONNELL, 2012, p. 299; HART, 2006, p. 143.

⁴⁴¹ GOLDSWORTHY, 2009, p. 406.

⁴⁴² POLÍBIO, 1889, 1962, XV.19.

⁴⁴³ TITO LÍVIO, 1982, XXX.36, 37; GOLDSWORTHY, 2009, p. 406.

Embora o general romano se tenha negado a receber os primeiros emissários de paz enviados por Cartago ⁴⁴⁴, Cipião desejava chegar rapidamente a um entendimento, nomeadamente porque estaria a ficar bastante apreensivo com o termo do seu comando e, conseqüentemente, com a diminuição da importância da consagração do triunfo que a sua vitória merecia ⁴⁴⁵. Cipião já sabia que um dos cônsules de 201 a.C. estaria a tentar substituí-lo no comando das operações em África ⁴⁴⁶; toda essa *démarche* administrativa só foi travada pelo veto de alguns dos tribunos da plebe ⁴⁴⁷, o que gerou acesos debates senatoriais, que estabeleceram que se fizesse apenas a atribuição do comando naval ao novo cônsul ⁴⁴⁸.

Foram levados para Itália 100 reféns, entre os 14 e 30 anos, pertencentes às principais famílias púnicas, como garantia do bom cumprimento do tratado de paz e para prevenir qualquer tipo de incidente durante as negociações ⁴⁴⁹. As principais condições com que Roma condenou Cartago ⁴⁵⁰ no seu tribunal foram bastante mais duras do que as consagradas no tratado de paz anteriormente vilipendiado, mas, apesar disso, a mãe púnica conseguiu sobreviver sob o seu pesado jugo. Apesar de ficar consagrado que Cartago continuaria a conservar todos os territórios em África que detinha antes do início da guerra. Os romanos concederam ainda que os púnicos continuariam a poder governar-se segundo as suas leis e costumes. Mas ficaria obrigada a respeitar as seguintes condições ⁴⁵¹:

1 – Cartago ficou obrigada a entregar todos os seus mais de 500 navios de guerra, à exceção de 10 trirremes;

2 – Ficou constringida a entregar todos os seus elefantes de guerra e a não treinar mais quaisquer outros;

3 – Os cartagineses comprometiam-se também a não entrar em guerra fora de África e, mesmo nesta, só o poderiam fazer com o consentimento de Roma, integrados que ficavam a partir de então no seu novo estatuto de “amigos e aliados” de Roma;

4 – Masinissa seria também reconhecido no trono númerida por Cartago e ser-lhe-iam entregues todos os territórios númeridas;

5 – Roma exigia também a entrega imediata de todos os prisioneiros, desertores e escravos fugidos;

⁴⁴⁴ HART, 2006, p. 147.

⁴⁴⁵ TITO LÍVIO, 1982, XXX.36.

⁴⁴⁶ Trata-se do cônsul Cneu Lentulo - TITO LÍVIO, 1982, XXX.40.

⁴⁴⁷ LE BOHEC, 2014, p. 252.

⁴⁴⁸ TITO LÍVIO, 1982, XXX.36, 40; GOLDSWORTHY, 2009, p. 406.

⁴⁴⁹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.18; TITO LÍVIO, 1982, XXX.37.

⁴⁵⁰ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.18; TITO LÍVIO, 1982, XXX.37.

⁴⁵¹ POLÍBIO, 1889, 1962, XV.18; TITO LÍVIO, 1982, XXX.37; GOLDSWORTHY, 2009, pp. 406-407; HART, 2006, pp. 148-149.

6 – A capital púnica ficava igualmente condenada à perda de todas as suas possessões no mar Mediterrâneo;

7 – Ficava ainda obrigada a fornecer provisões ao exército de Cipião, durante três meses, e a pagar o seu soldo até à futura ratificação do tratado;

8 – Devido à sua recente traição, deveriam também os cartagineses ressarcir a perda de bens romanos ocorrida aquando da violação da trégua;

9 – Finalmente, Cartago ficava obrigada a uma indemnização de guerra de 10 000 talentos de prata, pagos em parcelas anuais durante cinquenta anos ⁴⁵²;

Cipião, um dos mais geniais comandantes de toda a História, coberto de glória, regressa a Roma, onde vai celebrar o maior triunfo de que há memória. Chegado a Itália, Cipião vai escolher fazer o percurso até Roma por terra, sendo aclamado não só pelo povo de cada cidade, que acorria a homenageá-lo, como também pelos muitos camponeses que em tão grande número, acabavam por bloquear as estradas. Todo o povo romano, em frenética alegria, não sabia se mais se regozijava pela restauração da paz, ou pela própria vitória do general. Tito Lívio relata-nos que ele terá trazido para o tesouro 123 000 libras de prata e que, do saque, distribuiu quarenta asses a cada soldado. O famoso escritor de “Ab Urbe Condita” continua a relatar-nos que Sifax teria morrido pouco tempo antes do triunfal desfile da vitória de Cipião, mas Políbio relata que o rei númida terá participado, com o humilhante estatuto de prisioneiro, na procissão triunfal, tendo sido morto pouco tempo depois nos cárceres de Roma. Fazendo fé nas palavras de Políbio, após a celebração do triunfo, decorreram grandes jogos e festividades durante inúmeros dias que Cipião, na sua magnanimidade, custeou integralmente. ⁴⁵³

⁴⁵² GOLDSWORTHY, 2009, p. 407; GOLDSWORTHY, 2011, p. 86; LE BOHEC, 2014, p. 254; GONZÁLEZ, 2005, p. 657; EGGENBERGER, 1985, pp. 487-488.

⁴⁵³ POLÍBIO, 1889, 1962, XVI.23; TITO LÍVIO, 1982, XXX.45.

CONCLUSÃO

A guerra, enquanto fenómeno social, tem acompanhado desde sempre a história da Humanidade, intervindo de forma decisiva no destino dos povos, que através dela exprimiram as suas esperanças de sobrevivência ou as suas ambições de conquista. Desde sempre podemos encontrar, em todas as sociedades, estruturas sociais cujas competências foram dedicadas a manter, com recurso à força, o seu território, os seus bens e a independência dos seus elementos, marcadamente baseadas em relações de carácter beligerante.

Contra a sede de conquista de algumas sociedades de pendor mais agressivo, outras constituíram grupos armados que pretendiam tão-somente assegurar a sua defesa e sobrevivência. Se o inter-relacionamento comunitário dos povos foi sempre moldado na grande dicotomia entre a paz e a guerra, chegaram algumas comunidades a constituir-se militarmente como entidades tão relevantes que lhes permitiram vencer e dominar de forma sistemática outros povos, aglutinando de forma mais ou menos marcante todo o seu contexto material e humano. Podendo assim constituir-se em impérios, determinados povos souberam criar máquinas militares cujo desempenho se tornou de tal forma assinalável que lhes permitiu fazer estender o seu domínio a vastíssimas geografias e integrar dentro das suas estruturas político-sociais muitos outros povos, que lhes ficaram secularmente submetidos.

Os exemplos poder-se-iam respigar com facilidade do vasto acervo dos acontecimentos históricos, mas, se podemos dizer que muitos outros tiveram também notória relevância, o Império Romano foi certamente um dos maiores e um dos que mais contribuiu para moldar a fisionomia do Ocidente. Roma, aquela pequena cidade do Lácio que, pouco a pouco, se foi conseguindo impor aos seus vizinhos numa expansão cada vez mais alargada, fez desde cedo estender o seu domínio por toda a Península Itálica e, no século III a. C., assistiu-se a uma clara tendência para a Urbe se começar a impor em muitos dos territórios da orla mediterrânica. A condição de todo este sucesso foi a sua eficaz máquina militar, que aprendeu a desenvolver desde os pródromos da sua existência e que, com o aparecimento da legião manipular, se tornou uma estrutura combativa que, não encontrando rival que se lhe conseguisse opor, a deixou estender progressivamente, quer a sua dominação, quer a sua forte influência cultural. É precisamente nesta cronologia que assistimos ao grande incremento da capacidade bélica da legião, com a sua dinâmica atacante baseada em *coortes* e a adoção do modelo de equipamento tradicional que lhe permitiu impor-se, através da constituição de uma poderosa máquina de guerra.

Resultado de uma vontade férrea de expandir as suas fronteiras, Roma vai encontrar ainda mais razões para se desenvolver militarmente ao entrar em conflito direto com Cartago, a outra poderosa entidade militar e cultural mediterrânica, que desde há muito tinha semelhantes pretensões de expansão e influência. Embora o fulcro de Cartago radicasse na obtenção de ricos proventos, mais do que numa intervenção dominante, a antiga colónia fenícia, com toda a sua fartura e exuberância, se não tinha uma estrutura militar tão integrada no seu tecido social como Roma, possuía porém tanta capacidade económica e uma tão vasta influência no Ocidente que se pôde constituir como um adversário temível durante as três Guerras Púnicas.

Roma e Cartago digladiaram-se num verdadeiro duelo de morte e se, no último destes conflitos, assistimos ao desaparecimento da grande colónia fenícia, na segunda destas guerras Roma foi abalada até às suas fundações materiais e psicológicas por uma avassaladora investida militar concebida e concretizada por Aníbal Barca, indubitavelmente o mais ousado e dotado general cartaginês. Em 218 a.C., o filho de Amílcar Barca realizou a famosa travessia dos Alpes, em direção ao coração de Roma, à frente de um considerável exército recrutado na Península Ibérica, investindo com tal ímpeto que vai conseguir flagelar Roma durante vários anos, acumulando as brilhantes vitórias de Ticino, do Trébia, do lago Trasimeno e culminando na demolidora batalha de Canas.

Roma não vai conseguir responder ao repto de Aníbal até cerca de 211 a.C., limitando-se a tentar cansar e enfraquecer o cartaginês, que vai consumir lentamente o seu ímpeto e os seus recursos numa errância aparentemente sem qualquer sentido estratégico. Para resolver este longo impasse, um general providencial surge em Roma: Públio Cornélio Cipião, um jovem comandante romano, vai conseguir, com a sua extraordinária capacidade militar, mudar de forma radical o rumo da guerra, exibindo desde sempre uma inusitada capacidade de chefia, inovação, manipulação psicológica e antevisão estratégica.

Pertencendo a uma das mais importantes famílias patrícias, Cipião teve uma educação esmerada e a sua própria formação intelectual levou-o a congregar desde cedo uma vastíssima cultura e um alargado interesse pela reflexão e filosofia de pendor grego. Aceitando corajosamente o cargo de procônsul para liderar a difícil situação romana que se vivia então na Península Ibérica em 211 a.C., este jovem comandante vai desde logo demonstrar a sua profunda compreensão da arte da guerra, não tanto por ter tido oportunidade de previamente ter liderado vastos exércitos, mas dir-se-ia muito mais pela sua inata intuição e compreensão das exigências do conflito, quer nos domínios da estratégia, quer da tática militares. Tendo assistido como soldado a muitas das vitórias de Aníbal e podendo constatar que as inovações

táticas deste general lhe permitiam derrotar de forma esmagadora a máquina legionária romana, Cipião compreende que só poderá vencer Aníbal e os exércitos cartagineses se remodelar os rígidos modelos táticos tradicionais do exército romano. As possíveis vitórias que estará convencido que poderá vir a obter deverão ser englobadas num grande plano estratégico global, onde possam vir a ser maximizadas, contribuindo passo a passo para um estabelecimento de um novo xadrez militar favorável a Roma.

Cipião está consciente de que, para garantir uma eficaz consolidação da sua presença nos contextos desta II Guerra Púnica (que decorria na Península Itálica, na Península Ibérica e, mais tarde, em África), vai ter de criar estruturas logísticas fortes para suprir as necessidades práticas de um conflito geograficamente tão alargado. Quer na Hispânia (com a ousada investida sobre Nova Cartago), quer em África (com Castra Cornélia), Cipião garante as condições de manutenção logística e de defesa que lhe vão possibilitar intervir de forma segura nos dois cenários, onde vai diretamente enfrentar o poderio cartaginês. A sua formidável capacidade de leitura das movimentações militares em curso, bem como dos futuros movimentos que daí decorrerão, vai permitir-lhe conduzir os diferentes momentos do conflito com uma precisão digna de um general de exceção.

Depois de submeter as suas tropas a treinos intensivos, realizados sob a sua supervisão, Cipião vai derrotar faseadamente os três grandes exércitos que o poder púnico exibia na Península Ibérica e esmagar a tradicional dominação que o seu adversário desde há muito exercia em territórios hispânicos. Para tal, inovou as táticas de combate, compreendendo o extraordinário potencial da legião manipular, explorando-a como uma máquina que possui duas das mais importantes características da competência militar: a disciplina e a polivalência. Os manípulos, organizados em *coortes*, vão permitir-lhe reconfigurar as ordens de batalha numa multiplicidade de desenhos táticos que se vão adequar de forma exemplar às necessidades e mesmo às especificidades de cada cenário de batalha, quer do ponto de vista geo-topográfico, quer na adequação à tipologia do seu adversário. As legiões de Cipião são dotadas de um dinamismo e de uma capacidade de articulação que lhes vão permitir uma intervenção maximizada em cada cenário de guerra, com bem urdidos mecanismos de leitura das intenções do adversário e dos diferentes momentos de que se compõe uma batalha.

O general romano compreendeu que a batalha é um processo dinâmico que tem diferentes exigências na narrativa do seu desenvolvimento e que a antevisão das necessidades inerentes a cada um desses momentos vai permitir uma grande valorização do potencial militar que se desenrola desde o primeiro embate até ao momento em que a vitória ou a derrota se decidem. Cipião programa em detalhe todas as movimentações das suas campanhas e os dispositivos

táticos com que vai enfrentar os seus adversários, sem no entanto deixar de ter a capacidade de correr riscos e de atuar com rapidez na retificação de algum aspeto tático que as vicissitudes do momento lhe imponham.

Com um inegável conhecimento do *modus operandi* militar, Cipião fez das suas legiões verdadeiras máquinas polivalentes, disciplinadas e, sobretudo, com uma extraordinária capacidade de responder do melhor modo aos constantes e diferentes reptos que ele lhes vai lançar. A sua 'imaginação combativa' levou-o a entender igualmente o importante potencial de várias manobras táticas, como a sistemática tentativa de envolvimento do inimigo, o desdobramento simultâneo de todo o potencial das tradicionais três linhas da *triplex acies*, a utilização faseada de reservas, e ainda o recurso ao fator surpresa, que tanto contribuiu para o seu palmarés de vitórias, desconcertando frequentemente os seus adversários.

Não precisaremos de pensar muito para encontrarmos na biografia militar de Cipião variadíssimos exemplos de todos estes importantes elementos, com a compreensão profunda de que a guerra deve ter os seus referenciais cavaleirescos, mas que estes não poderão ser tão rígidos que possam fazer perigar o objetivo primordial de conseguir a vitória. Os corredores para os elefantes e o ensurdecedor toque das trompas em Zama, ou o ousadíssimo 'estratagema de Bagrales' são bem demonstrativos da sua capacidade de criar contextos para minimizar, ou mesmo eliminar, o potencial bélico do inimigo, chegando a uma visão de grande detalhe da capacidade marcial da legião, quando pede aos seus homens que utilizem os escudos como arma ofensiva para que, com os seus golpes, façam desequilibrar os adversários, prática que só vai ser integrada de forma sistemática cerca de cem anos mais tarde, a partir da constituição do exército profissional de Caio Mário.

Cipião mostra congregar num só homem tudo aquilo que pode constituir-se como uma referência de liderança, nomeadamente por conseguir analisar de forma clara os contextos militares onde está envolvido, mas sobretudo por conseguir quase 'adivinhar as consequências' que esses cenários vão repercutir no futuro, como se pode inferir da sua certeza de que a investida em África resultaria na saída de Aníbal de Itália. A sua capacidade de manipulação psicológica, quer dos seus próprios homens, quer do estado emocional do adversário, é igualmente digna de ser tomada em linha de conta. Tendo o comandante romano perfeita consciência da importância que tais fatores poderão ter na diferente motivação para uma verdadeira entrega ao esforço de guerra, bastar-nos-ia lembrar a forma como se comprometia com o universo divino perante os seus legionários, ou como desmotivou Aníbal mostrando abertamente aos seus espiões a inegável força do seu exército.

Este patrício, descendente de uma longa linhagem de homens que moldaram o destino de Roma, foi um comandante justo, que soube punir com severidade, mas soube também enaltecer os feitos dos seus homens e recompensá-los por todo o seu esforço. Estamos mesmo em crer que Cipião teria uma consciência muito apurada da providencialidade do seu comando no contexto da II Guerra Púnica. Sabendo da importância que as tropas atribuem à proximidade do seu general na hora do combate, Cipião esteve sempre presente e comandou de perto todas as grandes batalhas; no entanto, nunca se deixou colocar em perigo de vida, nunca deixou que a sua existência corresse um risco desnecessário. Ainda assim, é óbvio que não lhe poderemos atribuir o epíteto de timorato, bastando-nos para tal lembrar a sua corajosa intervenção aos 17 anos na batalha do Ticino para salvar o seu pai de um perigo iminente.

Cipião deveria estar bem consciente de que, para a realização de tão hercúlea tarefa, era necessário um comandante que congregasse características muito peculiares e que, muito provavelmente, nenhum dos seus pares cônsules ou senadores parecia possuir. Grande peso deverá ter estado sobre os seus ombros durante todos aqueles anos, tendo cada vez mais a solitária consciência de que, muito provavelmente, só ele poderia levar a bom porto aquela tremenda tarefa de obter a vitória sobre Cartago. Braços fortes para a luta, Roma tinha-os aos milhares, e não eram os seus que ali fariam falta. Roma precisava, isso sim, naquele crucial momento da sua História, do seu discernimento, da sua ousadia, da sua inovação, da sua astúcia, do seu sangue-frio, tal como próprio Cipião reconheceu, ao afirmar: “A minha mãe criou um general, não um guerreiro”; assim o relata Frontino, na célebre obra *Estratagemas* (IV.VII.4.). Por tudo o que foi dito sobre este extraordinário comandante romano pensamos que Cipião “o Africano” era bem merecedor de ser revisitado e reavaliado, para que de certo modo, fosse resgatado da sombra que a poeira da História sobre ele imerecidamente lançou ao longo dos séculos.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes

- FRONTINO, Sexto Júlio – *Estratagemas*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda. Trad. portuguesa de Miguel Mata. 2005. ISBN: 972-618-364-2.
- LÍVIO, Tito – *História de Roma desde a sua Fundação*. A partir da tradução inglesa “Titus Livius - History of Rome from its Foundation. Rome and Italy”. London: Penguin Books, Ltd., 1982. ISBN: 13 978-0-14-191311-7.
- PLUTARCO – *Vidas Paralelas*. A partir da tradução inglesa “Plutarch - Plutarch’s Lives”. Harvard: Charles W. Elliot Ltd. [sem data].
- POLÍBIO – *Histórias*. A partir da tradução inglesa “Polybius – The Histories”. London: Macmillan, 1889. Reprint New York: Bloomington, 1962.

2. Estudos

- ADCOCK, F. E. – *The Greek and Macedonian Art of War*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1957. ISBN: 978-0-5200-00005-6.
- CANALI, L. – *Annibale e la “Fobia Romana” di Freud*. Roma: Carocci, 2008.
- CONNOLLY, Peter - *Greece and Rome at War*. London: Greenhill Books, 1998. ISBN: 1-85367-303-X.
- CONNOLLY, Peter - *Anibal y los enemigos de Roma*. Madrid: Editorial Espasa Calpe. S. A., 1981. ISBN 84-239-5822-1
- BEAUFRE, André – *Introdução à Estratégia*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda., 2004. ISBN: 972-618-321-9.
- BLOCH, Raymond; COUSIN, Jean – *Roma e o seu Destino*. Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1964.
- BRIZZI, G. - *Le Guerrier de l’Antiquité Classique. De l’hoplite au légionnaire*. Trad. S. I. Éditions du Rocher, 2004.
- BRIZZI, G. – *Scipione e Annibale. La guerra per salvare Roma*, 2.^a ed., Bari: Laterza. 2010.
- BRIZZI, G. - “Caio Giulio Cesare: profilo di un grande comandante” in “Giulio Cesare – l’uomo, le imprese, il mito”, a cura di Giovanni Gentili. Silvana Editoriale, 2008. (pp. 24-31).
- CLAUSEWITZ, Carl Von – *Princípios da Guerra*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda. Trad. José Bóia, 2003. ISBN: 978-972-618-304-4.

- D'AMATO, Raffaele; RAVA, Giuseppe - *Roman Centurions 753–31 BC. The Kingdom and the Age of Consuls*. Great Britain: Osprey Publishing.
- EGGENBERGER, David – *An Encyclopedia of Battles*. New York: Dover Publications, Inc., 1985. ISBN: 0-486-24913-1.
- ERDKAMP, Paul – *A Companion to the Roman Army*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2007. ISBN-13: 978-1-4051-2153-8.
- FIELDS, Nic; EMBLETON Gerry; EMBLETON Sam - *Roman Battle Tactics 390-110 BC*. Great Britain: Osprey Publishing, 2010. ISBN: 978 1 84603 382 7.
- FIELDS, Nic – *Roman Republican Legionary 298- 105*. Oxford: Osprey Publishing, 2012. ISBN: 978 1 84908 781 0.
- GOLDSWORTHY, Adrian K. – *The Roman Army at War, 100 BC – AD 200*. Oxford, University Press, 1996.
- GOLDSWORTHY, Adrian K. – *The Complete Roman Army*. Londres: Thames and Hudson, Ltd., 2003. ISBN: 978-0-500-28899-3.
- GOLDSWORTHY, Adrian K. – *A Queda de Cartago. As Guerras Púnicas. 265-146 a.C.* Lisboa: Edições 70, 2009. ISBN: 978-972-44-1553-6.
- GOLDSWORTHY, Adrian K. – *Generais Romanos. Os Homens que construíram o Império Romano*. 4.^a ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2011. ISBN: 978-989-626-077-4.
- GONZÁLEZ, Júlio Rodriguez – *Diccionario de Batallas de la Historia de Roma (753 a.C. – 476 d.C.)*. Madrid: Signifer Libros, 2005. ISBN: 84-933267-4-7.
- GRIMAL, Pierre – *História de Roma*. Lisboa: Texto e Grafia, 2013. ISBN: 978-989-8285-83-6.
- HART, B. H. Liddell – *Cipião, o Africano. Maior que Napoleão*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda., 2006. ISBN: 972-618-405-3
- HENRIQUE, Luís – *Instrumentos Musicais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999. ISBN: 972-31-0637-X.
- LE BOHEC, Yann – *El Ejército Romano*. Barcelona: Editorial Ariel – Editorial Planeta, S.A.. Trad. Ignacio Hierro, 2013. ISBN: 978-84-344-1182-1.
- LE BOHEC, Yann – *Histoire Militaire des Guerres Puniques. 264-146 av. J.-C.* – Paris: Éditions Tallandier, 2014. ISBN: 979-10-210-0450-4.
- MATYSZAK, Philip – *Los Enemigos de Roma*. Madrid: OBERON. Grupo ANAYA, S. A., 2005. ISBN: 84-96052-90-7.
- McNAB, Chris - *The Roman Army the Greatest War Machine of the Ancient World*. Great Britain: Osprey Publishing, 2010. ISBN: 978 1 84908 162 7.

- MONTEIRO, João Gouveia - "*O exército romano: da matriz hoplita à ameaça bárbara*", in Francisco Oliveira e José Luís Brandão (dir.), */História de Roma/*, vol. II, Imprensa da Universidade de Coimbra (no prelo).
- MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E. - *Vegécio. Compêndio da Arte Militar*. Trad., intr. e notas. Prefácio de M. H. da Rocha Pereira. Edição bilingue. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009. ISBN: 978-989-8074-87-4.
- OLING, Bert; WALLISCH, Heinz – *Enciclopédia dos Instrumentos Musicais*. Lisboa: Livros e Livros, 2004. ISBN: 972-791-120-X.
- O'CONNELL, Robert L. – *Aníbal – Cartago e o Pesadelo da República Romana*. Lisboa: Bertrand Editora, Lda., 2012. ISBN: 978-972-25-2419-3
- O'CONNELL, Robert L. - *História da Guerra. Armas e Homens*. Lisboa: Editorial Teorema Lda., 1989. 427 p. ISBN: 972-695-225-5.
- ROSTOVTZEFF, Michael Rostovtzeff - *Roma - De los Orígenes a la Última Crisis*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1960.
- ROTH, Jonathan P. - *The logistics of the Roman army at war (264 B.C.-A.D. 235)*. Boston: Brill Leiden, 1999. ISBN: 90 04 11271 5.
- SÁNCHEZ, Antonio Diego Duarte – *El Ejército Romano*. Murcia, 1994.

ANEXOS

ESQUEMAS DE BATALHAS

CONQUISTA DE NOVA CARTAGO - MARÇO DE 209 a.C.

1ª FASE

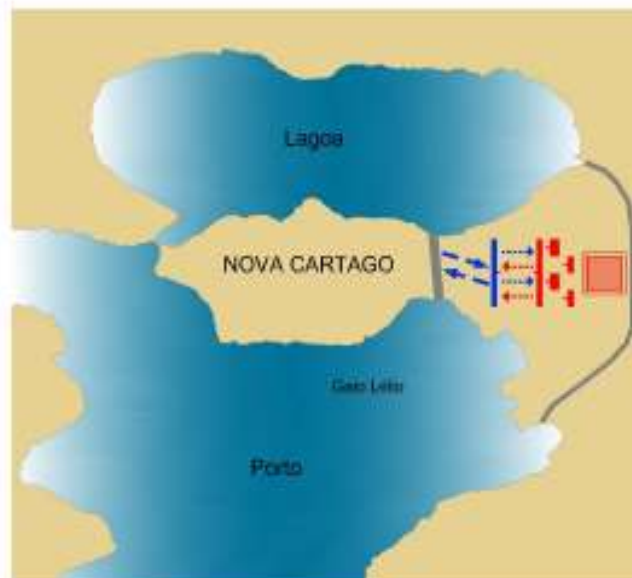


ROMA:
Públio Cornélio Cipião
Gaius Lelício
30.000 homens
25 palmeiras de guerra

CARTAGO:
Mago
1.000 mercenários
2.000 cidadãos armados

Cipião montou o seu acampamento a cerca de 500 m das muralhas da cidade defendendo-o, a nascente, com uma paliçada e daga trincada que se estendia da lagoa até ao mar. Não ergueu defesa do lado da cidade, frente ao rio, para não estar a fazer movimentação das suas tropas de assalto.

2ª FASE



Legenda

- Romanos
- Cartagineses
- Acampamento de Cipião
- Infantaria
- Movimentos
- Ataque

Nel Cipião inicia o movimento de aproximação às muralhas Mago, o comandante púnico, utilizando cidadãos, efetuou uma saída. O comandante romano faz atacar a progressão dos seus homens para abastar o mais possível a retrega das muralhas, o que ocasiona um maior número de baixas entre os desorganizados cidadãos defensores, ao não conseguirem regressar rapidamente à proteção das muralhas.

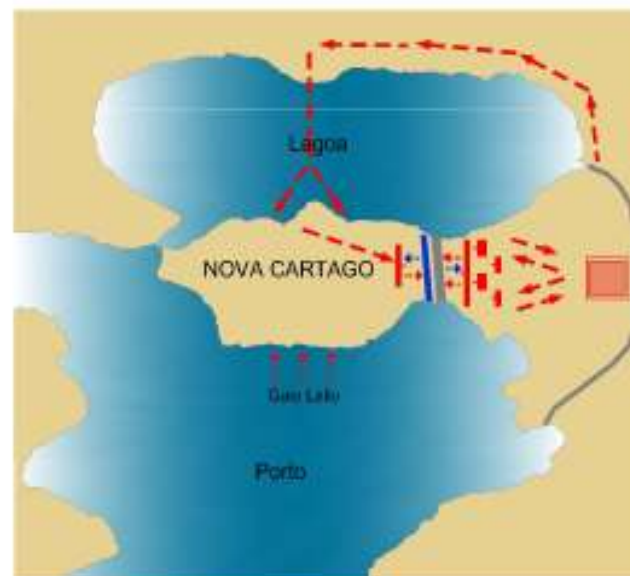
CONQUISTA DE NOVA CARTAGO - MARÇO DE 209 a.C.

3ª FASE



Após a aproximação, Cipião manda realizar de imediato um surpreendente primeiro assalto às muralhas; manda igualmente que Lúcio, ao comando da esquadra, assalte a zona sul da cidade. O assalto número de projetos lançados pelos defensores sobre o grupo de assalto nas escadas e também a sua manifesta exiguidade de altura tornam muito problemática esta primeira tentativa e Cipião ordena que cesse o ataque.

4ª FASE



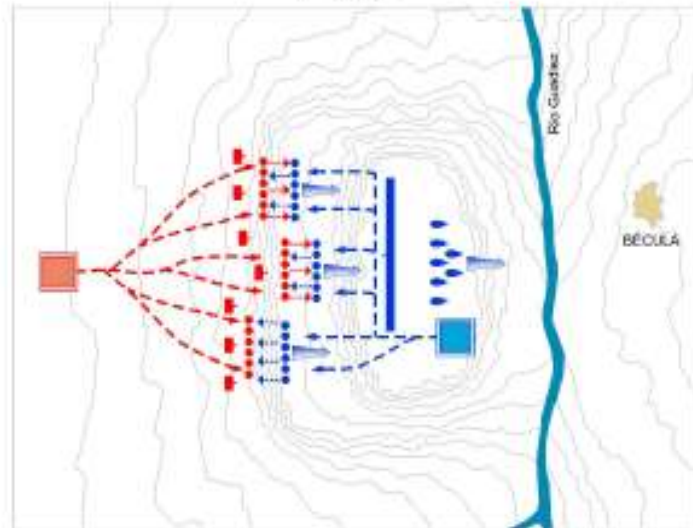
Legenda

- Romanos
- Cartagineses
- Acampamento de Cipião
- Infantaria
- Movimentos
- Ataque

Cipião manda lançar novo assalto às muralhas pouco tempo depois para surpresa dos sitiados. Muralhas agora de escadas mais altas, só com grande esforço dos defensores, os romanos são vitoriosos logo correndo de tudo esta zona tentativa. Para tornar a investida romana Magão faz deslocar os mercenários da muralha norte para o porto de assédio, utilizando o assalto às muralhas pelos 500 homens que Cipião enviara para a zona norte. Estes, que já tinham passado a vou a lagoa, subiram as muralhas e deslocaram-se para as portas pelo adro, almejando a resistência de Nova Cartago estava quebrada.

BATALHA DE BÉCULA - 208 a.C.

1ª FASE

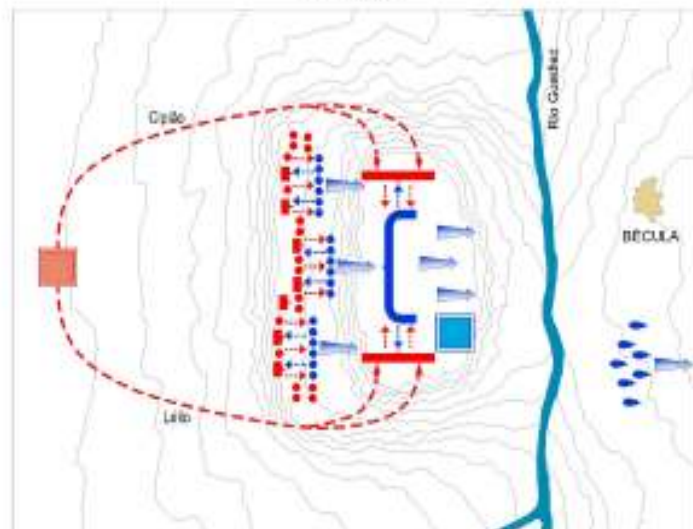


ROMA:
 Públio Cornélio Cipião
 Gaius Lúlio
 35.000 homens
 2.000 cavalos

CARTAGO:
 Asdrúbal Barca
 25.000 mercenários
 militares de aliados africanos e ibéricos
 31 elefantes
 6.000 cavalos
 10.000 pedestres

O exército de Cipião intercepta o de Asdrúbal na região de Bécula. O comandante cartaginês procura uma posição forte num planalto com dois terraços. Tendo instalado o acampamento no terraço mais elevado, faz distribuir as tropas ligeiras no inferior. Dois dias depois Cipião investe com a sua infantaria ligeira no terraço inferior, apoiado por alguns manipulos de infantaria pesada, conseguindo dominá-lo. Os picos são empurrados e forçados a lutar num espaço estreito, sofrendo grande número de baixas, dando-se uma fuga para o terraço superior. É possível que os elefantes pudessem estar a afastar-se do cenário da batalha, ainda antes do início, atendendo a que não foi possível aos romanos a captura dos paquidermes.

2ª FASE



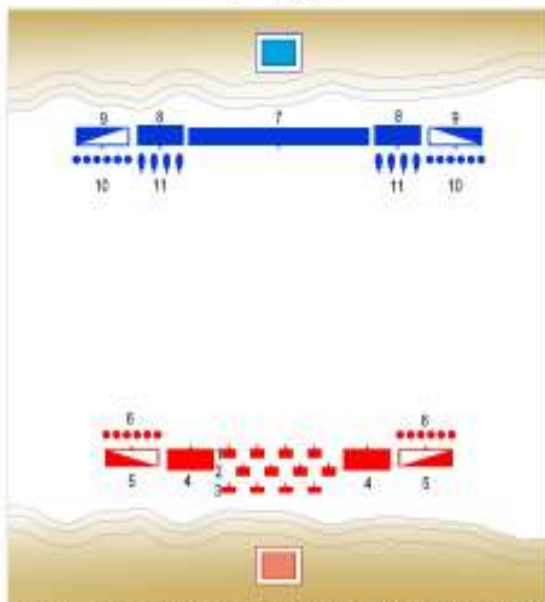
Legenda

- Romanos
- Cartagineses
- Acampamento
- ♂ Elefante
- ▬ Infantaria
- ⋯ Infantaria ligeira
- ↑ Movimentos
- ↑ Ataque
- ♂ Fuga

Asdrúbal, acreditando que a ameaça se faria pela zona central, organiza o seu exército em ordem de batalha no centro do terraço superior. Cipião, prevenido o facto, divide a sua infantaria pesada em dois grandes corpos para executar um ataque pelos flancos, numa ousada manobra de flanqueamento em tenaz. Asdrúbal, perante esta investida, já não tem tempo para reformular a sua ordem de batalha e ordena a retirada.

BATALHA DE ILIPA - VERÃO DE 206 a.C.

1ª FASE



1 - Hebel 4 - Aliados Hispânicos 7 - Infantaria Púnica 10 - Infantaria Leve Púnica
 2 - Principes 5 - Cavalaria Romana 8 - Aliados Hispânicos 11 - Defensas
 3 - Triarii 6 - Voltas 9 - Cavalaria Púnica

Cipião chega à Ilipa e monta o seu acampamento numa colina contígua àquela onde se encontrava o exército de Adribal Gálgio. Nos dias seguintes Adribal forma o exército junto ao seu acampamento numa tradicional ordem de batalha, no que é imitado por Cipião: legões ao centro em frente à infantaria cartaginesa, remetendo as tropas aliadas para os flancos, lado a lado exteriormente pela cavalaria.

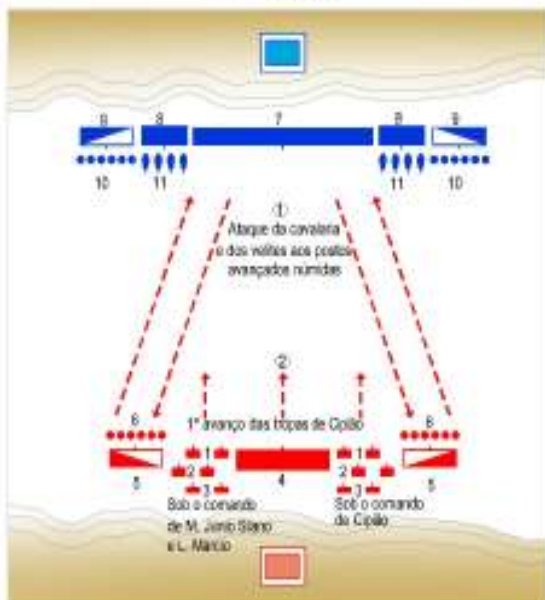
CARTAGO:
 Adribal Gálgio
 Maglo Barca
 Memnon

70.000 infantaria
 4.000 ou 4.500 cavaleiros
 32 elefantes
 48.500 mortos ou prisioneiros

ROMA:
 Públio Cornélio Cipião
 M. Júnio Silano
 L. Márcio

45.000 infantaria
 3.000 cavaleiros
 7.000 mortos

2ª FASE

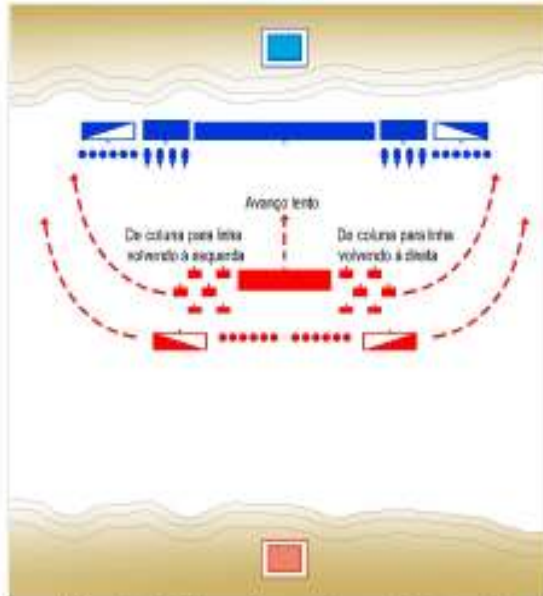


Após vários dias em que se refere esta tática das ordens de batalha, Cipião ataca. Durante a noite, todos se preparam e tomam uma refeição. 1 - Assim que o nível de luz natural o permite, Cipião ordena que a sua cavalaria e a sua infantaria leve ataquem de surpresa os postos avançados cartagineses, obrigando o adversário a sair do acampamento e formar sem ter tempo para ingerir uma refeição. 2 - Segue-se uma segunda vaga com uma ordem de batalha invertida: aliados hispânicos ao centro e nos flancos as legiões.

- Legenda**
- Romanos
 - Cartagineses
 - Acampamento
 - ▴ Cavalaria
 - ▾ Infantaria
 - ▬ Infantaria leve
 - Elefantes
 - Movimento
 - Ataque
 - Fuga

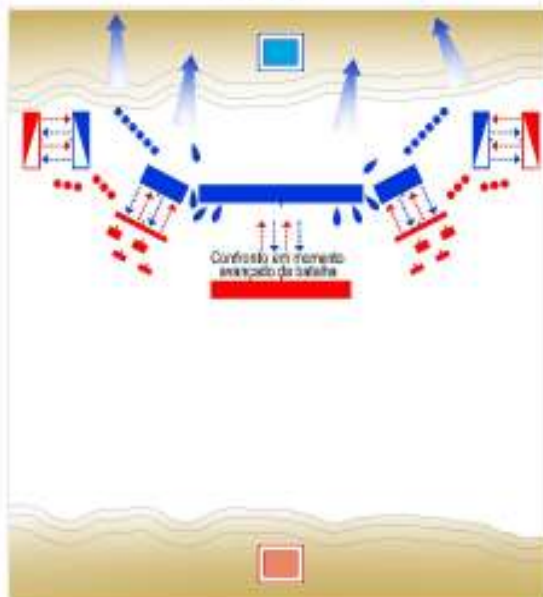
BATALHA DE ILIPA - VERÃO DE 206 a.C.

3ª FASE



A cerca de 700 m do contacto Cipião suspende o avanço do seu exército durante várias horas para que se fizesse sentir aos cartagineses a falta de reficção. Por volta das onze horas manda recolher os velhos e a cavalaria atrás das legiões e ordena o avanço de todo o exército com o centro recusado, executando uma manobra de enovelamento. A cavalaria e os velhos continuam as cordas pela retaguarda e envolvem os flancos laterais do exército cartaginês.

4ª FASE



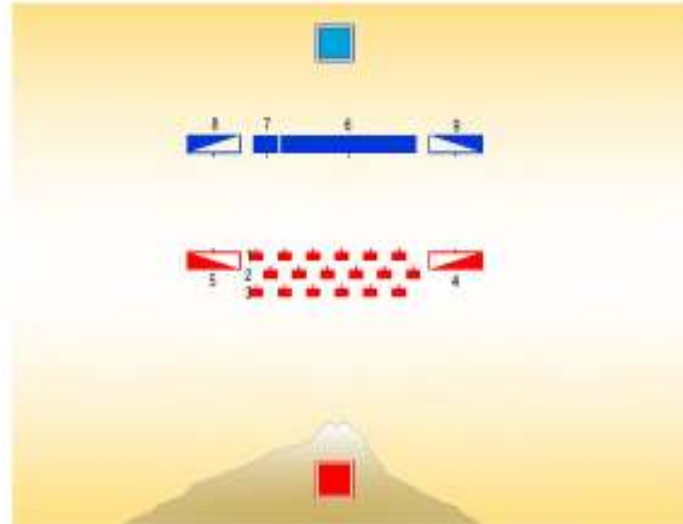
As tropas principais começam a ceder. Os elefantes assustados infletem para o interior da sua formação começando a pisotear o corpo principal da infantaria que esteve inativa, não conseguindo entrar em contacto com a reserva infantilária hispânica. A fumaça e o calor da lareira quebram a resistência dos cartagineses. Adrúbal ainda tenta fazer recuar o centro, o que não consegue fazer a pressão lateral da tenaz romana.

Legenda

- Romanos
- Cartagineses
- Acampamento
- ↖ Cavalaria
- Infantaria
- Infantaria ligeira
- ↖ Elefantes
- Movimento
- ↑ Ataque
- ↑ Fuga

BATALHA DAS GRANDES PLANÍCIES - 24 DE JUNHO DE 203 a.C.

1ª FASE

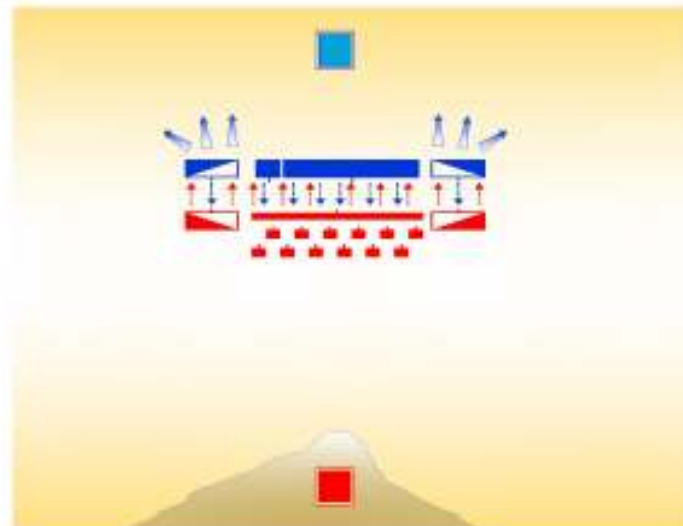


CARTAGO:
 Adribal Geggio
 Sifax
 30.000 homens
 (incluindo 4.000 mercenários líbios)
 Baços - desconhecido
 (denota de todo o exército)

ROMA:
 Públio Cornélio Cipião
 Gaius Lúcio
 Márcio
 Etrúcos - desconhecido
 Saxes - desconhecido

- | | | | |
|---------------|---------------------------------|------------------|------------------------------|
| 1 - Hastati | 4 - Cavalaria Romana (Lúcio) | 8 - Celiberos | 9 - Cavalaria Cartaginesa |
| 2 - Principes | 5 - Cavalaria Númida (Mecirina) | 7 - Cartagineses | 6 - Cavalaria Númida (Sifax) |
| 3 - Triarii | | | |
- Os romanos estabelecem o seu acampamento numa colina próximo do acampamento de Adribal e Sifax. Após 3 dias em que os exércitos apresentaram ordens de batalha frente a frente, sem iniciarem combate, Adribal colocou os celiberos no centro, os cavaleiros númidas de Sifax na ala esquerda e os infantis cartagineses na outra ala com a sua própria cavalaria. Cipião manda formar as legiões em triplex acies, dispozo a cavalaria romana na ala direita, frente à cavalaria númida de Sifax, e na ala esquerda a cavalaria lígura de Márcio.

2ª FASE

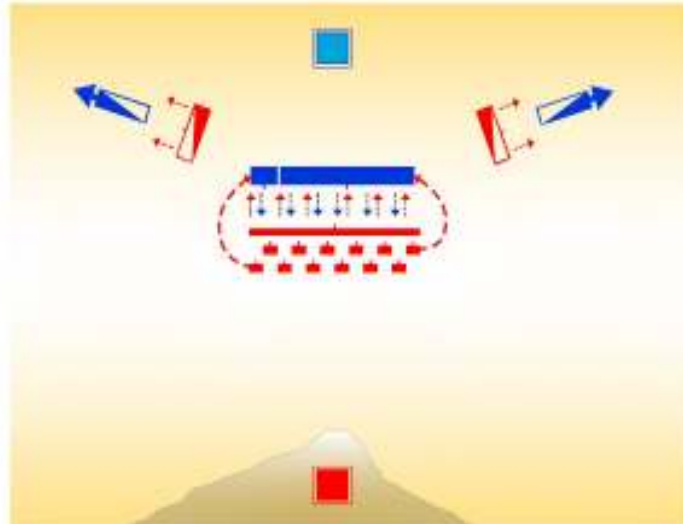


- Legenda**
- Romano
 - Cartagineses
 - Acampamento
 - ▤ Cavalaria
 - ▥ Infantaria
 - Movimento
 - ↑ Ataque
 - ↓ Fuga

No quarto dia, Cipião, receoso da possível chegada de reforços ao inimigo, manda as suas tropas avançarem tanto que o confronto se tornou inevitável. Logo após o primeiro embate das cavalarias pelos líbios, verificou-se a superioridade romana, empurrando com facilidade os corpos de cavalaria númida e púnicos, que assumiram numa desbandada geral. No castro, a selépe foi restitua, com os celiberos a lutarem encorajadamente pela sua própria sobrevivência.

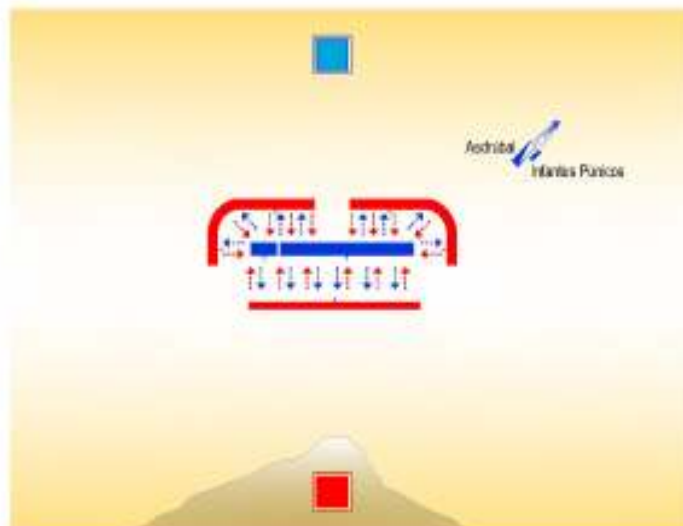
BATALHA DAS GRANDES PLANÍCIES - 24 DE JUNHO DE 203 a.C.

3ª FASE



Para debater a intensa resistência que se verificava ao centro, Cipião ordenou o desdobramento das linhas de príncipes e triarii numa manobra de envolvimento pelos flancos dos celtiberos e do que restava dos infantis cartagineses, atordando e que estes se encontravam já sem a proteção lateral das suas tropas montadas. Perseguidos pela cavalaria de Lúlio e Márcio os cavaleiros cartagineses e nômadas foram dizimados.

4ª FASE



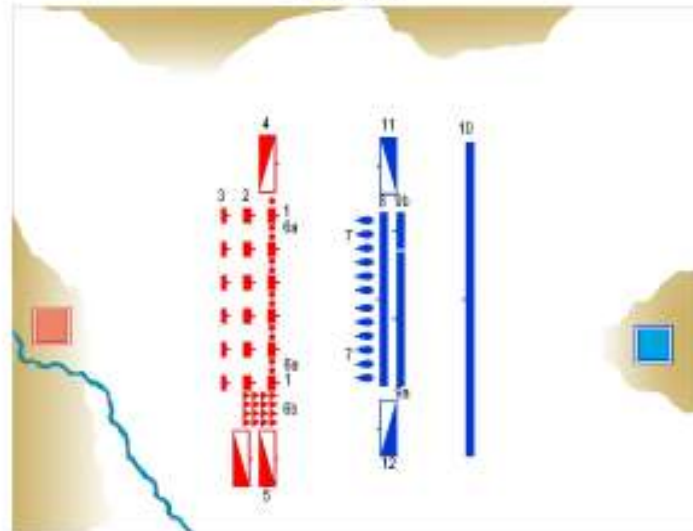
Legenda

- Romanos
- Cartagineses
- Acampamento
- ↔ Cavalaria
- ↕ Infantaria
- ⋮ Movimentos
- ↖ Ataque
- ↗ Fuga

Apesar cercados nesta manobra de envolvimento, os infantis cartagineses, e particularmente o contingente celtibero, apesar de resistirem ferozmente às tropas de Cipião, acabaram por ser totalmente dizimados. Verifica-se uma fuga de Asdrubal e de infantis púnicos para Cartago. Sifax consegue esquivar-se à cavalaria romana e foge para Cirta.

BATALHA DE ZAMA - 19 DE OUTUBRO DE 202 a.C.

1ª FASE



ROMA:
 Públio Cornélio Cipião
 Massinissa (4.000 cavaleiros e 6.000 infantis)

29.500 infantis
 5.500 cavaleiros
 1.500 montes
 4.000 feridos

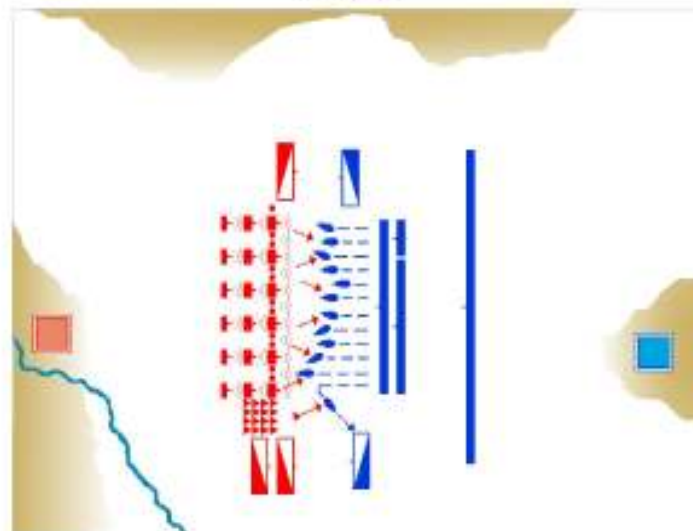
CARTAGO:
 Aníbal Barca

36.000 infantis
 4.000 cavaleiros
 80 elefantes
 20.000 montes
 20.000 prisioneiros

1 - Hastati 4 - Cavalaria Italiana (Lúlio - 1.000) 7 - Elefantes (80) 8a - Cartagineses e Líbios 10 - Macedônios (?)
 2 - Principes 5 - Cavalaria Númida (Massinissa - 4.000) 8 - Mercenários 11 - Cavalaria Cartaginesa - Asdrubal Gêgio
 3 - Triarii 6a - Velites 6b - Númidas 10 - Voluntas 12 - Cavalaria Númida - Topou e Medido

Cipião coloca os seus manipulos não no tradicional quincúncio, mas fez alinhá-los em colunas que permitiram a criação de largos 'corredores' destinados a minimizar a carga dos elefantes. Os velites deviam atrair os paquidermes para os 'corredores' abertos-os por todos os lados. A cavalaria romana de Lúlio estava na ala esquerda e na direita encontrava-se Massinissa e as suas cavaleiros. Aníbal criou um dispositivo em que dispôs as suas tropas em três linhas, logo atrás dos elefantes e reservou a cavalaria cartaginesa para a sua ala direita e a númida para o outro flanco. A sua primeira linha de infantaria era composta por mercenários Lígures, Céltas, Massilianos e Baleares. A 2ª integrava cidadãos sírios recém-recrutados, macedônios e cartagineses e na 3ª, muito recuada, colocou os seus veteranos, a sua melhor tropa.

2ª FASE



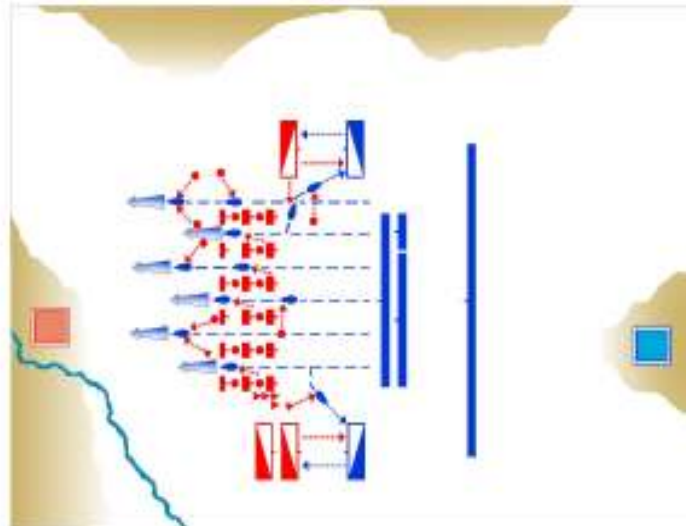
Legenda

- Romano
- Cartagineses
- Acampamento
- Cavalaria
- Infantaria
- Infantaria ligeira romana
- ▲▲ Infantaria ligeira númida
- Elefantes
- Movimento
- Ataque
- ↘ Fuga

Aníbal dá início à batalha com a carga dos elefantes mas, durante o seu avanço, são surpreendidos por uma avassaladora onda sonora saída dos legiões, que os alarmiza. Muitos deles retrocedem sobre as suas próprias linhas, numa tentativa de fuga, começando por avançar sobre a cavalaria númida da ala esquerda.

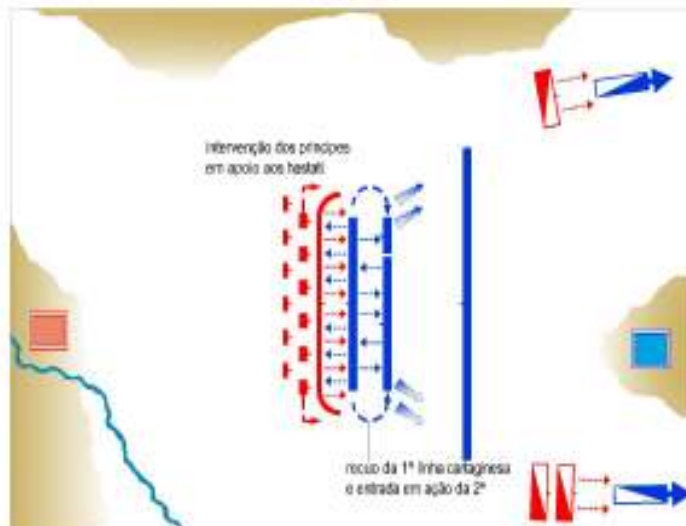
BATALHA DE ZAMA - 19 DE OUTUBRO DE 202 a.C.

3ª FASE



Posteriormente outros elefantes investem sobre a cavalaria cartaginesa da ala direita originando assim também a sua desorganização. Os contra-ataques de Massinissa e de Lúlio conduziram ao seu desbaratamento e conseqüente fuga. Os restantes elefantes, embora conseguindo fazer ainda alguns estragos nos velles, estavam nos 'corredores' onde foram fortemente atacados, acabando por ser mortos ou capturados.

4ª FASE



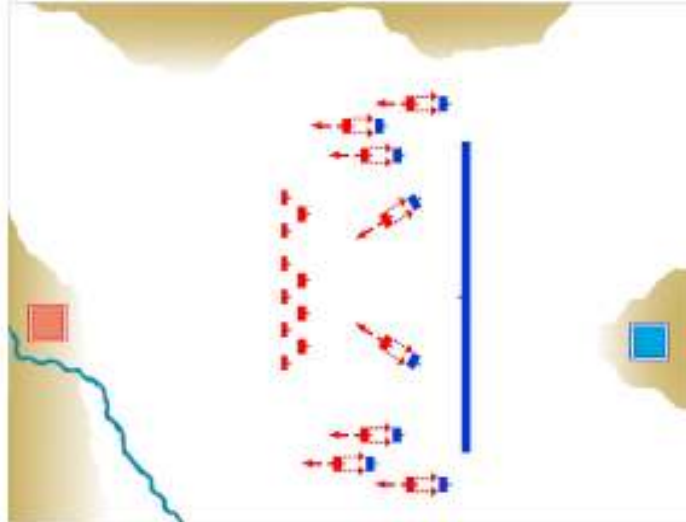
No choque dos hastati com a 1ª linha de Aníbal verifica-se em período inicial bastante difícil para os romanos que conseguiram inverter a situação e empurrar os mercenários punicos contra a segunda linha cartaginesa. Esta não os deixou passar para a sua retaguarda, o que gerou confrontos dentro do exército de Aníbal. Quando entra a 2ª linha púnica em combate, consegue repetir a investida dos hastati, mas a pronta intervenção dos príncipes, conjugada com a superior extensão da frente romana, faz com que a forte pressão frontal, combinada com o ataque nos flancos, tenha começado a esmagar a resistência cartaginesa.

Legenda

- Romanos
- Cartagineses
- Acampamento
- Cavalaria
- Infantaria
- Infantaria ligeira romana
- ▲▲ Infantaria ligeira númida
- ▲ Elefantes
- Movimentos
- Ataque
- Fuga

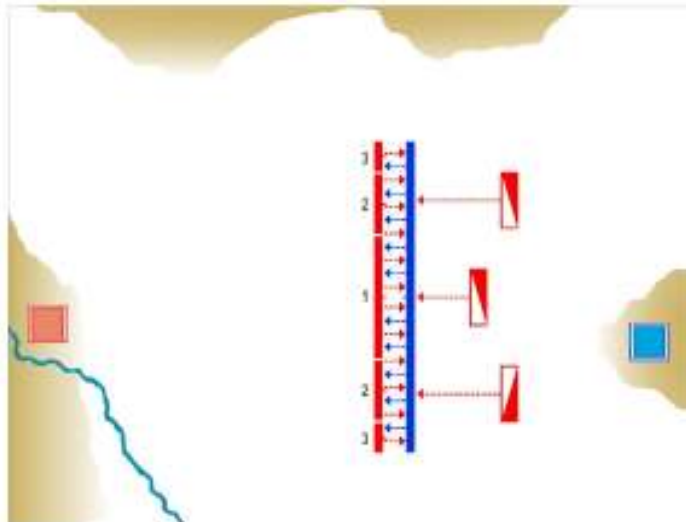
BATALHA DE ZAMA - 19 DE OUTUBRO DE 202 a.C.

5ª FASE



Os hastati lançaram-se no seu encalço, ficando temporariamente desorganizados, bem como alguns dos príncipes que já os tinham apoiado. Em seguida, verifica-se uma suspensão nos combates, pois Cipião manda localizar e reunir as tropas que se encontram dispersas na vanguarda e que obedecem de imediato.

6ª FASE



1 - Hastati 2 - Príncipes 3 - Triarii

O general romano, a fim de prevenir uma possível manobra de evolvimento pela grande extensão da terceira linha de Aníbal, alargada ainda com o remanescente das duas primeiras, vai pretender criar uma longa linha equivalente à adversária. Manda formar os hastati ao centro sem intervalos, e coloca em cada um dos flancos metade do contingente dos príncipes e metade da dos triarii. Romanos e cartagineses carregam com tal ímpeto que a batalha esteve indecisa durante muito tempo, até que Massinissa e Lúlio chegaram e atacaram pela retaguarda o exército cartaginês.